



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

**BASQUETEBOL NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO, AVALIAÇÃO E
APLICABILIDADE DE UM LIVRO DIDÁTICO**

Heitor de Andrade Rodrigues

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

Março - 2009

Heitor de Andrade Rodrigues

**BASQUETEBOL NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO, AVALIAÇÃO E APLICABILIDADE
DE UM LIVRO DIDÁTICO**

Orientadora:

Prof^a. Dra. **Suraya Cristina Darido**

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do
Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em
Ciências da Motricidade.

Rio Claro
Estado de São Paulo
Janeiro de 2009

*Dedico esse trabalho às
pessoas mais preciosas em
minha vida: aos meus pais
Adriano e Suzana; e à
minha irmã Veridiana.*

Agradecimentos

Das inúmeras páginas que compuseram esse manuscrito, infelizmente, apenas uma foi reservada a expressar minha gratidão por aqueles que fizeram parte dos caminhos percorridos nesse estudo.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais Suzana e Adriano, os quais foram fundamentais na realização desse sonho. À minha irmã Veri pela confiança e o constante apoio.

À minha avó Lourdes, minha tia Marizilda e minha madrinha Eleusa, pela fé e pela oração depositada em meu percurso.

À Tatiana (Taty), amiga e namorada, que soube como ninguém ser paciente e compreensível.

Com imensa gratidão, agradeço a minha querida professora e orientadora Suraya, a qual conduziu com muita competência e comprometimento meus caminhos nessa dissertação.

Agradecimento especial dedico aos professores participantes desse estudo: Firmino, Rafael Kocian, Rafael (Charlie), Vanessa, Larissa e Rossana, verdadeiros protagonistas do estudo.

Aos professores Lilian, Irene (Tati) e Amauri, os quais contribuíram na avaliação e análise da pesquisa.

Às minhas alunas e estagiários do basquetebol infantil: Ana Bianchini, Flávia, Marcela, Luiza, Jéssica, Beatriz, Júlia Surge, Isabella, Caroline, Raísa, Giovanna, Thiago e Enthony. Em especial agradeço a Luiza e o Thiago, por terem colaborado com as fotos do livro didático.

Aos meus companheiros do LETPEF (Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física).

Aos colegas do LEF 2006, em especial, os que estiveram mais próximos esses dois anos: Deco, Jailton, Newton, Dinão, Camila e Dani.

Aos meus amigos: Erlon, Túlio, Tiago, Rafael (Branco), Rafael (Cubano), Kelly e Flávia Fenerich, que na convivência fazem a diferença.

E a todos aqueles que contribuíram para que esse trabalho fosse uma realidade.

O MEU MUITO OBRIGADO!!!

*das coisas
que eu fiz a metro
todos saberão
quantos quilômetros
são
aquelas
em centímetros
sentimento mínimos
ímpetos infinitos
não?*

*Paulo Leminski,
Capríchos e Relaxos.*

RESUMO

Atualmente, o livro didático vem sendo reconhecido como um material indispensável ao processo de escolarização. No campo da Educação Física a produção e estudo do livro didático permanecem praticamente negligenciados. O objetivo do presente estudo foi, em uma primeira etapa, elaborar um livro didático de basquetebol para o Ensino Fundamental: um dirigido ao professor e outro ao aluno. Na segunda etapa o objetivo dessa pesquisa foi investigar como cinco professores de Educação Física avaliam a aplicabilidade do livro didático de basquetebol. E na terceira etapa foi investigar como um professor utiliza esse livro em situações reais de ensino. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa. Na etapa de elaboração do livro didático utilizou-se o referencial da pesquisa teórica. Na etapa de avaliação do livro didático optou-se pelo estudo exploratório, tendo a entrevista como instrumento de coleta de dados. Na terceira etapa foram realizadas observações sistemáticas da aula de um professor, para tanto, apoiou-se no estudo de caso. Os resultados apontaram que a elaboração de um livro didático é uma tarefa complexa e existem poucos princípios que fornecem suporte a esse trabalho. Os professores se identificaram com a proposta do livro didático de basquetebol e apontaram vantagens e desvantagens para sua utilização no cotidiano escolar. Os professores apresentaram dificuldades de visualizar a aplicabilidade do livro didático em suas práticas, uma vez que não há tradição de seu uso em aulas de Educação Física. Quanto ao uso do livro didático, o professor investigado demonstrou pouco interesse pelo livro do professor, por outro lado, utilizou amplamente o livro destinado ao aluno. Por fim, observou-se que os alunos receberam o livro didático de formas variadas e as relações que eles estabelecem com o livro didático modifica-se de acordo com o comprometimento do professor em relação ao uso do material. A prática pedagógica em Educação Física vem exigindo dos professores um trabalho cada vez mais intenso de estudo e pesquisa sobre as novas propostas para esse componente curricular, por outro lado, os professores encontram poucos materiais curriculares que dêem respaldo a esse tipo de trabalho, apontamos assim, o livro didático como uma das possibilidades de contribuir com o trabalho dos professores, bem como, com as aprendizagens dos alunos e com a melhoria na qualidade das aulas de Educação Física na escola.

Palavras Chave: Livro didático, Basquetebol e Educação Física escolar

BASKETBALL IN SCHOOL: THE CONSTRUCTION, EVALUATION AND APPLICABILITY OF A TEXT BOOK

ABSTRACT

Nowadays, text book has been recognized as an indispensable material to education process. In the field of Physical Education the text book's production and study became practically neglectful. The present study's objective was, in a first stage, to elaborate a basketball text book for the Fundamental Teaching: one focusing the teacher and other the student. In the second stage the research's objective was to investigate how five Physical Education teachers evaluate the applicability of the basketball text book. And in the third stage it was to investigate how a teacher uses that book in real situations of teaching. The methodology used was qualitative. In the stage of the text book's elaboration it was used the reference of theoretical research. In the evaluation stage of the text book it was chosen the exploratory study, the interview was a data collection instrument. In the third stage it was observed systematically a teacher's class, for this, it was supported by case study. The results pointed that the elaboration of a text book is a complex task and there are few principles that gives support for this. Teachers identified themselves with the proposal of the basketball text book and they pointed advantages and disadvantages for its use in school. The teachers presented difficulties of visualizing the applicability of the text book in their practices, once there is no tradition on text books in classes of Physical Education. Concerning the use of the text book, the investigated teachers demonstrated little interest for the teacher's book; on the other hand, they used the student's book thoroughly. Finally, it was observed that the students received the text book in different ways and the relationships they establish with it changes according to the teacher's commitment to the material use. The pedagogic practice in Physical Education is demanding a more and more intense work from teachers, studying and researching on the new proposal, for that curricular component, on the other hand, the teachers found few curricular materials that gives a support to that type of work, we suggest that text book can be one of the possibilities of contributing with the teachers work, as well as, with the students learning and, with the improvement in quality of the classes of Physical Education in school.

Words Key: Text book, Basketball and, school Physical Education

SUMÁRIO

	Página
1. Introdução.....	01
1.1 Objetivo.....	05
2. Capítulo I - Livro didático.....	06
2.1 O que é livro didático.....	06
2.2 Pesquisas sobre o livro didático.....	09
2.3 Críticas e possibilidades dos livros didáticos.....	11
2.4 Livro didático no contexto da Educação Física.....	13
3. Capítulo II - Por que e para que ensinar esporte e basquetebol na escola?.....	18
4. Capítulo III - O que ensinar do basquetebol?.....	25
4.1 O que ensinar: A técnica esportiva.....	31
5. Capítulo IV - Como ensinar basquetebol?.....	40
6. Materiais e Métodos.....	47
7. Resultado e Discussão.....	55
7.1 O livro didático de basquetebol.....	55
7.2 Livro do professor.....	61
7.3 Livro do aluno.....	106
7.4 O livro didático de basquetebol: a visão dos professores.....	126

8. Considerações Finais.....	156
9. Referências.....	162
10. Anexo I - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	169
11. Anexo II – Transcrição de uma entrevista.....	170

1. Introdução

Ao longo desse estudo tratarei de dois temas centrais, o basquetebol e o livro didático, analisando suas possibilidades na Educação Física escolar.

De fato, poderia optar por inúmeras manifestações corporais, mas considerando as experiências vividas preferi não me afastar do esporte, particularmente do basquetebol.

Nasci e cresci em Franca (SP), como se sabe a cidade brasileira com mais tradição no basquetebol. Na infância e adolescência acabei mergulhando nessa cultura, iniciei a prática do esporte na rua¹ e com o tempo me aperfeiçoei nos clubes da cidade. Além disso, mais recentemente, na atuação profissional como professor de Educação Física estudo e trabalho com essa modalidade na iniciação e no treinamento esportivo.

Por outro lado, no decorrer da formação inicial no curso de licenciatura em Educação Física, estive bastante sensibilizado e preocupado com as questões da Educação Física na escola e comprometido com a transformação da identidade desse componente curricular. Ansioso por melhorias na qualidade das aulas e nas condições de trabalho dos professores, iniciei juntamente com o grupo de estudos LETPEF² algumas discussões preliminares sobre a possibilidade de construção e de uso do livro didático em aulas de Educação Física.

¹ Na cidade de Franca (SP), ao longo da década de 1990, a Prefeitura Municipal em conjunto com entidades ligadas ao basquetebol oferecia e instalava gratuitamente cestas de basquetebol nas ruas da cidade, por um período algumas vias tornaram-se ponto de encontro de praticantes.

² Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física – UNESP- Rio Claro.

Essas foram algumas motivações pessoais que ancoraram a realização do presente estudo, a paixão pelo basquetebol e o comprometimento em difundir e democratizar o acesso desse conhecimento na Educação Física escolar mediado pelo livro didático.

O basquetebol brasileiro é rico em episódios que marcaram sua história em nosso país com momentos significativos na construção da identidade dessa manifestação cultural no Brasil, como façanhas alcançadas em Campeonatos Mundiais, Olimpíadas e Pan-americanos³.

Atualmente o basquetebol brasileiro vive um bom momento no que diz respeito à revelação de talentos individuais. Os exemplos de jogadores que frequentam as quadras norte-americanas e européias são os mais diversos, nunca em sua história o Brasil exportou tantos atletas. Apesar dessas conquistas as seleções nacionais, em particular a masculina, não vem alcançando bons resultados em competições internacionais, ficando fora das últimas três Olimpíadas (Sidney 2000, Atenas 2004 e Pequim 2008) e com um péssimo 19º lugar no Mundial do Japão de 2006.

Alguns especialistas apontam que a revelação e exportação de jogadores talentosos não é um privilégio do Brasil, e que atualmente inúmeros países têm representantes na NBA (National Basketball Association), WNBA (Women's National Basketball Association) e Euroliga, ou seja, ter jogadores nessas ligas já não é fator de desequilíbrio para as seleções. Outros alertam que os atletas brasileiros têm pouco interesse em representar o Brasil, muito diferente das gerações anteriores representadas por Wlamir Marques e Amaury Passos, Marcel Souza e Oscar Schmidt, entre outros.

Em âmbito nacional a situação também não é nada animadora, a falta de organização dos clubes e federações com episódios lamentáveis, como o término do Campeonato Nacional Masculino 2005/2006 sem campeão, enfraquece o investimento no basquetebol nacional limitando sua divulgação e desenvolvimento.

Mas a proeminência do basquetebol não se resume ao alto rendimento, a vivência desse esporte também permeia outros ambientes com objetivos bastante diversificados, como o lazer, a busca da saúde e a apreciação do espetáculo esportivo. Na cidade de Franca, por exemplo, são milhares de jogadores praticando o esporte periodicamente ou nos finais de semana, as categorias de base masculina e mais recentemente feminina, estão repletas de

³ O Brasil é bi-campeão Mundial de basquetebol masculino, sendo o primeiro título conquistado em 1959, no Chile e o segundo título conquistado em 1963, no Brasil. Além disso, uma das vitórias mais reconhecidas do basquetebol masculino foi no Pan-americano de Indianápolis (EUA) em 1987, onde os brasileiros venceram os norte-americanos na final. No feminino o Brasil foi campeão Mundial na Austrália em 1994, vice-campeão Olímpico em Atlanta 1996 e um de seus episódios mais marcantes foi no Pan-americano de Havana (Cuba) em 1991, quando o Brasil venceu as donas da casa na partida final.

iniciantes no esporte, sem contar os inúmeros apreciadores que mantêm os ginásios lotados em uma cidade com população de 327 mil habitantes.

Dentro das diversas possibilidades da prática do basquetebol, podemos citar ainda a escola, o clube, o basquetebol de rua (streetball, equipe de basquetebol AND1), o basquetebol em cadeira de rodas, as diversas animações sobre o basquetebol (por exemplo, livros e seriados televisivos SLAM DUNK) e até mesmo filmes sobre esse esporte (por exemplo, Coach Carter).

Todas essas manifestações compõem a cultura do basquetebol, são acontecimentos, fatos, datas, conhecimentos, vivências, práticas, valores construídos e transformados ao longo do tempo, trata-se de um rico patrimônio produzido pela humanidade e que acreditamos ser indispensável preservar e transmitir às novas gerações.

Surge assim um questionamento: qual será o espaço/tempo privilegiado para a transmissão desses conhecimentos? Mais especificamente, qual será o ambiente, no qual as novas gerações poderão ter acesso a essa manifestação cultural que é o basquetebol?

A resposta parece simples e a maioria dos educadores tem claro que deveria ser a escola e que no caso particular do esporte, o espaço/tempo privilegiado para seu ensino-aprendizagem é o do componente curricular Educação Física.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) compreendem a Educação Física:

[...] como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1998, p.29).

Dessa forma a Educação Física escolar através de seus meios e fins será o espaço/tempo destinado ao ensino-aprendizagem das práticas corporais produzidas pela humanidade ao longo do tempo, dentre elas o esporte e particularmente o basquetebol.

Ensinar essa manifestação esportiva não é tarefa simples. Ao professor da escola é indispensável ter conhecimentos técnicos (conhecer minimamente o esporte, a dinâmica do jogo, suas regras, os movimentos mais característicos), além de dispor de conhecimentos didático-pedagógicos (como organizar a aula, selecionar os conteúdos, avaliar os alunos, solucionar problemas de aprendizagens, resolver conflitos, entre outros exemplos).

Nesse sentido, quais elementos dão sustentação aos professores quanto à organização, implementação e avaliação de aulas sobre o basquetebol?

Os professores parecem recorrer basicamente a cinco fontes: às experiências anteriores como alunos, adaptando ou reproduzindo o que aprenderam com antigos mestres; à utilização de conhecimentos aprendidos na formação inicial, principalmente aqueles veiculados nas disciplinas específicas sobre esporte; às informações veiculadas pela mídia; às experiências socializadas com outros colegas, no cotidiano escolar; e em última análise, recorrem a alguns livros com exemplos de atividades, mas que nem sempre foram elaborados com finalidades didáticas (DARIDO, 2003).

A construção de um livro didático de basquetebol com finalidades didáticas, que desse suporte ao trabalho do professor, como fonte de idéias, referenciais para fundamentação e aprofundamento de conceitos, sugestões de procedimentos, relatos de experiências bem sucedidas, entre outras características, poderia auxiliar a qualidade das aulas e consequentemente as aprendizagens dos alunos.

Infelizmente, as discussões sobre o livro didático na Educação Física permanecem de alguma forma negligenciadas.

A elaboração e produção de livros didáticos de Educação Física é bastante reduzida, um dos únicos livros que foi escrito para ser utilizado como material de apoio aos alunos foi elaborado por Teixeira (1983) com nome de TDEF (Trabalho Dirigido de Educação Física). No levantamento realizado pelo Livres⁴ (Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros) apenas 11 manuais de Educação Física foram cadastrados e a maioria deles datados do início do século XX, a partir da década de 1990 nenhum livro foi cadastrado na base de dados desse componente curricular.

A ausência de estudos sobre o livro didático na Educação Física dificulta análises mais abrangentes quanto aos desdobramentos desse instrumento em aulas desse componente curricular.

No campo amplo da Educação o estudo do livro didático tem despertado bastante interesse dos estudiosos, e nas últimas décadas houve um crescimento considerável das discussões sobre esse assunto (CHOPPIN, 2004; BITTENCURT, 2004).

Consideramos urgente a Educação Física inserir-se no âmbito das discussões sobre o livro didático, o que em nosso entendimento pode contribuir significativamente com o trabalho docente e com a qualidade das aulas.

⁴ Trata-se de um grupo de pesquisa que passou a organizar a produção do livro didático no Brasil, mais especificamente na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Importante ressaltar que discutir a necessidade do livro didático na Educação Física não deve ser confundido com o processo de sistematização dos conteúdos ao longo dos ciclos de ensino, ou seja, quando falamos em livro didático estamos propondo a elaboração de um tipo de material de apoio ao professor, que poderá ser utilizado em qualquer série ou bimestre, dependendo das escolhas e das necessidades do contexto, da escola e do professor envolvido.

No caso da sistematização dos conteúdos, outro enfoque teria que ser analisado, estudado e pesquisado, pois nesse caso a busca seria por identificar também quais conteúdos deveriam estar presentes no 6º, 7º, 8º e 9º anos e assim por diante. Porém, não é o foco desse trabalho promover esse tipo de discussão.

1.1 Objetivo

O objetivo do presente estudo foi em um primeiro momento elaborar um livro didático de basquetebol para o Ensino Fundamental: um dirigido ao professor e outro ao aluno. Em um segundo momento o objetivo dessa pesquisa foi investigar como cinco professores de Educação Física avaliam a aplicabilidade do livro produzido anteriormente sobre o basquetebol. E em uma terceira etapa foi investigar como um professor utiliza esse livro em situações reais de ensino.

Na revisão de literatura, discutimos os sentidos e significados do livro didático, bem como suas implicações na Educação e na Educação Física, para em sequência discorrermos sobre aspectos relativos ao basquetebol, mais especificamente; por que, para que, o que, e como ensinar basquetebol, atentando para o ambiente escolar. Esperamos assim, delinear o referencial teórico que respalda o estudo.

2. Capítulo I - Livro didático

2.1 O que é livro didático?

O livro didático tem despertado o interesse de estudiosos de várias áreas do conhecimento. Nas últimas décadas houve um crescimento considerável das discussões sobre esse material, além de um significativo aumento das perspectivas analisadas.

A utilização do livro didático é assunto bastante polêmico e recebe críticas principalmente sobre seu caráter ideológico. Apesar disso, tem sido considerado um instrumento indispensável ao processo de escolarização (BITTENCOURT, 2004).

Em uma aproximação inicial a definição de livro didático não traz grande dificuldade. Na compreensão de Batista (2000):

Trata-se desse tipo de material que faz parte de nosso cotidiano: que é adquirido, em geral, no início do ano, em livrarias e papelarias quase sempre lotadas; que vai sendo utilizado à medida que avança o ano escolar e que, com alguma sorte, poderá ser reutilizado por outro usuário no ano seguinte. Seria, afinal, aquele livro ou impresso empregado pela escola, para desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação (BATISTA, 2000, p. 534).

Para Munakata (2000) trata-se de um livro que por inúmeras vezes é transportado de casa para escola e da escola para casa. Um tipo de livro raramente lido completamente, da primeira à última página. Livro que envolve uma gama diversificada de práticas, fato que indica uma relação de uso e não somente de leitura. E de forma peculiar é um instrumento intimamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem.

Sobre a definição do livro didático Lajolo (1996) apresenta que:

[...] para ser considerado didático, um livro precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado pelo professor (LAJOLO, 1996, p. 4).

Apesar da clareza das conceituações, o termo livro didático acaba abarcando uma série de materiais impressos que circulam no ambiente escolar, assumindo com bastante frequência funções diferentes daquelas para as quais foi elaborado e produzido, aspectos que podem dificultar sua definição (BATISTA, 2000; BITTENCOURT, 2004).

Choppin (2004) considera que a definição do termo “livro didático” não é tarefa tão simples como pode parecer e que a delimitação desse conceito apresenta-se como um empecilho às pesquisas com esse material. Em sua análise, em diversas línguas, o livro didático é designado de inúmeras maneiras e nem sempre é possível explicitar as características dessas denominações, por outro lado, a utilização de uma mesma palavra nem sempre se refere ao mesmo objeto.

Entendemos o livro didático como um material intimamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, elaborado e produzido com a intenção de auxiliar as necessidades de planejamento, intervenção e avaliação do professor, bem como de contribuir para as aprendizagens dos alunos.

Para as finalidades desse estudo consideramos livro didático o conjunto dos manuscritos produzidos para o professor e para o aluno. O conteúdo do livro do professor e do aluno será idêntico ou semelhante, mas as características de cada um deles serão distintas.

O livro do professor, por exemplo, traz a discussão do conteúdo de forma aprofundada, com textos para fundamentação de informações e conceitos, bem como a indicação de princípios no encaminhamento das atividades. Já no livro do aluno o conteúdo é apresentado de maneira simplificada e a ênfase é dada na resolução de problemas e exercícios.

Corroborando a idéia de que o livro didático pressupõe um material ou materiais destinados a professores e alunos, Munakata (2000) afirma que ler/usar o livro didático implica ao menos dois leitores permanentes (professor e aluno), sendo essa relação estrutural no livro didático, já que a ausência de um ou de outro descaracterizaria o material.

Na definição de Choppin (2004) os livros didáticos podem exercer quatro funções essenciais de acordo com o ambiente, disciplina, nível de ensino, métodos e formas de utilização.

Primeiramente, exerce função referencial quando se constitui em suporte dos conteúdos educativos apresentando conhecimentos, técnicas, habilidades e métodos considerados necessários à aprendizagem das novas gerações.

Em segundo lugar, terá função instrumental quando for utilizado na resolução de atividades e exercícios pautados em métodos de aprendizagem que facilitarão a memorização de conhecimentos, aquisição de competências, aprimoramento de habilidades, técnicas, etc.

A terceira função bastante conhecida e frequentemente criticada é a ideológica e cultural, capaz de doutrinar e aculturar de maneira velada e até mesmo de forma explícita.

De acordo com Bittencourt (2004) os balanços bibliográficos demonstram que a partir de 1960 houve uma tendência em analisar os conteúdos dos livros didáticos atentando-se para o caráter ideológico dos mesmos.

Munakata (2003) corrobora com Bittencourt (2004) afirmando que ao longo da Ditadura Militar no Brasil as análises do livro didático foram, quase que exclusivamente, quanto ao seu caráter ideológico. Curiosamente, qualquer conteúdo ou idéia que fugisse aos referenciais do pesquisador eram consideradas ideológicas.

Por fim, a quarta função apontada por Choppin (2004) é a documental. Trata-se de um conjunto de documentos textuais e icônicos, cuja observação e confrontação pode desenvolver o espírito crítico do aluno, mas que precisam estar vinculados a ambientes de aprendizagem que privilegiam a iniciativa dos alunos, exigindo um nível de formação elevada dos professores.

Assim como Choppin (2004), entendemos que um livro didático pode envolver mais de uma das funções elencadas, nesse sentido pensamos no livro didático de basquetebol como um material que envolva algumas das características apontadas acima. Não tivemos a

pretensão de que o material se torne um referencial único de conteúdos, apesar disso, o livro aborda conhecimentos, técnicas e habilidades que consideramos fundamentais para os alunos aprenderem, além disso, no que diz respeito à função instrumental apresentamos uma série de atividades e exercícios que podem auxiliar os alunos na aprendizagem do esporte, bem como o recurso de textos e imagens que podem ser explorados por professores e alunos.

2.2 Pesquisas sobre o livro didático

Choppin (2004) em clássico estudo sobre o livro e as edições didáticas, destaca importantes transformações nesse campo de pesquisa em âmbito internacional.

Apresenta que a investigação científica do livro didático por muito tempo privilegiou as pesquisas de cunho ideológico e cultural e somente nas últimas décadas evidenciou-se a preocupação com a análise dos conteúdos do livro em uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática (CHOPPIN, 2004).

Com isso, os pesquisadores passaram a interrogar-se sobre as finalidades do ensino, sobre conteúdos e métodos, colocando aos livros dúvidas quanto aos discursos que veiculam, concepções de história, teoria científica, conhecimentos fundamentais, métodos de aprendizagem, entre outros exemplos. Tal fato permitiu maior destaque aos componentes curriculares que tinham sido negligenciados em estudos anteriores, tais como a Física, Química, Línguas. Mas esse movimento não atingiu a Educação Física.

O recurso às técnicas de informação, à acumulação de dados e sistematização, bem como à normatização de abordagens e métodos, também permitiu o estudo sistemático do contexto legislativo e regulador que condiciona a existência, estrutura e produção de livro didático. Além de favorecer iniciativas exaustivas de recenseamento, acumulação e difusão da produção escolar (CHOPPIN, 2004).

Já nos últimos vinte anos, com a extensão do campo de investigação, deu-se início aos estudos que se interessam pelas várias etapas que balizam a existência de um livro didático, dentre elas, nos chama atenção especial e será um dos focos desse estudo a relação entre o livro didático e o professor, mais especificamente como os professores utilizam esses materiais, qual seu uso no cotidiano da prática pedagógica.

Quanto às pesquisas sobre o livro didático Cassab e Martins (2008) fazem o seguinte questionamento:

Embora um número crescente de pesquisas e ações governamentais (AMARAL, 2006; FERREIRA, 2004; MARTINS, 2006; SELLES &

FERREIRA, 2004 e SOUZA, 1999) tenha o livro didático (LD) como foco, observa-se, de forma geral, que estas pouco problematizam aspectos relacionados ao seu uso por professores e alunos no ambiente escolar nem práticas de leitura a ele associadas. Em particular, é ausente a discussão das relações que o professor, mediador por excelência das interações entre livro-aluno-conhecimento, estabelece com este material. (CASSAB e MARTINS, 2008, p.2).

Tratando da realidade brasileira, Batista (2000) afirma que as investigações do livro didático por parte do meio acadêmico, bem como sua utilização no contexto da Educação Básica são vistas como prática de menor valor e tratadas com certo desprestígio (BATISTA, 2000). Em suas palavras: “Livro “menor” entre os “maiores”, de “autores” e não de “escritores”, objetos de interesse de “colecionadores”, mas não de “bibliófilos”, manipulados por “usuários”, mas não por leitores [...]” (BATISTA, 2000, p.530).

Batista (2000) contesta o pouco valor atribuído ao livro didático. Em seus argumentos, eles são as principais fontes impressas utilizadas por professores e alunos, além de constituir o principal impresso no letramento e escolarização de parte significativa da população brasileira.

No caso particular do Brasil essa preocupação com o estudo do livro didático deveria ter atenção redobrada se levássemos em conta a proporção de livros produzidos e comercializados no país. Para se ter uma idéia, no ano de 1997, cerca de 70% dos livros produzidos no país foram destinados ao ensino⁵ (BATISTA, 2000).

Outro aspecto relevante é que as relações entre livro didático e escola adquirem contornos bastante complexos. Compreende-se atualmente que os livros não são apenas mera adaptação dos conteúdos da cultura e da ciência, mas em algumas situações é o próprio livro o precursor de saberes e conhecimentos apropriados por esferas da cultura e da ciência (BATISTA, 2000).

O pouco valor atribuído às investigações científicas a respeito do livro didático estende-se até meados dos anos 1980. No Brasil, o período representado pela ditadura militar contribuiu sobremaneira para configuração dessa realidade (MUNAKATA, 2003).

Na análise de Munakata (2003), em meio às reformas educacionais promovidas pelos militares, os livros didáticos foram considerados suportes da ideologia oficial. Com isso, aqueles que de alguma forma levaram o livro didático a sério foram identificados como colaboradores da ditadura.

⁵ Dado apresentado por Batista (2000) e obtido no Jornal Folha de São Paulo do dia 24 de abril de 1998.

A crítica do livro didático tornou-se uma trincheira contra a ditadura. Proliferaram discursos conclamando os professores a abandonar essas “muletas” em nome de uma educação “criativa”, “reflexiva”, “crítica” – embora raramente essas palavras fossem objeto de elucidação (MUNAKATA, 2003, p.3).

Munakata (2003) concorda que inúmeros livros didáticos faziam apologia à ditadura e foram merecidamente criticados, mas assim como a ditadura encontrava subversão em qualquer gesto, a ideologia era encontrada em cada parágrafo, como se a ideologia fossem os outros.

2.3 Críticas e possibilidades dos livros didáticos

Entre os críticos fervorosos do uso do livro didático, Silva (1988) apresenta inúmeros aspectos que segundo ele “empurram” os professores a utilizar esses materiais. Dentre eles, as péssimas condições materiais da escola, falta de livros, laboratórios e equipamentos; as condições de trabalho, obrigando a uma vida de correria e improvisações; pouca flexibilidade dos programas oficiais; e as estratégias de marketing aplicadas pelas editoras.

Silva (1996) ainda destaca que o livro didático é a insubstituível “muleta” dos professores, material sem os quais não conseguem caminhar. Afirmar que a perda da dignidade do professor brasileiro contrapõe-se a crescente lucratividade das editoras de livro didático e que o apego cego aos livros demonstra a perda da autonomia no ato de ensinar.

Nesse sentido, Silva (1996) apresenta algumas consequências do uso indiscriminado do livro didático, dentre elas, pontua a inversão da relação interativa do aluno com o professor, para uma relação unilateral do aluno e as atividades e exercícios propostos no livro. Critica enfaticamente a compreensão do livro como ponto de partida e chegada do conhecimento, ditando de forma inequívoca os conteúdos a serem desenvolvidos em cada componente curricular.

Importante perceber que as críticas de Silva (1988; 1996) são em relação às inúmeras condições de trabalho que levam os professores a adoção do livro didático, bem como ao uso que os professores fazem desse material. Parece ingênuo culpabilizar o livro didático por todas as mazelas da Educação brasileira, além disso, em nossa compreensão o professor preparado para trabalhar com o livro didático tem condições claras de identificar possíveis incoerências do material, podendo com isso modificar a forma de abordagem ou mesmo descartar seu uso.

Lajolo (1996) sobre o mesmo assunto, aponta que a precariedade das condições de trabalho, para parte significativa dos professores, é a responsável direta por vários desacertos que envolvem o livro didático e a Educação brasileira. Ressalta que professores despreparados e mal remunerados não têm condições mínimas de escolher bons livros e fazem circular materiais de qualidade duvidosa. E que as soluções desses problemas perpassam por uma política educacional de valorização da educação e qualificação profissional dos educadores.

Entretanto, Lajolo (1996) alerta:

O caso é que não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro, repita-se mais uma vez, é *apenas* um livro, instrumento auxiliar da aprendizagem (LAJOLO, 1996, p. 6).

Zabala (1998) apresenta algumas críticas recorrentes ao livro didático e em seguida as rebate atentando para o papel do professor. Pelas características de sua estrutura, os livros didáticos tratam os conteúdos de forma unidirecional, sem que haja diversificação das idéias desenvolvidas. Transmitem com frequência os conhecimentos de maneira acabada e dogmática, não havendo possibilidade de questionamento.

No que diz respeito à metodologia em que estão pautados, os livros didáticos fomentam a atitude passiva, limitando a curiosidade dos alunos. Não favorecem propostas baseadas na realidade, nem mesmo incentivam a comparação entre a realidade e o ensino escolar, impedindo uma formação crítica (ZABALA, 1998).

Além disso, não respeitam o ritmo de aprendizagem dos alunos, seus interesses e expectativas, conduzindo a uniformização do ensino.

Apesar das críticas que podem ser feitas aos livros didáticos, Zabala (1998) afirma que isso não exclui a possibilidade de existência e uso de materiais que não cometam os erros dos livros convencionais.

Nesse sentido, o papel do professor frente a esses materiais será fundamental. Deverá ser capaz de apresentar aos alunos não apenas as idéias contidas no livro, mas também as de outros materiais, com pontos de vista divergentes, levando o aluno a refletir sobre a complexidade do tema trabalhado.

Outro aspecto a ser considerado é a proposta pedagógica da escola, o livro didático deve estar a serviço dos objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações adotadas pelo professor em consonância com o planejamento da escola. Será um equívoco inverter essa

relação, na qual o livro didático passa a ditar os objetivos a serem buscados pela comunidade escolar.

O professor também deve estar atento ao comportamento e atitude dos alunos, promovendo constantemente o debate e reflexão de problemas que se aproximam da realidade dos educandos, favorecendo o protagonismo e minimizando a acomodação e a passividade.

Ainda sim, as informações dos livros didáticos devem ser necessariamente complementadas com a apresentação de outros materiais, tais como vídeos, imagens, filmes, propagandas e revistas, estratégias que incentivem uma visão abrangente e diversificada do assunto trabalhado.

A preocupação dos críticos do livro didático é com a utilização desses materiais como referencial único a ser seguido, nos quais as atividades sejam adotadas e implementadas sem uma análise minuciosa dos conteúdos, não havendo adequação às características da turma, nem mesmo aos objetivos do professor e da escola.

No receio de que essas posturas fossem adotadas pelos professores da Educação Básica, os estudiosos da Educação Física acabaram se abstendo da tarefa de elaborar tais materiais e mais do que isso não se arriscaram a pesquisar profundamente o tema.

O estudo e construção do livro didático perpassam por discussões polêmicas sobre os desdobramentos e conseqüências desse material na escolarização dos alunos. Apesar das inúmeras críticas, acreditamos que o livro didático pode de fato colaborar com o trabalho docente, com a promoção das aprendizagens dos alunos e com fortalecimento da importância da Educação Física na escola.

2.4 Livro didático no contexto da Educação Física

No conjunto da Educação Básica, diversos componentes curriculares compõem o currículo escolar, sendo que a maioria deles possui livros didáticos, os quais são anualmente submetidos ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

Nesse contexto, surge o questionamento: Como fica a disciplina de Educação Física no levante das discussões sobre o livro didático? Por que até o momento nenhum livro de Educação Física foi submetido ao PNLD?

Na Educação Física, pouco tem sido discutido a respeito do livro didático e seus desdobramentos no ambiente escolar.

Ramos (2005) em reflexão sobre a natureza da pesquisa no campo da Educação Física escolar, apresenta temáticas que necessitam ser mais bem exploradas e indica uma carência de

estudos que viabilizem novos olhares para três temas fundamentais: a escola, o aluno e a formação/atuação do professor. No que diz respeito às pesquisas relacionadas ao aluno e ao professor alerta para a lacuna de investigações sobre a produção e utilização de livros didáticos.

Os demais componentes curriculares contam com um número elevado de livros didáticos. Para se ter uma idéia no levantamento realizado pelo Livres, de 1990 até 2007 foram publicados 653 livros didáticos de história e 698 de português, já em relação à Educação Física nenhum livro foi catalogado nesse período. E como afirma Choppin (2004) “é necessário também prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela” (CHOPPIN, 2004, p.557).

Alguns fatores contribuem para compreendermos essa negligência na Educação Física e são comuns aos enfrentados no campo amplo da educação, como a condenação total do livro didático em nome de uma vertente crítica. Além disso, fatores específicos dessa área do conhecimento contribuem na configuração dessa realidade.

Outra razão refere-se ao fato de que historicamente a Educação Física esteve atrelada a uma tradição do saber fazer, da realização dos movimentos, da vivência e experimentação das brincadeiras, dos jogos e dos esportes, tais características tornaram difícil estruturar esse material, assim como conceber sua aceitação junto aos docentes e mesmo ao mercado editorial.

Outro fator também contribuiu para as restrições ao livro didático na Educação Física. O redirecionamento do pensar a respeito do objeto de estudo desse componente curricular na escola, ocorreu a partir dos anos 1980, no mesmo período em que a produção de livro didático era intensamente criticada. Essas críticas podem ter afastado os docentes, ou boa parte deles, da construção e reflexão desses materiais (DARIDO et al., 2008)⁶.

Um dos únicos livros didáticos na área de Educação Física é o bastante difundido Trabalho Dirigido de Educação Física, de Teixeira (1983). O material destinado ao Ensino Fundamental apresenta exemplos de atividades distribuídas em diversos planos de aulas dos conteúdos de ginástica, jogos, esportes coletivos, etc. O livro foi disseminado entre os professores da Educação Básica, embora tivesse sido elaborado para os alunos. Apesar disso, não obteve a devida atenção do meio acadêmico. (DARIDO et al., 2008)

⁶ O presente artigo passa por reformulações e não foi publicado, podendo ser obtido diretamente com os autores (triheitor@yahoo.com.br). “DARIDO, S. C; IMPOLCETTO, F. M; BARROSO, A; RODRIGUES, H. A. Livro didático na educação física escolar: luxo ou necessidade. 2008”.

Em meio à ausência de discussões sobre o livro didático em aulas de Educação Física, algumas medidas isoladas vêm sendo tomadas quanto à elaboração desses materiais. Recentemente o Estado do Paraná⁷ e o Município de Belo Horizonte⁸ identificaram a necessidade de oferecer aos professores materiais que possam servir de apoio às aulas e lançaram materiais didáticos dessa disciplina.

Outro aspecto que nos chama atenção é que as redes particulares de ensino, tais como, Positivo, COC, Anglo e Objetivo também vem elaborando apostilas com vistas ao promissor mercado das redes públicas municipais de ensino⁹.

Quanto a construção e produção de livros didáticos Darido et al. (2008) apresentam outro questionamento relevante, qual seja, não produzir material didático para professor e/ou aluno não impede que os professores utilizem outros livros com esse objetivo, assim como são usados os livros com exemplos de sequências pedagógicas para os esportes, e aplicação de livros com exemplos de jogos e brincadeiras. Materiais nem sempre elaborados com a intenção e objetivo de serem utilizados em situações específicas de ensino aprendizagem. “Ou seja, criticar ou deixar de produzi-lo não implica necessariamente que o professor organizará seu próprio material de acordo com suas necessidades e de maneira autônoma” (DARIDO et al., 2008, p. 6).

Mas se existe clara necessidade de livros didáticos na Educação Física, surge um novo questionamento: Como deve ser o livro didático para esse componente curricular?

Em sua origem, a concepção dominante na Educação Física esteve pautada por uma perspectiva higienista, com a preocupação e valorização de hábitos de higiene e saúde (BETTI, 1991).

Concomitantemente, houve a valorização da Ginástica, fornecendo elementos para o aprimoramento físico dos indivíduos, que eram preparados para suportar o combate e a luta na guerra ou mesmo contribuir como força de trabalho para a indústria.

Com o Governo Militar observou-se, a partir de 1960, a ascensão do esporte como conteúdo exclusivo das aulas, numa perspectiva de detecção de talentos, privilegiando os alunos habilidosos em detrimento dos menos habilidosos.

⁷ <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/livrodidatico>

⁸ http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp

⁹ Em levantamento realizado pelo Jornal Estado de São Paulo (13/04/2008) cerca de 150 municípios do estado de São Paulo adotaram os sistemas particulares de ensino na Educação Infantil e Ensino Fundamental. No Brasil são 300 os municípios incluídos nessa estatística, sendo 690 mil alunos de escolas públicas utilizando os materiais, os quais são obtidos por meio de recursos do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação).

Na década de 1980 esses modelos foram amplamente criticados pelo meio acadêmico com consequente rompimento, ao menos no nível do discurso, com as vertentes mecanicistas da Educação Física.

No bojo dessas discussões surgiram movimentos reivindicando novos olhares para esse componente curricular na escola. Dentre os movimentos podemos citar o Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-superador, Crítico-emancipatório, Sistêmico, Cultural, Saúde Renovada, entre outros (DARIDO, 2003).

Atualmente, compreendemos como principal objetivo da Educação Física integrar o aluno na esfera da cultura corporal, formando o cidadão capaz de conhecer, usufruir, refletir e transformar essa cultura (BRASIL, 1998).

Para atingir tais objetivos acreditamos na necessidade de oferecer uma abrangência maior de conteúdos, possibilitando aos alunos a vivência das manifestações corporais, além disso, o tratamento e discussão de conhecimentos e valores sobre essas manifestações.

Nesse sentido a elaboração de um livro didático apresenta-se como um grande desafio.

Dificuldade eminente é o encaminhamento das vivências e práticas específicas das manifestações corporais que compõe o corpo de conhecimento da Educação Física, isso porque o livro didático tem, com poucas exceções, uma predominância conceitual, sendo a dimensão do fazer restrita a realização das tarefas e resoluções dos exercícios das disciplinas já sedimentadas no ambiente escolar, tais como português, história e matemática. Assim, a elaboração de um livro didático com exemplos de vivências e práticas, em que o professor disponha de vasto repertório de atividades para o ensino do esporte é um trabalho a ser experimentado, já que não possuímos referências que amparem a construção de um material com essas características.

Ao mesmo tempo, a tradição do saber fazer da área, exige preocupação redobrada quanto aos conceitos e atitudes que serão veiculados e também cautela na forma que serão estruturados, isso porque não há consenso quanto a um currículo mínimo ou mesmo de conhecimentos fundamentais a serem tratados no interior da Educação Física escolar. O fato da Educação Física não possuir uma sistematização clara dos conteúdos ao longo das séries e/ou ciclos de ensino permite maior liberdade de escolha aos professores e em extensão ao autor do livro didático, ao mesmo tempo em que existe o risco de optarmos por conteúdos pouco relevantes, além de permanecer a lacuna do que realmente é essencial os alunos saberem sobre determinada manifestação cultural, em nosso caso o que se deve saber sobre o basquetebol.

Tentando minimizar as dificuldades encontradas na elaboração do livro, nos aprofundamos em questões relativas ao ensino-aprendizagem do basquetebol, atentando para aspectos do por que e para que ensinar basquetebol, o que ensinar do basquetebol e como ensinar basquetebol na escola.

3. Capítulo II - Por que e para que ensinar esporte e basquetebol na escola?

O surgimento do esporte moderno tem suas origens na Inglaterra no final do século XIX. Período marcado por mudanças políticas e econômicas, essenciais ao aparecimento e criação do esporte, a Revolução Industrial. A passagem de um modo de produção agrário para um industrial promoveu o crescimento da população urbana, e o desenvolvimento comercial permitiu um acúmulo de riquezas elevando o número de indivíduos da classe média. Essas transformações obrigaram a uma reorganização do tempo de trabalho e tempo de lazer, fator que contribuiu para o desenvolvimento do esporte, já que havia um período mais longo de tempo livre (BETTI, 1991).

Diferentemente dos outros países da Europa a sistematização da Educação Física inglesa foi alicerçada no esporte e não na ginástica. Por possuir uma geografia privilegiada e uma marinha expressiva, a política relacionada à Educação Física não foi influenciada por ideais nacionalistas caracterizados pela disciplina e treinamento físico visando a soberania nacional. Além disso, as escolas públicas inglesas foram pioneiras em divulgar o esporte entre os trabalhadores e a utilizá-lo como meio de Educação, acreditando ser capaz de promover a liderança, iniciativa, tenacidade, autodisciplina, etc (BETTI, 1991).

A palavra esporte comporta uma série de interpretações no que diz respeito ao seu significado, de acordo com Tubino (1993) esse termo tem origem no século XIV, quando

alguns marinheiros usavam as expressões “desportar-se” ou “sair do porto” para designar as atividades de passatempo que envolvia habilidades motoras.

O conceito de esporte também apresenta algumas divergências em suas caracterizações conforme os autores consultados, mas na maioria das descrições encontram-se aspectos comuns desse fenômeno.

Na conceituação de Betti (1991) esporte é uma ação social institucionalizada, que possui regras e se desenvolve com base lúdica por meio da competição entre oponentes ou contra a natureza, tendo como objetivo determinar o vencedor ou registrar o recorde, por meio de comparações de desempenho.

Na análise de Bracht (1989) o esporte é uma atividade corporal de caráter competitivo surgido em meio à cultura européia, expandindo-se em seguida para todos os cantos do planeta. E que durante o seu desenvolvimento assumiu algumas características, tais como a busca do rendimento e do recorde, a racionalização e controle, a cientifização e a competição.

Kolyniak Filho (1997) concebe o esporte como atividade realizada na forma de jogo, em que duas ou mais pessoas confrontam-se em determinadas habilidades específicas, com tempo e espaço preestabelecidos, competindo de acordo com regulamentos, normas e procedimentos reconhecidos, registrados e controlados, e que os resultados dos confrontos devem ser passíveis de comparação.

Nesse sentido, o esporte pressupõe um conjunto de habilidades específicas, regras e regulamentos, adversário, competitividade e resultado, que toma contornos de universalidade, já que preserva e globaliza características que permitem a prática do jogo em condições de igualdade.

No que diz respeito à classificação do esporte, optamos pela diferenciação de Tubino (2001). Em sua análise são três as manifestações do fenômeno esportivo: o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-performance. O esporte-educação está focalizado na escola como um conteúdo fundamentalmente educativo, tendo por finalidade a democratização do acesso à cultura esportiva, possibilitando ao indivíduo o exercício crítico da cidadania. Importante salientar que essa dimensão do esporte não é um ramo do esporte-performance e nem a ele está subordinada. Já o esporte-participação aproxima-se das manifestações do lazer, no tempo livre fora das obrigações cotidianas, o praticante procura no esporte divertimento e interação social. Por fim, o esporte-performance também conhecido como esporte de rendimento é aquele praticado na maioria das vezes pelos talentos esportivos, balizado pela busca da vitória e dos novos êxitos, regulamentado e organizado pelas federações, sendo praticado com regras preestabelecidas.

Nosso interesse estará voltado ao que Tubino (2001) classifica como esporte-educação, isso não impede percorrermos em alguns momentos do estudo as outras dimensões do esporte, já que se trata de uma divisão meramente didática.

Na análise de Bracht (2003) essas tentativas de diferenciação do conceito de esporte são partes de um fenômeno maior de esportivização das práticas da cultura corporal de movimento. Em sua compreensão toda prática esportiva tem caráter educacional, nesse sentido não existe a necessidade de adjetivarmos uma forma específica de esporte educacional.

Bracht (2003) prefere uma abordagem dual de esporte de rendimento ou espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer, sendo assim, afirma que o esporte praticado em uma instituição educacional vincula-se a uma das duas perspectivas.

Concordamos que as tentativas de diferenciação do conceito de esporte estejam bastante ancoradas ao processo de esportivização das manifestações da cultura corporal de movimento, ao mesmo tempo, entendemos que a abordagem dual proposta por Bracht (2003) reduz as finalidades do esporte na escola, isso porque o processo de ensino-aprendizagem nem sempre estará vinculado às perspectivas de alto rendimento e/ ou de atividade de lazer, pode estar, por exemplo, ligado a uma concepção mais generalizada de educação. Optamos assim, pela abordagem de Tubino (2001) por considerarmos que tal diferenciação delimita com clareza o ambiente para o qual esse trabalho está direcionado.

Ao longo do século XIX e início do século XX o esporte moderno foi sendo divulgado e difundido pelos diversos países do mundo. No Brasil, o início da esportivização na escola se deu entre as décadas de 40 e 50 do século XX com grande influência do professor Augusto Listello na consolidação do *Método Desportivo Generalizado* em aulas de Educação Física. A intenção era incorporar o conteúdo esportivo às aulas de Educação Física substituindo o Método Francês baseado na ginástica, pelos aspectos lúdicos do jogo esportivo (BETTI, 1991).

O período seguinte na história do Brasil é marcado pela ascensão do Regime Militar ao poder e o esporte não ficou isento aos interesses governistas, tornando-se um instrumento de divulgação ideológica. O uso do esporte busca elevar a projeção e prestígio do país com resultados em competições internacionais e formar recursos humanos nacionais, sob a égide da aptidão física. Para tanto o esporte é incorporado às aulas de Educação Física, a qual passa a subordinar-se ao sistema esportivo.

Bracht (2000/1) lembra que no início da assimilação do esporte por parte da Educação Física não houve uma modificação imediata de sua função social de desenvolvimento da aptidão física e do caráter, mas que vagarosamente:

[...] o esporte se impõe a EF, ou seja, instrumentaliza a EF para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. Este processo não vai ser acompanhado de uma reação crítica da EF, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização da EF, que passa a ser sinônimo do esporte na escola (BRACHT, 2000/1, p.XV).

A reação frente ao papel representado pela Educação Física, às relações dela com o esporte e a função desse último como papel educativo aconteceu, na década de 80 do século XX, com publicações de uma série de livros e artigos de crítica e denúncia.

Medina (1983) tecendo uma série de críticas aos caminhos percorridos pela Educação Física, alerta sua função alienante atendendo às demandas da sociedade de consumo e deixando de lado seus verdadeiros aspectos educativos. Afirma convicto:

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo (MEDINA, 1983, p. 35).

Descrevendo os entendimentos do papel da Educação Física e do esporte nesse contexto, Bracht (1986) chega a afirmar que a socialização por meio do esporte tem contribuído para o controle social, adaptando os praticantes aos valores e normas dominantes, reproduzindo e reforçando a ideologia capitalista. Os professores partindo de uma visão positivo-funcional do esporte indicam que sua prática em aulas de Educação Física possibilita a criança aprender a conviver com a vitória/derrota, a vencer pelo esforço pessoal, desenvolver o respeito à autoridade, compreensões acríticas do papel da Educação Física, já que no sentido contrário essas mesmas contribuições podem ser consideradas motivo de conformismo e acomodação aos padrões estabelecidos (BRACHT, 1986).

Neste trabalho a intenção não é arrolar todas as críticas conduzidas em relação ao esporte, mas sim apontar caminhos que possibilitem aos alunos da escola terem acesso a essa produção cultural. Nesse sentido, abordaremos aspectos relacionados ao ensino do basquetebol.

Como primeira indagação é indispensável perguntarmos: Por que ensinamos basquetebol? Em nossa concepção existem alguns motivos e finalidades que justificam o

ensino dessa manifestação esportiva, mas gostaríamos de nos distanciar do discurso genérico que atribui o ensino dessa modalidade à adaptação do aluno ao sistema esportivo, ou seja, com o basquetebol o aluno aprende a conviver com a vitória/derrota, a ser perseverante, a respeitar as regras e que essas aprendizagens são transferidas para vida cotidiana, isso porque é uma forma de socialização, aprende-se a ser competitivo, etc.

Pode até ser, de acordo com o enfoque do professor, que essas aprendizagens aconteçam, mas nossa preocupação está em justificar o ensino-aprendizagem do basquetebol por um enfoque que considere as características específicas da Educação Física.

Um dos motivos pelo qual deveríamos nos preocupar em ensinar o basquetebol diz respeito à cultura corporal. Ou seja, compreender o basquetebol como um patrimônio a ser transmitido aos alunos.

Daólio (2004a) afirma que as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural e expressam significados próprios em contextos específicos. Com o basquetebol não é diferente, já que foi construído, é usufruído e continua sendo transformado pela sociedade.

Para que o aluno tenha uma compreensão do basquetebol como uma manifestação da cultura não basta ensinar o esporte como algo que está pronto e acabado, será imprescindível que os alunos percebam a historicidade de suas transformações, o contexto em que foi modificado e com quais interesses e finalidades são praticados.

Por exemplo, seria possível dizer aos alunos que o basquetebol jogado no Brasil é igual ao praticado nos Estados Unidos na NBA? Em alguns aspectos poderíamos concordar que se trata do mesmo esporte, ao mesmo tempo teríamos de reconhecer as diferenças geradas na dinâmica do basquetebol norte-americano e brasileiro, transformações que atendem as demandas desses países.

O entendimento desses fatos exige uma visão abrangente das características socioeconômica do contexto nos quais as mudanças ocorreram, análise que seria facilitada a partir de uma abordagem do basquetebol como manifestação cultural, já que permite um tratamento que abarque aspectos históricos, sociais, econômicos, etc. Uma aproximação que contemple apenas características técnicas e táticas do jogo e as formas de aprendê-las não contemplaria a complexidade do tema, ou seja, para compreender os inúmeros determinantes do esporte será indispensável um olhar globalizante.

Outro motivo pelo qual ensinaremos o basquetebol diz respeito à linguagem corporal. A linguagem como possibilidade de comunicação e expressão.

Uma abordagem do basquetebol enquanto linguagem deve superar o conceito restrito de que a comunicação se efetiva apenas pela fala e pela escrita. Assim como descreve PCN+/Brasil (2002), a comunicação humana pode ocorrer pela linguagem verbal (uso das palavras) ou por meio de linguagens não-verbais como é caso da comunicação corporal.

Os gestos e os movimentos fazem parte dos recursos de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoalmente e transmitir informações (PCN+/BRASIL, 2002, p.140).

No caso do basquetebol estamos tratando de uma linguagem particular, que possui códigos universais, já que é um esporte reconhecido e praticado mundialmente, por outro lado os sentidos e significados atribuídos a esses códigos são diferenciados de acordo com o contexto em que serão utilizados.

Por exemplo, a maioria dos jogadores de basquetebol reconhece os movimentos que compõem o jogo, os passes, os dribles, os arremessos, assistências, enterradas, pontes aéreas e por esses motivos são capazes de jogarem juntos. Apesar disso, o significado de um drible se modifica de acordo com o contexto. Comparando o significado de um drible para o jogador de uma partida oficial e para o jogador do basquetebol de rua (street basketball) percebemos que no primeiro caso a intenção do drible é na maioria das vezes meramente funcional, ou seja, objetivo de transpor o adversário em direção à cesta. Já no basquetebol de rua a realização do drible está relacionada ao deboche, ato de desafiar e zombar do adversário e só em segundo plano aparece o sentido funcional de consecução da cesta.

Essas representações do jogo dizem respeito à linguagem do basquetebol, seus sentidos e significados, aspectos que consideramos importantes para aprendizagem dos alunos no contexto escolar.

Explicitamos nossa concepção quanto aos motivos ou o porquê ensinar e aprender o basquetebol. Agora, quais são suas finalidades? Ou seja, aonde pretendemos chegar com essas aprendizagens?

As finalidades em conhecer e praticar um esporte estão relacionadas à intencionalidade do sujeito que se movimenta, mas acreditamos que existam alguns aspectos fundamentais perseguidos por aqueles que aprendem um esporte e em nosso caso específico que aprendem o basquetebol.

A busca por melhores condições de vida relacionada à saúde é uma possibilidade perseguida na aprendizagem do esporte. Apesar de bastante discutível a prática ativa do

basquetebol em níveis apropriados de duração, intensidade e frequência pode colaborar com a melhoria da saúde.

Outra finalidade é a prática do esporte na forma de lazer, como atividade relacionada à vivência lúdica realizada no tempo livre. Rangel et al. (2005) alertam que educar para o lazer exige o fornecimento de repertório de movimento, mas também o tratamento de atitudes para com o lazer, bem como a compreensão do que venha a ser esse termo.

Consideramos a apreciação crítica do esporte uma terceira finalidade que pode ser perseguida, seja apreciação da mídia ou mesmo aquela corporalmente presente no ambiente de jogo. Tal finalidade demanda uma compreensão abrangente do fenômeno esportivo, no que diz respeito a sua vivência e conhecimento sobre determinantes culturais, sociais, econômicos, etc.

No caso do basquetebol, para uma análise crítica dessa modalidade é necessário, por exemplo, conhecer suas regras, suas transformações ao longo do tempo, as influências do basquetebol norte-americano, o espaço reservado às mulheres, entre outros temas que auxiliam o entendimento da complexidade desse esporte.

Indicamos ainda, a possibilidade de profissionalização no esporte, percorrida por alguns praticantes, na maioria das vezes relacionada aos talentos esportivos, que podem dar seus primeiros passos no ambiente escolar e, caso apresentem talento, serem encaminhados para clubes ou escolas de esporte.

Na construção do livro didático de basquetebol desde a escolha dos temas centrais até o desenvolvimento das atividades estivemos atentos às diferentes concepções e finalidades possíveis de serem alcançadas pelo aprendiz do basquetebol. Com isso, não foi nossa intenção propor a especialização quanto a elementos técnicos e táticos do jogo, mas possibilitar que os alunos aprendam minimamente a jogar e também compreendam a cultura que permeia esse esporte, evidenciando as características do jogo, suas regras, suas transformações históricas, seus ídolos, as atitudes e comportamentos inerentes à prática, o espaço das mulheres e deficientes físicos, entre outros temas.

4. Capítulo III - O que ensinar do basquetebol?

As aulas de basquetebol na escola, na maioria dos casos, estão focalizadas exclusivamente no ensino dos fundamentos básicos do esporte e na vivência do jogo. Aprender a jogar é um dos aspectos fundamentais perseguidos pelas aulas de Educação Física, mas restringir-se a esses conhecimentos pode limitar uma compreensão mais abrangente do basquetebol.

Nesse sentido consideramos essencial que o aluno aprenda a jogar basquetebol, mas também aprenda sobre o esporte e como se relacionar no âmbito de sua prática.

Tentando contemplar uma visão mais abrangente do esporte construímos o livro didático de basquetebol balizado por um conceito de conteúdo que extrapola o meramente saber fazer em aulas de Educação Física e desenvolve de maneira intencional conhecimentos e atitudes sobre o basquetebol.

Para melhor definição dessa concepção, explicitaremos o que entendemos por conteúdo, já que o seu conceito é, na maioria das vezes, mal entendido e mal interpretado.

O conceito de conteúdo é frequentemente compreendido de maneira simplista e reducionista como expresso nas palavras de Zabala (1998):

O termo “conteúdo” normalmente foi utilizado para expressar aquilo que deve se aprender, mas em relação quase exclusiva aos conhecimentos das matérias ou disciplinas clássicas e, habitualmente, para aludir aqueles que se

expressam no conhecimento de nomes, conceitos, princípios, enunciados teoremas (ZABALA, 1998, p. 30).

Há uma proposta de superação desse conceito restrito de conteúdo, entendendo-o como tudo aquilo que se deve aprender para alcançar objetivos de desenvolvimento de todas as capacidades dos indivíduos, designando-o como o conjunto de conhecimentos cuja assimilação e apropriação por parte dos alunos é considerada essencial para o desenvolvimento e socialização (ZABALA, 1998., COLL et al., 2000).

Para Libâneo (1994) os conteúdos retratam a experiência social da humanidade relacionada a conhecimentos e modos de ação que englobam entre outros:

[...] conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes (LIBÂNEO, 1994, p. 128).

Como podemos observar os conhecimentos curriculares não se restringem a apenas fatos e conceitos, mas a uma série de formas e saberes culturais essenciais para o desenvolvimento e socialização dos educandos.

De acordo com Coll et al. (2000) há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados tão ou mais importantes do que fatos e conceitos, por exemplo, certas estratégias ou habilidades para resolver problemas, selecionar a informação pertinente em uma determinada situação ou utilizar os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas, ou ainda, saber trabalhar em equipe, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar e valorizar o trabalho dos outros ou não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou outro tipo de características individuais.

Atualmente, há uma tentativa de ampliar o conceito de conteúdo e passar a referenciá-lo como tudo quanto se tem que aprender que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como incluem as demais capacidades. Desta forma, poderá ser incluído de forma explícita nos programas de ensino o que antes estava apenas no currículo oculto. Esta classificação corresponde às seguintes questões "o que se deve saber?" (dimensão conceitual), "o que se deve saber fazer?" (dimensão procedimental), e "como se deve ser?" (atitudinal), com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais (ZABALA, 1998).

A diferenciação tipológica dos conteúdos em dimensões tem finalidade didática que só se justifica quando utilizada para compreender o pensamento e comportamento das pessoas.

Essa compartimentalização do conhecimento não é desejável no momento da prática pedagógica, já que, a análise e compreensão dos conteúdos devem ser realizadas de forma integrada.

No caso particular da Educação Física, o contexto de desenvolvimento dos conteúdos é diferenciado dos demais componentes curriculares.

Ao longo da história desse componente curricular, priorizou-se os conhecimentos numa dimensão procedimental, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal ou como se relacionar nas manifestações dessa cultura (DARIDO e RANGEL, 2005).

Freire e Mariz de Oliveira (2004) analisaram 13 obras veiculadas na Educação Física que tratam dos conhecimentos relativos à Educação Física escolar, e perceberam uma prevalência dos conhecimentos de ordem procedimental. Os trabalhos traziam alguns conceitos, mas a maioria deles descritos de forma resumida e superficial, sem um detalhamento que permitisse sua sistematização. Já em relação aos conhecimentos atitudinais a limitação identificada foi a falta de especificidade, isso porque os conhecimentos nem sempre estavam relacionados ao movimento humano.

Em pesquisa realizada por Darido (2003), a partir da observação de aulas de sete professores com pós-graduação fica evidente a falta de tradição na área no encaminhamento de conteúdos na dimensão conceitual, já que apesar dos professores considerarem importantes de serem desenvolvidos nas aulas, isso não aconteceu efetivamente na prática dos mesmos.

Guimarães et al. (2001), após realizarem observações de aulas de Educação Física escolar de uma professora da 5ª série do Ensino Fundamental, analisaram o lugar ocupado pelas discussões e formações de atitudes no dia-a-dia das aulas de Educação Física e identificaram que apesar dessa disciplina, como qualquer outra, ser responsável pelo processo de formação e desenvolvimento de atitudes e valores, no caso do professor analisado isso não acontece, como evidenciado em uma passagem apresentada pelos autores:

Durante as aulas, era freqüente o surgimento de discordâncias de opiniões e de atitudes entre alunos de diferentes faixas etárias. A professora, por sua vez, perdia a oportunidade de tornar a situação educativa porque permanecia passiva diante dos fatos, ou quando tomava uma atitude era momentânea e superficial (GUIMARÃES et al., 2001, p. 20).

Brasileiro (2002) analisando como os profissionais de Educação Física tratam o conteúdo dança em sala de aula, faz a seguinte indagação:

[...] quando tratada por profissionais da Educação Física, normalmente, limita-se a reconhecimento de movimentos? Esse é, sem dúvida, um limite explícito nas referências da Educação Física enquanto fazer, destituído de saber (BRASILEIRO, 2002, p.15).

Alguns estudos identificam, como uma das alternativas para superação do modelo tradicional de ensino, o saber sobre a cultura corporal e o saber se relacionar no âmbito dessa cultura, em outras palavras a inclusão das dimensões conceituais e atitudinais.

Ayoub (2003) expressa que é preciso organizar o conhecimento da Educação Física em torno do estudo de diferentes temas da cultura corporal, cujo objetivo é aprofundar a compreensão de que a configuração dos gestos humanos é histórica. Assim, a autora entende que um dos desafios da Educação Física escolar no século XXI é identificar a importância da superação do meramente saber fazer nas aulas.

Faria (2004) realiza algumas reflexões sobre Educação Física e cultura e aponta como um dos desafios da disciplina ir além da dimensão procedimental. Para o autor é preciso ensinar além das técnicas, regras e táticas, e incluir normas, valores, atitudes e conceitos impregnados no corpo.

Nesse sentido um novo olhar para a prática pedagógica em Educação Física deverá estar atento aos relacionamentos e conhecimentos no âmbito das manifestações da cultura corporal de movimento e não apenas à vivência dos movimentos.

Trazendo a reflexão dos conteúdos para o interesse particular desse estudo cabe um questionamento: como será o tratamento do basquetebol para além da dimensão procedimental, ou seja, como seria implementar uma prática pedagógica do basquetebol nas três dimensões dos conteúdos?

A dimensão procedimental ligada também à realização dos movimentos, mais desenvolvida na prática da maioria dos professores de Educação Física, está relacionada à vivência do jogo propriamente dito, dos fundamentos básicos, das técnicas e táticas. Além disso, o ato de leitura, de pesquisa, de produção de texto, de discussão de temas, por envolver tarefas relativas ao saber fazer, também serão incluídas como conhecimentos procedimentais.

A delimitação das fronteiras entre cada uma das dimensões dos conteúdos é questão bastante discutida, isso porque a atividade de leitura, entre outras atividades, pode ser caracterizada como exclusivamente conceitual, visto que exige abstração, memorização, interpretação. Entendemos que existe a predominância da dimensão conceitual durante a leitura, mas existem também aspectos procedimentais de um conjunto organizado de ações voltadas a uma finalidade, ao saber fazer, no caso a leitura.

A dimensão conceitual e atitudinal dos conteúdos são categorias pouco desenvolvidas na prática pedagógica dos professores de Educação Física ou desenvolvidas na forma de currículo oculto, esporadicamente, quando surgem situações favoráveis. As atuais propostas aconselham o tratamento intencional, organizado e sistematizado desses conhecimentos, mas os professores encontram poucos materiais de suporte para esse tipo de trabalho.

A dimensão conceitual dos conteúdos referente ao ensino do basquetebol, corresponde aos conhecimentos e informações que possibilitam ao praticante uma visão ampliada desse fenômeno, permitindo a compreensão dos motivos, objetivos e finalidades em praticá-lo, são conhecimentos relativos ao condicionamento físico, à influência da mídia, às lesões e formas de preveni-las, ao histórico e evolução da modalidade, às regras, ao basquete norte-americano, ao basquete de rua, entre outros exemplos que possibilitem ao aluno saber sobre o basquetebol.

Já a dimensão atitudinal dos conteúdos baseada, principalmente, em normas, valores e atitudes dizem respeito, respectivamente, aos padrões e regras de comportamento, princípios e idéias que permitem juízo de valor sobre condutas e tendências, e predisposições para atuar em consenso aos valores universalmente defendidos. Assim, temas como o uso de anabolizantes, a exclusão dos menos habilitados, o espaço reservado às mulheres, a modificação e/ou adequação às regras, a luta por espaços de prática são importantes na maneira como o aluno vai conceber e relacionar-se com e no esporte.

Outro aspecto que deve ser considerado em uma proposta baseada nas três dimensões dos conteúdos é a especificidade dos conteúdos desenvolvidos. Por exemplo, se estamos trabalhando com o basquetebol não basta desenvolver o tema do preconceito sem nenhuma relação com o esporte. Para garantir a especificidade do basquetebol poderíamos trabalhar com o preconceito sofrido pelas mulheres que jogam basquetebol, ou mesmo, o movimento de resistência negra nos Estados Unidos com a formação do time “Globetrotters”.

Uma aula de basquetebol nessa concepção tenta superar o fazer desprovido do saber e do relacionar-se, a intenção é que o aluno saiba o porquê pratica esse esporte e como relacionar-se no âmbito de sua prática. Apesar disso, não estamos propondo que as aulas de Educação Física se tornem um discurso sobre o basquetebol, assim como sabiamente alerta Betti (1994). O autor propõe que os alunos sejam levados a conhecer, compreender e analisar as informações relacionadas à cultura física (cultura corporal de movimento).

Concordamos com Betti (1994) quando afirma que a prática pedagógica em Educação Física estará impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se e que a dimensão do conhecer se desenvolverá vinculada ao substrato corporal.

Evidente no discurso de Betti (1994) é que não há uma hierarquia entre as dimensões do sentir, relacionar-se e do conhecer, e que essa tríade não pode romper-se sob pena de dividirmos os próprios alunos.

Há nas palavras de Betti (1994) um avanço significativo no que diz respeito a uma prática pedagógica em Educação Física que não esteja destituída do saber sobre a cultura corporal de movimento e do saber relacionar-se no âmbito dessa cultura. Porém, surge com essa proposta um limite expresso no cotidiano pedagógico dos professores. Devido ao tempo restrito das aulas, existem momentos em que prevalecerá o conteúdo conceitual e em outros o conteúdo procedimental ou atitudinal. Por exemplo, na apresentação de um vídeo durante a aula, na leitura e discussão de um texto, na vivência de um jogo, haverá predominância de uma dimensão em relação às outras.

Entendemos que não basta o professor apresentar um vídeo ou propor a realização de uma leitura por comodidade ou alternativa à aula prática. Independentemente, do momento em que o vídeo, a leitura ou vivência forem propostas, o objetivo será que o aluno alcance uma visão ampliada daquela manifestação. E que essa visão seja obtida a partir da compreensão das relações entre procedimentos, conceitos e atitudes.

O desenvolvimento de um trabalho que leve em consideração o saber sobre a cultura corporal e o saber se relacionar no âmbito dessa cultura não é tarefa simples de ser efetivada.

Rodrigues e Darido (2006) ao analisarem a prática de uma professora na Educação Básica perceberam que, com a intenção de diversificar os conteúdos e superar o meramente saber fazer, a professora desenvolveu os conteúdos em suas dimensões procedimental, conceitual e atitudinal. Dentre as dificuldades encontradas estava o planejamento e a avaliação dos conteúdos em suas dimensões e principalmente a resistência dos alunos quanto aos conteúdos que não estavam relacionados a realização dos movimentos. Apesar das dificuldades, com comprometimento e responsabilidade, a docente encontrou alternativas para realizar suas aulas.

Acreditamos que uma Educação Física que pretende desenvolver a autonomia dos alunos, à busca de melhores condições de vida relacionada à saúde e ao lazer, bem como, a apreciação e profissionalização junto às práticas corporais, não pode se abster do saber sobre a cultura corporal e o saber se relacionar nessa cultura. Evidente que o substrato dessas aprendizagens é o corporal ligado ao movimento, mas não deve se restringir a esse conhecimento sob pena de produzir uma Educação Física que se contenta em reproduzir.

Apesar disso, os professores interessados em trabalhar com propostas renovadoras de Educação Física, dentre elas o desenvolvimento de conceitos, procedimentos e atitudes, encontram pouquíssimos materiais didáticos de apoio a esse tipo de trabalho.

Desse modo, entendemos que a construção de um livro didático de basquetebol pode auxiliar o professor a implementar propostas que incluam o saber fazer, o saber sobre e o saber se relacionar no esporte.

4.1 O que ensinar: a técnica esportiva¹⁰

Algumas dúvidas permearam a elaboração do livro didático de basquetebol, dentre elas um tema bastante recorrente na Educação Física e na prática dos professores, a técnica esportiva.

Qual deve ser o espaço destinado à técnica esportiva em aulas de Educação Física? Ou seja, os professores devem ensinar os gestos específicos dos esportes aos alunos na escola? Existe um momento adequado para que esses movimentos sejam introduzidos? O ensino da técnica deve ocupar que espaço no livro didático de basquetebol?

Para explorar melhor esse tema recorreremos a algumas abordagens sócio-culturais¹¹ da Educação Física, tentando identificar as propostas quanto ao ensino da técnica esportiva.

De forma geral as abordagens sócio-culturais da Educação Física nas últimas décadas vêm tecendo severas críticas na relação entre Educação Física e o Esporte, alertando para o seu caráter reprodutivista e conservador.

Na análise de Bracht (2000/1), por exemplo, essas críticas em relação ao papel educativo do esporte no âmbito escolar geraram uma série de equívocos e mal entendidos, que trouxeram consequências à prática pedagógica dos professores.

O primeiro equívoco é o de que aqueles que criticam o esporte são contra o esporte, numa visão maniqueísta, de que ou se é a favor ou se é contra o esporte. Assim, a crítica vai no sentido de aboli-lo e negá-lo como conteúdo das aulas de Educação Física.

¹⁰ Esse capítulo é parte do artigo “A TÉCNICA ESPORTIVA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: um olhar sobre as tendências sócio-culturais”, escrito por mim em conjunto com a prof^a. Dra. Suraya Cristina Darido e publicado pela Revista Movimento (RS), em seu volume 14, número 2, em 2008.

¹¹ Consideramos tendências sócio-culturais aquelas propostas que tentaram superar a visão biológica da Educação Física na escola, viabilizando novos olhares para a área, tais como a crítico-emancipatória de Elenor Kunz, a cultural de Jocimar Daólio, a crítico-superador de SOARES et al. e a sistêmico/fenomenológica de Mauro Betti.

Outro mal-entendido é o representado pela oposição entre o rendimento e o lúdico, considerados pólos distintos e contrários atribuindo ao rendimento todos os defeitos do esporte e ao lúdico todas as virtudes. Ainda, discorre sobre o mal-entendido de que tratar criticamente o esporte seria substituir o movimento em favor da reflexão (BRACHT, 2000/1).

Dentre os diversos equívocos um deles nos chama a atenção e será o foco dessa discussão. De acordo com Bracht (2000/1) tratar o esporte de forma crítica significaria ser contra a técnica esportiva. Ou seja, aqueles que tratam o esporte de forma crítica negam a técnica e consideram tecnicistas os que dela fazem uso.

Bracht (2000/1) afirma que as propostas pedagógicas elaboradas com enfoque crítico não buscaram abolir o ensino da técnica esportiva, ou seja, negarem a aprendizagem das destrezas motoras esportivas. Ao contrário, propuseram o ensino dessas técnicas dotadas de outros sentidos, objetivos e finalidades. Em suas palavras: “O que se criticou e se critica então, é a subordinação inconsciente não à técnica enquanto tal, mas à finalidade a qual determinada técnica está a serviço” (BRACHT, p.XVII, 2000/1).

Quais foram essas novas propostas para o ensino do esporte? Elas realmente colaboraram com uma outra visão para o ensino das técnicas esportivas ou essas dúvidas ainda permanecem?

Um dos precursores do discurso da técnica numa visão sócio-cultural foi expresso na clássica obra intitulada *Metodologia do Ensino da Educação Física*, de Soares et al. (1992).

Soares et al. (1992) também realizaram pesadas críticas ao esporte e suas relações com a Educação Física, denunciaram o estado de subordinação da Educação Física aos princípios e códigos da instituição esportiva, tais como o rendimento atlético, competição, comparação de rendimentos, etc. Além disso, ressaltam que o esporte reproduz os significados da sociedade capitalista, sendo considerado uma forma de controle social, por meio da adaptação do praticante aos valores e interesses dessa sociedade.

Na proposta desse coletivo de autores o esporte é um fenômeno social, tema da cultura corporal e merece ser ofertado na escola, mas necessita ser questionado e criticado no sentido de desmistificá-lo.

Já em relação à técnica esportiva alertam para que o ensino do esporte não se esgote em gestos técnicos. Apesar dessa ressalva, deixam claro que esses gestos podem ser ensinados, mas que os professores não devem se restringir a esses aspectos.

Colocar um limite para o ensino dos gestos técnicos, contudo, não significa retirá-los das aulas de Educação Física na escola, pois acredita-se que, para

dizer que o aluno possui “conhecimento” de determinados jogos que foram esportivizados, não é suficiente que ele domine os seus gestos técnicos (SOARES et al, p.71, 1992).

Fica evidente nessa proposta crítico-superadora que o ensino-aprendizagem dos gestos técnicos podem ser viabilizados aos alunos, mas que a intenção central é que a prática pedagógica do professor promova a reflexão e crítica sobre aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais dessas práticas, o que não exclui o conhecimento da cultura a respeito da técnica.

Kunz (2004) se debruçou na análise do esporte em nossa sociedade. Em sua obra o autor tece inúmeras críticas a essa manifestação cultural apontando os princípios que a regem, tais como a comparação objetiva e sobrepujança, conduzindo-o a consequências como a seleção, especialização e instrumentalização.

Kunz (2004) esclarece que a grande evolução do esporte se deve em parte ao progresso científico e tecnológico, mas que esta evolução também contribuiu para o surgimento de movimentos estereotipados em sua prática.

Nesse sentido, o movimento desprovido da subjetividade de quem o realiza para Kunz (2004) é fator de alienação. O processo de ensino-aprendizagem deverá se concentrar sobre a pessoa que se movimenta e não sobre os movimentos desta, considerando os interesses, sentidos e significados que cada um atribui aos movimentos.

Ainda denuncia que no ensino dos esportes encontram-se inúmeros elementos castradores da subjetividade, já que não existem oportunidades de experiências e de movimentos próprios, mas de movimentos pré-moldados (KUNZ, 2004).

Apesar das inúmeras críticas do autor em relação ao esporte, demonstra não ser contra o ensino da técnica, o que aponta é que esses movimentos podem até ser alcançados, mas não será o objetivo central ou único das aulas realizadas com o enfoque crítico-emancipatório. Segundo o autor trata-se de repensar a forma e os momentos de priorizar a técnica no ensino da Educação Física (KUNZ, 2004).

Podemos inferir a partir das idéias do autor que a técnica pode até vir a ser realizada pelo aluno, mas o ensino do esporte nessa concepção privilegiará a construção dos movimentos a partir das vivências individuais e coletivas, que façam sentido e tenham significado ao praticante. O movimento pode não se aproximar do padrão técnico dito mais eficiente, importa viabilizar ao aluno a prática autônoma no usufruto do lazer, um agir solidário, cooperativo, participativo, e acima de tudo o desenvolvimento de capacidades criativas e críticas.

Daólio (2004a, 2004b) apoiando-se em autores da antropologia trouxe contribuições importantes ao tema da técnica no campo da Educação Física. Vejamos.

Para desenvolver a noção de técnica corporal Daólio (2004b) baseia-se em Mauss (1974), para o qual as técnicas corporais são maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos. Mauss (1974) considera os movimentos corporais como expressão de elementos de determinada sociedade. Dessa forma, não existem movimentos naturais, mas determinados pela cultura em que foram socializados, traduzindo os valores de um dado grupo.

Outro aspecto apontado por Mauss (1974) é que esses movimentos corporais, mais precisamente as técnicas corporais são incorporadas pelos membros da sociedade por meio do que ele chama de imitação prestigiosa. A criança ou adulto imita os gestos que foram realizados por pessoas de prestígio ou que eles confiam, e que de certa forma alcançaram êxito na execução.

Trazendo a discussão para o âmbito da Educação Física, Daólio (2004b) afirma que tradicionalmente a compreensão de técnica esteve atrelada à dimensão eficiente dos movimentos, reconhecidos como aqueles precisos e corretos. Assim, movimentos que não se aproximam desses modelos deveriam ser alvo de intervenções no sentido de aperfeiçoamento. Para o autor, privilegiando a dimensão eficiente dos movimentos, a Educação Física deixou de lado aspectos simbólicos, perdendo assim, a oportunidade de considerar o corpo capaz de produzir e expressar uma dinâmica cultural. Ainda para Daólio (2004b), a maioria dos estudos na Educação Física dá um tratamento instrumental à técnica. Coletam alguns movimentos considerados eficientes para determinada modalidade esportiva e os organiza em forma de estágios para que sejam aprendidos.

Em relação ao ensino das técnicas, Daólio (2004a) dá pistas de que em determinadas circunstâncias seria possível o ensino de alguns gestos técnicos, mas não identifica quais seriam esses momentos.

[...] não existe técnica melhor ou mais correta senão em virtude de objetivos claramente explicitados e em relação aos quais possa haver consenso entre professor e alunos (DAÓLIO, p. 95, 2004a).

Discutindo a pedagogia dos esportes coletivos, Daólio (2002) afirma que na perspectiva tradicional a técnica esportiva sempre esteve no centro das atenções. Nesse modo de compreender o esporte, bastante difundido no país, acredita-se que o aluno pode jogar bem o basquetebol quando executa corretamente os fundamentos esportivos (drible, passe,

arremesso). Na nova concepção, o autor, apoiado em Claude Bayer, aponta que a dimensão técnica não garante o acesso a um jogar inteligente, uma vez que jogar bem implica compreender a lógica estrutural do Esporte Coletivo. Aliás, considera que as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria por possuírem características comuns.

Nesse texto, o autor incorpora mais uma razão para minimizarmos o papel das técnicas esportivas nas aulas de Educação Física na escola, da qual compartilhamos, pois nessa concepção o que importa é a compreensão da dinâmica envolvida no jogo.

Quando se refere especificamente ao gesto técnico dos atletas de alto nível se refere a sua plástica e eficiência. No entanto, lembra que essa técnica não pode ser ensinada imediatamente a todos os alunos por duas razões principais; primeiramente por que a aprendizagem desses gestos exige grande tempo de treinamento; e em segundo lugar por que os alunos, culturalmente situados, podem possuir outros interesses de movimentos.

Ao final do texto Daólio (2002) defende o modelo pendular em que a técnica seja ensinada posteriormente à compreensão do jogo. Depois faz uma ressalva importante lembrando que para Mauss (1974) qualquer gesto constitui-se numa técnica corporal, por possuir uma tradução e significados dentro de grupos específicos. Assim, para o autor no início da aprendizagem o aluno pode arremessar a bola à cesta com as duas mãos, de modo que eles estejam usando ações inteligentes com os meios técnicos que dispõem naquele contexto cultural específico.

Concordamos com o autor que a compreensão dos aspectos táticos, o por que fazer, deve preceder os ensinamentos fragmentados dos gestos técnicos. Reconhecendo a importância de iniciar os alunos numa determinada modalidade pela compreensão dos objetivos e da dinâmica do jogo propriamente dito.

Mas nos parece que a dúvida persiste, ou seja, qual é o momento após a compreensão do jogo de indicar aos alunos as possibilidades dos gestos técnicos? Para usar o exemplo do autor, até qual momento da aprendizagem o aluno deve/pode continuar a arremessar a bola com as duas mãos, sem que o professor apresente as técnicas mais eficientes construídas ao longo da história?

Parece não haver resposta fechada, até por que cada contexto tem características muito particulares e alunos com experiências anteriores bastante diversas.

Defendemos que as informações sobre os gestos técnicos sejam realmente oferecidas após a compreensão do jogo, desde que façam sentido para o aluno. Do mesmo modo, que não haja cobrança exacerbada aos que não conseguirem executar os movimentos no padrão

correto. É preciso esclarecer também que, como afirmou Daólio (2002), na escola, o aluno terá poucas oportunidades de praticar repetidamente um gesto técnico. O que se espera é que ele tenha oportunidade de conhecê-lo, mesmo por que se mantiver o arremesso com as duas mãos, isso não deverá impedi-lo de atingir os objetivos de conhecer, praticar e apreciar o esporte.

Ainda sim, podemos nos questionar quando significa oferecer as técnicas esportivas posteriormente à compreensão do jogo propriamente dito?

Lembramos um episódio que ocorreu há muito tempo quando ensinávamos natação (portanto, fora do exemplo dos esportes coletivos apontados pelo autor). Seguindo as recomendações pedagógicas oferecíamos atividades que envolviam experiências diversificadas na água numa dimensão bastante lúdica, sem preocupação com a execução e os gestos técnicos dos quatro nados.

A surpresa ocorreu quando uma garota de sete anos chegou à borda da piscina e nos questionou: - agora eu quero saber, como é que eu faço com a mão? Como ela deve entrar na água? Em outras palavras, o que a aluna estava nos questionando aos sete anos era justamente pela técnica do nado. Ou seja, naquele exemplo, nos faltou a percepção de que havia chegado o momento de apresentar a técnica do nado crawl.

Em síntese, Daólio (2002; 2004a; 2004b) concebe a técnica como todo e qualquer gesto corporal e que cada cultura imprime nos corpos de seus membros uma série de valores que os identificam. A contribuição vem no sentido de que a Educação Física leve em consideração os aspectos culturais de sua prática, reconhecendo o repertório corporal com o qual cada aluno chega à escola. Além disso, é possível depreender de suas análises que nenhuma técnica é melhor do que outra, assim poderá haver espaço, também, para o que denominamos de técnica esportiva que não deixa de ser um tipo de técnica corporal. Contudo, apesar de reconhecer a necessidade da aprendizagem da dimensão técnica dos esportes coletivos, acreditamos que esses movimentos devam ser introduzidos em um segundo momento, após a compreensão inteligente do jogo obtida a partir do conhecimento e da vivência dos princípios operacionais e regras de ação dos esportes.

Betti (1994; 1999) é mais um representante das tendências sócio-culturais na Educação Física. Em suas obras não discute especificamente o tema da técnica esportiva, mas a partir de suas reflexões é possível inferirmos algumas idéias relevantes, que nos permitem iluminar o campo das técnicas esportivas na Educação Física escolar.

Tratando da dimensão axiológica e teleológica da Educação Física, Betti (1994) afirma que ela deve ser capaz de oferecer aos alunos motivos geradores de sentido, com

finalidade de integrá-los à esfera da cultura corporal de movimento, ou seja, levar os alunos a descobrirem os motivos para praticar uma atividade física. Aponta ainda, que uma ação pedagógica com esses objetivos estará impregnada do sentir e do relacionar-se, mas que a dimensão do conhecer, viabilizada por meio da linguagem, será essencial para o aluno atribuir valores às manifestações da cultura corporal de movimento.

Em estudo relativo à Educação Física e a formação para cidadania, Betti (1999) elenca alguns princípios importantes à sua consolidação, dentre eles o da formação plena, em que as dimensões humanas estejam integradas. Em trecho de sua reflexão é possível obter algumas informações sobre como entende a técnica esportiva.

Se falamos em aprendizagem de esportes, é a mesma coisa. Se o professor quer ensinar basquetebol, é preciso ensinar as habilidades específicas da modalidade, mas que precisam estar integradas às dimensões afetiva (é preciso aprender a gostar do basquetebol), cognitiva (por exemplo, compreender as regras como algo que torna o jogo possível, a organização e as possibilidades de acesso ao esporte em nosso meio) e social (aprender a organiza-se em grupo para jogar o basquetebol) (BETTI, p. 87, 1999).

Não há em Betti (1994; 1999) a preocupação explícita em discorrer sobre o ensino da técnica esportiva, existe em seus trabalhos críticas a como essa manifestação foi desenvolvida no contexto brasileiro das décadas de 1950, 1960 e 1970, e algumas propostas na direção de um ensino do esporte que não se restrinja apenas a prática das habilidades específicas das modalidades, mas reconhece que a aprendizagem desses movimentos é uma das dimensões necessárias à formação integral, levando em conta dimensões afetivas, cognitivas e sociais.

Mais recentemente, em importante reflexão ao lado de outros autores Betti et al (2007) apontam algumas implicações da fenomenologia para a didática da Educação Física. Os autores afirmam que a Educação Física precisa levar os alunos a vivenciarem no esporte o gesto originário, o que eles chamam de gesto movimentante, ou seja, uma primeira experiência com o esporte que não esteja marcada por movimentos predeterminados, movimentos que permitam conhecer o esporte pelo “Se movimentar” originário e não pela imitação de padrões de movimentos fixados. Apesar disso, reconhecem que nenhum movimento é totalmente inédito, pode o ser ao iniciante no campo da percepção, mas não o é no campo da cultura. Exemplificando, afirma que quando um jogador joga o futebol está necessariamente invocando os gestos de todos aqueles que um dia praticaram esse esporte. Podemos inferir inicialmente a partir dessas considerações que muitas técnicas esportivas, mesmo não tendo sido experimentadas corporalmente por nossos alunos, de alguma forma são

“conhecidas culturalmente”, pelo menos no campo do imaginário os alunos tomam contato com as técnicas esportivas previamente ao ambiente escolar.

Retomando as idéias de Kunz (2004) e Daólio (2002; 2004a; 2004b) é possível identificar um interesse em comum em romper com o ensino-aprendizagem dos esportes baseado na dimensão eficiente dos movimentos, propondo uma atenção maior ao sujeito que se movimenta e com os aspectos ligados a sua cultura, levando em conta seus interesses e desejos no movimentar-se. Além de haver a necessidade de se dimensionar o melhor momento para se introduzir a técnica, certamente após os alunos terem alguma compreensão dos objetivos e da dinâmica dos jogos coletivos.

Já em relação a Soares et al (1992) e Betti (1994; 1999) existe a preocupação de que o processo de ensino-aprendizagem dessas práticas não se restrinja apenas à realização dos movimentos, ao saber fazer, mas que a prática pedagógica em Educação Física esteja preocupada também com a dimensão do conhecer, e mais especificamente conhecer o universo social, político, econômico e cultural que permeiam as manifestações esportivas.

Ao longo dessa discussão buscamos investigar a concepção de técnica esportiva no ensino da Educação Física, no âmbito das tendências sócio-culturais.

Existe entre os autores o interesse em apresentar outras finalidades ao ensino-aprendizagem das técnicas, para além daquelas adotadas no modelo tradicional de esporte. O que se propõe é que os gestos técnicos sejam um meio privilegiado para alcançar outras finalidades educativas e não a única aprendizagem necessária.

As técnicas devem ser compreendidas como um patrimônio a ser transmitido aos alunos, pois são movimentos construídos historicamente, são produtos de uma dinâmica cultural que podem ser preservados. É preciso reconhecer que a técnica, enquanto um dos elementos da cultura corporal de movimento poderá possibilitar aos praticantes a prática autônoma do lazer e a crítica do espetáculo esportivo desde que assuma o papel de meio e não de fim em si mesmo.

Válido destacar ainda que os gestos técnicos não devem ser condição necessária e indispensável para que o aluno vivencie e pratique o esporte, ou seja, um fator que limite e exclua uma parcela dos alunos de participarem das aulas, diferente disso, propõe-se que cada aluno se aproprie, reproduza e transforme os esportes de acordo com as suas possibilidades, sejam materiais ou relativas ao repertório de movimento. Essa premissa não exclui a possibilidade do professor de apresentar aos alunos os gestos técnicos, isso porque a escolha de adotar ou descartar esses movimentos será decisão do aluno frente suas aspirações e necessidades.

No que diz respeito ao ensino do esporte na escola o espaço/tempo da Educação Física escolar será privilegiado para uma primeira aproximação com as técnicas esportivas, ambiente em que os alunos tenham o contato inicial com esses movimentos. Por outro lado, levando em conta os diversos objetivos a serem alcançados parece não ser o espaço/tempo adequado para o treinamento exclusivo, prolongado e intenso das técnicas específicas dos esportes. Talvez esse papel seja delegado às escolas de esporte, nas quais o aluno opta pelo esporte que deseja realizar o aprofundamento técnico, além de desfrutar de longos períodos de prática, um dos aspectos fundamentais para se apropriarem desses movimentos.

Desse modo, as dúvidas e práticas dos professores não devem mais percorrer o sentido de técnicas sim ou técnicas não, mas o sentido de repensar o lugar ocupado por esses movimentos quando ensinamos esporte, com vistas à formação crítica dos alunos.

No caso específico do livro didático de basquetebol a ser construído nesse estudo, pelo fato de se tratar de uma primeira aproximação com o esporte, optamos por privilegiar o ensino dos fundamentos básicos por meio de jogos reduzidos e do jogo propriamente dito, valorizando a complexidade das tarefas e possibilitando uma compreensão inteligente do jogo.

Não tivemos a preocupação de propor atividades para aprendizagem específica de alguma técnica do basquetebol, com menor frequência apresentamos exercícios em que a técnica pode vir a ser executada, mas a sua realização não é a finalidade do exercício ou mesmo condição necessária para efetivação da tarefa, mesmo porque a intenção nesse primeiro momento é que os alunos aprendam minimamente a jogar.

5. Capítulo IV - Como ensinar basquetebol

Ao longo da construção do livro didático de basquetebol tivemos a preocupação em nos distanciarmos de compreensões reducionistas de conceber o esporte e de como ensiná-lo, nos afastar daquelas propostas que elegem um modelo de atleta a ser alcançado, tentando evidenciar concepções mais recentes e que vislumbram novos olhares para o ensino do esporte, tais como: Bayer (1994), Greco e Benda (1998), Kroger e Roth (2002), Ferreira et al. (2005), Santana (2005), Graça e Mesquita (2006) e Paes (2006).

Em determinado período da história da Educação Física, principalmente após a década de 1950, observou-se a esportivização dessa disciplina na escola, com a crescente publicação de artigos sobre o esporte em revistas especializadas e grande influência do “Método Desportivo Generalizado” difundido no Brasil pelo professor Augusto Listello (BETTI, 1991).

A intenção de substituir o exercício, feito por obrigação, pelo prazer proporcionado pela prática esportiva foi recebida com entusiasmo por professores e alunos.

Como mostra Betti (1991) a Educação Física subordinou-se ao sistema esportivo, os conteúdos desse componente curricular passaram a ser exclusivamente o esporte, percebe-se a transformação do papel de professor para o de técnico/treinador e do aluno para a função de atleta. “A concepção é a de que o aluno e a escola devem servir ao esporte, e portanto aqueles

devem adaptar-se a este, e não o esporte estar a serviço dos interesses educacionais[...] (BETTI, 1991, p.112)”.

Moreira (1992) em estudo realizado com professores de Educação Física em escolas públicas identificou alguns fatores que consideramos desdobramentos ou consequências da esportivização da Educação Física na escola. Os conteúdos são quase que exclusivamente baseados no esporte, a aula é sinônimo de cumprimento mecânico de exercícios, o modelo de esporte seguido é o de alto rendimento, as atividades são inadequadas às características da faixa etária, há ausência de prazer e ludicidade, privilegiam-se os mais habilidosos com consequente exclusão daqueles que não se adaptam às exigências das aulas.

O que nos chama atenção e gostaríamos de salientar é o modelo de aula que prevalece nesse período.

Não foi pretensão de Moreira (1992) apresentar um modelo de aula entre os professores observados em seu estudo, mas analisando as descrições das aulas é possível encontrar aspectos comuns entre os professores que trabalham na perspectiva esportivista.

As aulas são organizadas de forma padronizada, com aquecimento, parte principal e parte final. No aquecimento os alunos costumam correr pela quadra, sendo que todos devem estar enfileirados e no mesmo ritmo estipulado pelo professor.

Na parte principal são realizados exercícios preparatórios para os jogos, relacionados, na maioria das vezes, ao desenvolvimento das capacidades físicas ou das técnicas dos esportes.

Com frequência a parte final é destinada à realização do jogo. É possível identificar dois perfis de professores, aqueles bastante preocupados com a execução dos gestos técnicos e com o cumprimento das regras dos esportes e no outro extremo aqueles que iniciam a aula, entregam a bola aos alunos e se retiram do ambiente de prática permitindo o jogo livre de intervenções.

Mas quais são as atuais propostas para o ensino do jogo e dos fundamentos básicos nos esportes coletivos? O que pode ser aproveitado e o que deve ser repensado no modelo de esporte característicos do período de esportivização da Educação Física e que, de alguma forma, ainda permeia o ambiente escolar?

Santana (2005), tentando relacionar a pedagogia do esporte ao pensamento complexo, apresenta alguns entendimentos do modo simplista de pensar, ensinar e praticar o esporte que vêm reduzindo as possibilidades desse fenômeno.

Os professores que ensinam esporte, com exemplos ainda bastante frequentes, pretendem educar as pessoas a partir de paradigmas reducionistas, que estejam à disposição

de determinados fins, como a revelação do talento esportivo, a busca da saúde, o desenvolvimento de capacidades físicas, a competição, funções elencadas de forma isolada e imperativa. O ensino do esporte, em especial na iniciação esportiva, está preocupado mais em atingir metas específicas, tais como o desenvolvimento de capacidades físicas ligadas ao condicionamento físico e menos com a formação de alunos autônomos, o que denuncia um desequilíbrio pedagógico entre o racional e o sensível (SANTANA, 2005).

Dentre os reducionismos adotados em relação ao esporte, Santana (2005) aponta o desprezo das dimensões sensíveis dos indivíduos, tais como a moralidade e a afetividade, a eleição de um modelo de atleta a ser perseguido, tendência à especialização precoce, seleção de crianças a fim de compor equipes de competição, reprodução de modelos de competição do esporte profissional e eleição da competição como referencial de avaliação.

Concordamos que muitos reducionismos permeiam o esporte, do mesmo modo que Santana (2005), porém com algumas ressalvas. Há uma tendência dos acadêmicos da Educação Física em encaminhar críticas ao modelo de esporte ligado à formação de talentos esportivos para competição. É preciso ter claro que talentos não são inatos, ou seja, é necessário organizar ambientes de prática do esporte que atendam as demandas do esporte de alto rendimento, como a compreensão detalhada do jogo, execução eficiente dos movimentos específicos. De fato, não se produz “talentos” sem trabalho e mais do que isso é imprescindível um trabalho a longo prazo.

Em outras palavras, a crítica ao modelo que privilegia a formação de talentos esportivos justifica-se quando essas escolhas são tomadas em detrimento de outros modelos de esporte. Por exemplo, é perfeitamente compreensivo que a Secretaria de Esporte de um município forme equipes de competição para representar a cidade em eventos estaduais ou nacionais. Por outro lado, esta instituição deve estar atenta ao oferecimento de outros ambientes de prática que acolham aqueles indivíduos que desejam praticar o esporte, mas não se interessam ou não atingiram o desempenho adequado para serem incluídos na equipe de alto rendimento. O problema está em privilegiar um único modelo de esporte em detrimento de outros.

Na escola esse problema toma um outro contorno, já que em nossa compreensão as aulas de Educação Física no período normal devem ser um ambiente privilegiado para conhecer e vivenciar o esporte, e menos de treiná-lo na busca de alto desempenho para competição.

Aderimos às idéias de Santana (2005) para o qual as crianças têm necessidade de brincar despretensiosamente, de se divertir, de ser aceita, de transpor limites, de fantasiar e

conviver e que para tanto se faz necessário pensar o esporte em suas múltiplas manifestações não restringindo suas possibilidades.

Na compreensão de Ferreira et al. (2005) os iniciantes no esporte não necessitam de especialidades quanto aos aspectos técnicos, táticos ou físicos do jogo. O interesse da criança está mais próximo do jogar livremente e experimentar o jogo.

Acreditamos acima de tudo que a escola é o espaço dessas múltiplas manifestações e para contemplá-las seria necessário criar ambientes variados de prática, para que os alunos pudessem conhecer e vivenciar, mas também se aperfeiçoar no esporte.

Ferreira et al. (2005) identificam outro equívoco cometido em relação ao ensino do esporte. É comum encontrar técnicos e professores que organizam suas aulas na iniciação com as mesmas características dos treinos aplicados aos atletas profissionais, com exercícios e atividades com mesma duração, frequência e intensidade e até mesmo, os valores do esporte profissional. Tais aspectos definem o que alguns estudiosos chamam de especialização precoce.

Para Paes (2006) quando o assunto é especialização esportiva precoce, alguns temas merecem um olhar mais cuidadoso, como a busca de plenitude atlética na infância, ênfase no resultado em curto prazo, prioridade à vitória, valorização exacerbada da competição, redução da iniciação à aprendizagem de gestos determinados. Posturas que podem reduzir os significados do esporte e contribuir para exclusão e evasão de inúmeros participantes de suas práticas.

Paes (2006) aponta ainda, que os problemas não estão em iniciar precocemente as crianças no esporte, os equívocos estão evidenciados na forma que o esporte é organizado e desenvolvido com elas, deixando de lado aspectos imprescindíveis do desenvolvimento infantil e negligenciando os interesses e desejos delas em relação aos esportes.

A iniciação esportiva que supere essa concepção simplista deve priorizar a diversificação de movimentos e de modalidades, estimular a participação, cooperação e inclusão no ambiente de competição, relativizando o valor da vitória, respeitando as características de crescimento e desenvolvimento infantil, além de proporcionar experiências prazerosas de aprendizagem, em que o componente lúdico esteja presente (PAES, 2006).

Assim, o importante é quem joga e não o jogo, as ações pedagógicas serão direcionadas as necessidades dos jogadores, na busca de um desempenho possível que conduza a uma convivência harmoniosa com as práticas esportivas, permitindo que um número maior de praticantes permaneça no âmbito dessa cultura (PAES, 2005).

Ferreira et al. (2005) promovem discussão bastante relevante sobre os conteúdos de ensino no basquetebol, discussão também pertinente aos esportes coletivos.

Os autores destacam a importância do jogo como conteúdo privilegiado para aprendizagem dos fundamentos básicos envolvidos em situações reais, ou seja, conhecer as técnicas do jogo integradas à sua lógica tática, além de ser um facilitador no trabalho pedagógico, apresenta-se como possibilidade de acentuar a ludicidade da prática esportiva (FERREIRA et al. 2005).

Em referência ao modelo de esporte que privilegia o ensino do jogo pela decomposição dos fundamentos em partes, Ferreira et al. (2005) alertam que é preciso jogar para aprender e não aprender para jogar. Para aprender o basquetebol não basta treinar o drible, o passe e o arremesso, separadamente, em situações isoladas, é imprescindível que o aluno os aprenda na complexidade do jogo.

Greco e Benda (1998) em trabalho sobre a iniciação e treinamento nos esportes coletivos, apresentam o que chamam de “iniciação esportiva universal”, baseada em uma formação inicial generalizada sobre os esportes coletivos, que não se limita aos aspectos específicos de determinada modalidade. Na concepção dos autores o processo de ensino-aprendizagem dos jogos coletivos deve ser orientado pelo desenvolvimento de capacidade táticas, adotando uma metodologia que leve em consideração a compreensão do jogo coletivo como uma situação-problema apresentada ao aluno. Integrado a esse conhecimento há necessidade de desenvolver capacidades coordenativas, técnicas, físicas, sociais e psicológicas.

Kröger e Roth (2002) também apresentam teoria bastante interessante para o ensino dos jogos coletivos. Para construção da proposta partem da premissa de que boa parte dos alunos chegam à escola e não vivenciaram a cultura do jogar na rua. Nesse sentido, a Educação Física deve viabilizar experiências motoras e jogos que possibilitem a construção de um repertório básico de movimento, bem como permita o desenvolvimento de uma consciência tática elementar dos jogos coletivos.

Pautados em uma formação generalista Kröger e Roth (2002) não têm a intenção de especialização específica em algum esporte, para tanto sistematizam alguns blocos fundamentais de conteúdos, dos quais os alunos deveriam se apropriar. O primeiro deles são os jogos orientados para situação, nesse bloco os alunos são encorajados a jogar livremente, podendo com isso, reconhecer e perceber as situações táticas do jogo, além de entender e conviver com as regras, assim, “jogar se aprende jogando”.

O segundo bloco é baseado no desenvolvimento de capacidades coordenativas, em que os alunos possam aprender rápido e certo, controlando os movimentos de forma precisa e dirigida, bem como variá-los de forma múltipla e rica. No terceiro e último bloco as atividades são orientadas para o desenvolvimento de habilidades que não se confundem com o desenvolvimento específico da técnica. O importante é proporcionar a vivência de um número variado de habilidades que poderão servir de base para construção posterior das técnicas (KRÖGER E ROTH, 2002).

Bayer (1994) é outro autor da pedagogia do esporte afinado a uma proposta mais generalizada de iniciação nos jogos coletivos. Baseado no conceito de “transfert” propõe uma formação esportiva a partir da lógica interna dos jogos coletivos, em que os princípios comuns dessas práticas sejam a base da iniciação, mais especificamente, o ensino-aprendizagem de princípios operacionais e regras de ação.

Assim, para Bayer (1994) até os 15 anos o aluno deve desenvolver uma compreensão dos princípios comuns do basquetebol, futebol, handebol, sem a intenção de especialização. Para tal formação, faz menção a um modelo fenômeno-estrutural. Fenomenológico no sentido de colocar o aluno no centro das preocupações, valorizando sua intencionalidade no jogar, e estrutural, pois estará pautado em aspectos invariantes ou na lógica interna dos esportes coletivos.

Graça e Mesquita (2006) analisam o ensino dos Jogos Desportivos e ressaltam o papel central dos alunos no processo de aprendizagem. O aluno considerado enquanto sujeito individual que possui experiências vividas e necessidades particulares deve ser focalizado nas decisões acerca do processo de instrução.

Nas atuais propostas sobre ensino dos Jogos Desportivos as idéias construtivistas têm lugar central, evidenciando o papel ativo do aluno nas aprendizagens, bem como valorizando os processos cognitivos de tomada de decisão e compreensão das situações problema. Apesar disso, aspectos objetivos não podem ser desconsiderados, isso porque a inexistência de orientações pode levar os alunos a interpretações equivocadas dos problemas táticos do jogo, já que os Jogos Desportivos possuem uma estrutura formal e funcional perfeitamente definida (GRAÇA e MESQUITA, 2006).

É possível depreender das análises de Graça e Mesquita (2006) que os estilos diretivos de ensino dos Jogos Desportivos, em que os professores são responsáveis por todas as decisões, merecem um olhar mais cuidadoso por parte dos professores e técnicos do esporte. As atuais propostas elegem o aluno como centralidade do processo de ensino-aprendizagem

dos Jogos Desportivos, mas não deixam de salientar os equívocos em adotar posturas que desconsiderem aspectos objetivos do jogo.

Levando em conta as propostas dos autores, alertamos para o fato de que quando o assunto é como ensinar esporte, a atenção deve privilegiar quem joga e não apenas o jogo.

No caso específico do livro didático, não são os alunos que devem se adaptar aos livros, mas os livros a eles. Nesse sentido, elaboramos o livro didático de basquetebol pensando e encaminhando temas e atividades que se adaptem aos alunos. Consideramos evidentemente aspectos específicos do esporte, mas sempre com o olhar voltado às possibilidades dos alunos.

6. Material e método

A metodologia que utilizaremos é de natureza qualitativa. Na análise de Triviños (1987) as pesquisas com enfoque qualitativo surgem em contraposição à atitude tradicional positivista de aplicar aos estudos das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais.

Na visão de Lukde e André (1986), com a evolução dos estudos na área educacional, percebeu-se que poucos fenômenos nessa área podem ser submetidos à abordagem analítica, típica das pesquisas experimentais, pois em Educação as coisas acontecem de maneira intrincável e não é possível isolar as variáveis envolvidas.

Não queremos aqui negar a relevância das pesquisas experimentais em Educação, quando aplicadas dentro de seus limites naturais, mas devido ao enfoque que desejamos empregar em nosso estudo, optamos por uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa apresenta algumas peculiaridades que as define e norteia.

Nessa abordagem o ambiente natural é fonte direta dos dados e o pesquisador um instrumento imprescindível. Ele estará em contato direto com a situação investigada, possibilitando maior fidedignidade na descrição dos fenômenos, visto que o sujeito permanece em seu contexto natural. No caso particular de nosso estudo estivemos bastante implicados na construção de um material didático, na realização das entrevistas e na observação das aulas de um professor.

A pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva, por isso o pesquisador deve estar atento ao maior número possível de elementos presentes na situação pesquisada, possibilitando a compreensão detalhada do problema. Assim, a interpretação dos dados surge como a totalidade de um fenômeno, em um contexto. Optamos com isso, pela entrevista semi-estruturada que nos permite aprofundar as informações obtidas, além de estarmos atentos aos inúmeros determinantes da prática pedagógica.

A preocupação dos pesquisadores se volta ao processo e não simplesmente ao produto das investigações. Dessa maneira, o interesse do pesquisador tem como foco a análise das atividades, dos procedimentos e das interações cotidianas.

Diferente da pesquisa quantitativa que concentra seus esforços na explicação dedutiva, na pesquisa qualitativa o fenômeno social é explicado em um processo dialético indutivo-dedutivo.

E finalmente, os significados que o sujeito atribui aos fenômenos são essenciais, pois são esses pressupostos que servem de fundamentos à vida das pessoas, permitindo iluminar o dinamismo interno das situações.

Nosso estudo foi desenvolvido em três momentos distintos e complementares; elaboração de livro didático de basquetebol; avaliação da aplicabilidade do livro junto aos professores de Educação Física e investigação dos usos que um professor faz do material em situações reais de ensino.

• **Primeira Etapa**

Na concepção de Demo (1995) são quatro os gêneros de pesquisa no campo das ciências sociais, dentre elas, cita a possibilidade da pesquisa teórica, que em sua análise dedica-se ao estudo de teorias, formulação de referências ou mesmo a elaboração de conceitos. Baseado nessa diferenciação, na primeira etapa de nosso estudo, estivemos debruçados sobre a formulação de uma proposta teórica, especificamente na elaboração de um livro didático de basquetebol para o professor e outro para o aluno.

Com esse intuito, levantamos bibliografia básica e identificamos trabalhos produzidos com as temáticas que nos interessa, tais como, o tema do livro didático, por que ensinar basquetebol, o que ensinar do basquetebol e como ensinar basquetebol. A partir da descrição do que foi produzido e o que está sendo proposto sobre essas temáticas, pesquisamos materiais curriculares relacionados ao basquetebol que pudessem dar suporte a prática pedagógica dos professores de Educação Física na Educação Básica. Concluído o

levantamento bibliográfico e o de materiais curriculares elaboramos um pequeno livro didático destinado aos professores e outro livro aos alunos.

Na elaboração do livro didático enfocamos nosso interesse sobre o Ensino Fundamental e optamos pelo 6º e 7º anos, níveis de ensino nos quais grande parte dos professores desenvolve os esportes coletivos. Assim, tanto o livro do professor quanto do aluno foi pensado e elaborado tentando atender as necessidades de alunos de 11 a 13 anos de idade.

Para construção do livro elencamos quatro grandes temas (Figura 1): “Basquetebol: compreendendo o jogo”, “Basquetebol e suas transformações”, “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos” e “Basquetebol e Diversidade”. Dentro de cada tema desenvolvemos alguns sub-temas com intenção de detalhar e aprofundar os temas centrais.

Nos primeiros sub-temas nos preocupamos em apresentar o esporte aos alunos de modo que eles se familiarizem com os espaços de prática, as regras e com a dinâmica do jogo, nesse sentido propusemos os seguintes temas: “Os espaços do basquetebol”, “A dinâmica do jogo” e “As regras do jogo”. No segundo grande tema exploramos dois sub-temas relacionados à história do basquetebol tratando de sua criação e de algumas transformações, são eles: “Os primórdios do basquetebol” e “Transformações do jogo”. No terceiro tema nossa intenção foi aprofundar questões relativas ao jogo, privilegiando o ensino dos fundamentos básicos e de pequenos jogos, optamos assim por dois sub-temas: “Do jogo ao esporte” e “Aprimorando o jogo”. Por fim, trabalhamos dois sub-temas que trazem a discussão da diversidade no esporte atentando para as minorias no basquetebol, dentre eles, “Basquetebol sobre cadeira de rodas” e “Mulheres no basquetebol”.

TEMAS	SUB-TEMAS
Basquetebol: compreendendo o jogo	• Os espaços do basquetebol • A dinâmica do jogo • As regras do jogo
Basquetebol e suas transformações	• Os primórdios do basquetebol • Transformações do jogo
Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos	• Do jogo ao esporte • Aprimorando o jogo
Basquetebol e Diversidade	• Basquetebol sobre cadeira de rodas • Mulheres no basquetebol

Figura 1 – Divisão dos temas e sub-temas que compõe o livro didático de basquetebol

Os sub-temas seguem uma sequência comum, no início de todos eles apresentamos o objetivo e em seguida exploramos o assunto com vivências e práticas, leitura e discussão, exercícios e curiosidades, entre outras atividades. Não foi nossa intenção restringir os sub-temas ao desenvolvimento de uma aula, em alguns deles é possível que o professor necessite de mais tempo.

• Segunda Etapa

Na segunda etapa do estudo optamos por uma investigação de caráter exploratório. Ludke e André (1986) indicam que a fase exploratória de um estudo é caracterizada por um delineamento mais claro da pesquisa, nos quais questões essenciais e pontos críticos podem ser explicitados, repensados ou abandonados.

Para tanto, avaliamos o livro didático de basquetebol junto a cinco professores do Ensino Fundamental de 6º e/ ou 7º ano. Os professores foram convidados a avaliar o livro do professor e o livro do aluno atentando para sua aplicabilidade em situações reais de ensino.

Para apreensão dos dados utilizamos uma entrevista semi-estruturada que nos permite partir de um roteiro básico de questões, aprofundando e esclarecendo as informações que julgarmos necessário, ou seja, caso as respostas sejam insuficientes aos propósitos do estudo o pesquisador pode explorar melhor as questões com a intenção de obter informações mais detalhadas. A título de exemplo transcrevemos uma das cinco entrevistas realizadas (vide Anexo II).

Com o roteiro de questões foi possível investigar como o professor visualiza esse material em sua prática pedagógica. Assim, formulamos questionamentos que permitem analisar as características do livro didático de basquetebol, atentando para aspectos negativos e positivos de sua utilização, relevância de seus conteúdos, organização dos temas e sub-temas, adequação de seu formato e percepção dos alunos.

Roteiro para entrevista

Nome:_____Local de trabalho:_____.

Instituição onde se graduou:_____Mestrado em:_____.

Doutorado em: _____ Experiência na escola: _____.

- 1- Quando você vai dar aulas de esporte na escola, você utiliza algum livro? Qual?
- 2- Você sente a necessidade de algum material prévio ou utiliza outros recursos para planejar, aplicar e avaliar as aulas?
- 3- Em sua opinião, o livro didático de basquetebol poderia dificultar seu trabalho? De que forma?
- 4- Em sua opinião, o livro didático de basquetebol poderia colaborar com seu trabalho? De que forma?
- 5- Como você utilizaria o livro didático de basquetebol?
- 6- Qual das atividades você considerou mais interessante? Por quê?
- 7- Qual das atividades você não usaria? Por quê?
- 8- O que você achou do encadeamento dos temas e das atividades dentro dos temas?
- 9- Como você acha que pode ser as respostas dos alunos frente ao livro?

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para coleta de dados na pesquisa qualitativa. Para Ludke e André (1986) a boa entrevista exige alguns cuidados do entrevistador, em primeiro lugar a garantia de sigilo e respeito pelos entrevistados. Importante também, criar um ambiente de confiança, sendo capaz de estimular o fluxo natural de informações e manter-se atento para ouvir com paciência. Alertam ainda, para importância de registrar as expressões orais com gravações direta e anotações de expressões não verbais, tais como, entonações, hesitações, alterações de ritmo, entre outros aspectos.

Nas análises de Ludke e André (1986) é inegável que as qualidades e habilidades de um entrevistador sejam a capacidade de comunicação e paciência para ouvir, mas é preciso reconhecer que essas qualidades são desenvolvidas pelo estudo e prática.

Com isso, em nosso primeiro contato com o instrumento de coleta de dados realizamos, com uma professora colaboradora, uma entrevista “piloto” com a intenção exclusiva de testarmos o instrumento de coleta, tentando identificar a clareza na exposição dos objetivos do estudo, além de afastar possíveis inadequações quanto ao roteiro básico de questões. Por problemas com o equipamento de gravação não foi possível transcrever essa entrevista e, portanto, usar esta experiência como estudo piloto.

No que diz respeito à escolha dos sujeitos-participantes (Figura 2), por meio do contato pessoal convidamos cinco professores a contribuir com a pesquisa, todos eles integrantes da Diretoria de Ensino da cidade de Limeira (SP), sendo que quatro deles trabalham em escolas desse município e um trabalha na cidade de Rio Claro (SP). Para

escolha desses professores adotamos alguns critérios. Os participantes deveriam ser professores do componente curricular Educação Física que ministrassem aulas para turmas de 6º e/ ou 7º ano, que fossem efetivos no cargo e que demonstrassem interesse em participar do estudo.

Ainda consideramos como critério relevante, que os professores, além de se enquadrarem nos quatro critérios acima citados, também estivessem engajados na continuidade de seus estudos, participando de congressos, e/ ou disciplinas de pós-graduação, e/ ou integrados à programas de mestrado. Assim, em conversas com diversos professores da área de Educação Física e frequentando alguns congressos identificamos alguns professores que se enquadraram nos critérios elencados, chegando assim, aos cinco professores descritos abaixo.

Sujeitos	Idade	Sexo	Local de trabalho	Ano e Local de formação	Anos de docência na rede pública paulista
1	26	M	Limeira	2005/ UNESP-RC	3 anos
2	25	M	Limeira	2004/ UNESP-RC	3 anos
3	44	M	Rio Claro	1984/ Fundação Educacional de São Carlos	20 anos
4	43	F	Limeira	1987/ UNESP-RC	3 anos
5	24	F	Limeira	2004/ UNESP-RC	3 anos

Figura 2 – Descrição dos sujeitos

• Terceira Etapa

Na terceira etapa, investigamos como o livro didático de basquetebol foi utilizado em situações reais de ensino, para tanto, observamos a prática pedagógica de um professor.

Importante ressaltar que o professor observado também participou da segunda etapa da pesquisa, sendo um dos cinco entrevistados. Optamos pela observação de suas aulas, já que foi um dos participantes a demonstrar abertura quanto à possibilidade de aprofundamento da investigação. Nesse sentido, consideramos oportuna a escolha desse professor, tendo em vista sua aceitação na utilização do livro didático de basquetebol, bem como, a receptividade demonstrada pela coordenadora pedagógica do referido professor na possibilidade de aplicação de um material didático e observação das aulas.

Nessa etapa de nossa investigação optamos pelo referencial metodológico do estudo de caso. Os estudos de caso surgem da necessidade de compreender fenômenos sociais complexos, permitindo investigações significativas de eventos da vida real (YIN, 2001).

O estudo de caso deve ser sempre bem delimitado, o caso pode ser similar a outros, mas ao mesmo tempo é distinto, já que é único e particular (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Ludke e André (1986) apresentam algumas características fundamentais do estudo de caso, dentre elas, nos chama atenção o fato de buscarem a apreensão do objeto dentro de seu contexto específico, dessa forma para compreender uma ação, comportamento ou problema é imprescindível respeitar e levar em conta as situações e ambientes em que eles se manifestam. Além disso, os estudos de caso procuram retratar a realidade de forma completa, revelando as diversas dimensões de uma ação, comportamento ou problema.

Ainda em relação ao estudo de caso, André (2003) aponta que essa metodologia possibilita uma visão aprofundada, ampla e integrada de uma unidade complexa, mas exige do pesquisador um trabalho de campo intenso.

Segundo Schon (1995) para uma análise rigorosa da prática pedagógica dos professores não basta perguntar o que eles fazem, já que existe certa divergência entre o que os professores fazem e o que eles dizem fazer.

A partir dessa constatação ele propõe chegarmos aos professores por meio da observação direta e registrada que permita uma descrição dos comportamentos e reconstrução das intenções, estratégias e pressupostos.

Por meio de contato pessoal convidamos um professor da rede pública paulista a utilizar o material em suas aulas com uma turma de 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental. O professor escolhido trabalha há três anos na rede estadual de ensino, na cidade de Limeira (SP) e ao longo desses anos ministra aulas para turmas de 6º e 7º anos. Atualmente, realiza seu mestrado no campo da Educação e vem há um ano aprofundando discussões relativas a escola. Em acordo com o professor optamos por observar sua prática pedagógica com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental que possui aulas duplas às segundas feiras.

Importante ressaltar que o professor teve autonomia para desenvolver o conteúdo basquetebol de acordo com suas concepções e interesses, adotando as estratégias e atividades que considerava importante aos alunos aprenderem. Assim, não estipulamos um número mínimo de aulas a serem observadas. O período necessário ao desenvolvimento do conteúdo basquetebol foi decisão exclusiva do professor, e permanecemos em contato direto até o encerramento desse conteúdo, ao final foi possível observarmos um total de dez aulas, distribuídas em cinco semanas.

Outro aspecto considerado foi que a utilização do livro didático era apenas uma possibilidade oferecida ao professor, não existia a necessidade de aplicar o material de forma fechada, na mesma sequência em que foi elaborado.

Nesse sentido nosso olhar esteve focalizado nas escolhas do professor. Qual critério utiliza para descartar ou adotar o material? Utiliza o livro como referência a ser seguida ou vê o livro como mais um recurso? Com qual critério escolhe as atividades a serem desenvolvidas? Quando adota um tema ou atividade do livro faz adaptações às necessidades da turma? Considera importante o livro do aluno ou descarta esse material? Caso utilize o livro do aluno, como isso é efetivado?

Esse estudo foi desenvolvido com o consentimento dos indivíduos envolvidos e para tanto os participantes foram esclarecidos sobre os riscos e o direito de desistir a qualquer momento. Além disso, obtivemos a aprovação de seus propósitos e procedimentos por parte do Comitê de Ética em Pesquisa (vide Anexo I).

7. Resultados e Discussão

7.1 O livro didático de basquetebol

Como resultado da construção do livro didático de basquetebol, apresentamos os aspectos que permearam a elaboração desse material e em seguida apresentamos o livro didático do aluno e o livro didático do professor como produto final dessa primeira etapa da pesquisa.

O primeiro passo na construção do livro didático foi delinear o conteúdo e o ano para o qual seria destinado.

Escolhemos o esporte por se tratar de um conteúdo que merece novos olhares dentro da escola, mais especificamente, o basquetebol e também pelo fato de estarmos bastante familiarizados com a iniciação e o treinamento dessa modalidade.

No que diz respeito ao nível de ensino optamos pelo 6º e 7º ano, por considerarmos que um número significativo de professores de Educação Física inicia o trabalho com os esportes coletivos nessa etapa da escolarização.

Importante ressaltar, que antes mesmo de escolhermos os conteúdos e o nível de ensino ao qual seria destinado, já tínhamos bem sedimentado nossa concepção quanto ao papel da Educação Física na escola e a função dos conteúdos nesse ambiente.

Nesse sentido, entendemos a Educação Física escolar como um espaço de conhecimento e vivência da cultura corporal, optando com isso, por um tratamento do basquetebol a partir das dimensões dos conteúdos. Assim, no processo de elaboração do livro didático estivemos atentos para que houvesse um equilíbrio entre conceitos, procedimentos e atitudes.

Os critérios para escolha dos conteúdos que compuseram o livro didático de basquetebol estiveram pautados em nossas experiências enquanto praticantes e enquanto professores na iniciação esportiva da modalidade basquetebol, além de leituras e reflexões.

Ao longo do planejamento e construção do livro didático de basquetebol optamos por determinados temas que consideramos importantes em uma primeira aproximação com o basquetebol, por outro lado, para que o material não ficasse muito extenso tivemos que abrir mão de temas significativos que poderiam ser explorados.

Para tanto, consideramos relevante que em um primeiro contato com o esporte o aluno pudesse reconhecer os espaços de prática e compreender minimamente a dinâmica e regras do jogo. Nossa maior preocupação era que o aluno se identificasse com o basquetebol, ou seja, tivesse prazer em conhecer e vivenciar o esporte, afastando possibilidades do aluno repudiar ou resistir à sua prática logo no início das aulas.

Foi por esse mesmo motivo que preferimos deixar a história do basquetebol como um segundo tema, já que se colocássemos em um primeiro contato com o esporte talvez tivéssemos dificuldades com a aceitação do conteúdo. Isso não quer dizer que a história do basquetebol seja um assunto menos importante, de fato acreditamos e defendemos a relevância de contextualizar a criação e as transformações pelas quais passou o basquetebol ao longo do tempo.

Após o conhecimento dos aspectos elementares do jogo, bem como da atribuição de sentido aos aspectos históricos, consideramos oportuno aprofundar os conhecimentos específicos do jogo, nesse sentido propusemos um terceiro tema no qual o aluno pudesse se aprimorar no conhecimento e vivência do esporte.

Finalizando a proposta, demos maior ênfase ao tema da diversidade no basquetebol, atentando para dois grupos sociais que enfrentam certas dificuldades de acesso ao esporte, dentre eles, destacamos o basquetebol sobre cadeira de rodas e as mulheres no basquetebol.

Como é possível perceber, a organização do livro didático de basquetebol esteve bastante apoiada em nossas convicções pessoais sobre o ensino do esporte. De fato encontramos poucos elementos que dessem suporte a escolha e desenvolvimento dos temas, a

não ser critérios já consagrados na área, como o aumento de complexidade dos conteúdos (do simples para o complexo).

A falta de tradição da Educação Física no encaminhamento de estudos e trabalhos sobre o livro didático tornou delicada a estruturação e construção do livro didático de basquetebol, já que possuímos pouco conhecimento sobre a organização e seleção dos conteúdos.

Por isso, entendemos ser imprescindível o desenvolvimento de estudos que deem suporte à construção do livro didático na Educação Física, dentre eles chama-nos atenção os estudos iniciais sobre a sistematização dos conteúdos.

Sobre o tema da organização curricular Palma et al. (2008), por exemplo, afirmam que, frequentemente, os professores enfrentam dificuldades em sistematizar os conteúdos. Com dúvidas sobre quando ensinar, o que ensinar e para que ensinar, em cada uma das séries.

Os autores, indicam também que não há consenso na Educação Física quanto a linha pedagógica que deveria respaldar esses estudos, ou seja, propostas a partir dos conceitos de motricidade humana, cultura corporal, desporto, desenvolvimentismo, entre outras correntes. Apontam ainda, que desprezar qualquer uma dessas linhas seria limitar as possibilidades de contribuição de cada uma delas.

Assim como os professores da Educação Básica, Palma et al. (2008) também enfrentam dificuldades para encontrar critérios que deem suporte e justifiquem a sistematização dos conteúdos. Em suas propostas para sistematização dos conteúdos, fazem opção por uma abordagem que se aproxima mais do conceito de motricidade humana, com isso, propõem alguns núcleos de concentração dos conteúdos, tais como: o movimento em construção e estruturação; o movimento nas manifestações lúdicas e esportivas; o movimento em expressão e ritmo; e o movimento e a saúde.

Na descrição detalhada dos núcleos é possível depreender alguns critérios que balizaram a seleção e escolhas de Palma et al. (2008). A mais evidente relaciona-se aos interesses dos alunos, nesse sentido a seleção é baseada na percepção dos pesquisadores sobre a motivação dos alunos em determinados conteúdos ao longo das séries, ou seja, qual o interesse do aluno no 1º ano, no 2º ano do Ensino Fundamental e assim por diante. A teoria do desenvolvimento motor é outro critério que deu suporte a proposta das habilidades motoras, que são mais presentes nos anos iniciais, sendo oferecidas de forma decrescente no decorrer das séries. Por fim, houve uma ênfase no tema da saúde que historicamente é um tema bastante difundido na área e recebe o apreço dos pesquisadores.

Palma et al. (2008) deixam claro, em suas discussões sobre a sistematização, que algumas escolhas sobre a organização dos conteúdos são decisões exclusivas dos professores, já que a proposta deve se adequar ao contexto das aulas e ao projeto político pedagógico da escola. Percebemos nesse estudo, uma preocupação em demonstrar a amplitude de conhecimentos da Educação Física, no sentido de superar ações desorganizadas desse componente curricular, bem como afastar práticas comuns como o “deixar fazer” ou o “rola a bola”.

Palma et al. (2008) oferecem alguns indicativos de princípios, tais como, os interesses dos alunos e as concepções do papel da Educação Física na escola, mas ainda nos falta critérios mais universalizantes, não no sentido de proposição de um currículo mínimo, mas de critérios fundamentais, para que qualquer professor possa pensar sua própria sistematização.

Rosário (2006), por exemplo, discorrendo sobre critérios para seleção de conteúdos nas aulas de Educação Física, apresenta três indicações que podem colaborar com a sistematização dos conteúdos. Em seu entendimento é preciso considerar na Educação Física que os conteúdos são amplos e numerosos, segundo não se aplicam a qualquer contexto e são provisórios.

A primeira característica apontada por Rosário (2006) parece plausível, já que seria impossível desenvolver todas as práticas corporais que compõem a cultura corporal.

No que diz respeito ao contexto, a cultura local de desenvolvimento das aulas também será um critério relevante, já que para algumas comunidades alguns conteúdos serão mais significativos. Por fim, devemos considerar que todo conhecimento produzido pela humanidade é provisório, passível de ser modificado e superado. Na Educação Física, no início do século XX, temos os exemplos dos métodos ginásticos, mas que atualmente não são mais vivenciados (ROSÁRIO, 2006).

Em estudo sobre a organização curricular, Gonzáles (2006) construiu, em conjunto com um grupo de professores, um projeto curricular para Educação Física das escolas desses participantes.

Para o desenvolvimento do projeto elencaram alguns critérios ou condições que deveriam ser atendidas por todos os envolvidos na elaboração do trabalho. Dentre os critérios: a explicitação dos conteúdos deveria necessariamente estar pautada na aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes; o projeto deveria estar coerente com a tematização da cultura corporal de movimento, com preocupação especial para diversificação de conteúdos; os conteúdos deveriam ser necessariamente contextualizados em uma perspectiva histórico-

social, possibilitando a apropriação crítica dos conhecimentos; o projeto da Educação Física deveria estar orientado e subordinado pelo projeto da escola; e haveria uma abertura mínima para o planejamento participativo dos alunos.

Assim como Palma et al. (2008) propõem a organização curricular por “núcleos de concentração”, Gonzáles (2006) propõe eixos de conhecimentos, sendo eles: conhecimentos do próprio corpo e suas possibilidades de movimento; esporte; luta; ginástica, atividades expressivas; jogos motores; e temas sobre a cultura corporal.

Além da organização curricular dos conteúdos, por exemplo, como distribuir no período das aulas atividades expressivas, luta e jogos motores, o autor preocupa-se com a organização específica do conteúdo esporte, ou seja, propõe uma diferenciação e sistematização particular do esporte.

Para tanto, Gonzáles (2006) organiza o esporte a partir do que ele entende por lógica interna e lógica externa. A lógica interna corresponde às características específicas de cada esporte, as características de desempenho exigidas, as situações motoras envolvidas, entre outros aspectos. Já a lógica externa são os significados sociais da prática esportiva, o que convencionamos chamar, em nosso estudo, de cultura que permeia o esporte.

A proposta de Gonzáles (2006) em organizar o esporte a partir de sua lógica interna e externa é muito próximo do que pensamos e elaboramos no livro didático de basquetebol.

Nossa intenção foi de construir um material que levasse em conta as características específicas do basquetebol, assim optamos por jogos e exercícios que se aproximassem e preservassem as particularidades dessa modalidade. Além disso, dedicamos atenção especial à cultura que permeia a prática do esporte, nesse sentido investimos no tema da diversidade, bem como no desenvolvimento de conceitos que permitissem ao aluno compreender melhor o jogo.

Outro aspecto interessante apresentado por Gonzáles (2006) foi que cada professor destinou um número diferente de aulas para cada conteúdo, o que parece confirmar as preocupações expostas por Palma et al. (2008), ou seja, apesar da sistematização de conteúdo ter sido proposta a priori por esses pesquisadores, algumas decisões são exclusivas do professor frente a seu contexto específico.

Nos trabalhos de Palma et al. (2008) e Gonzáles (2006) percebemos posturas semelhantes no encaminhamento do trabalho e na seleção de critérios muitas vezes similares.

Na compreensão desses autores, pensar a sistematização de conteúdo passa em um primeiro momento pela definição do que se pretende para Educação Física escolar ou a linha pedagógica que respalda o trabalho, por exemplo, motricidade humana, cultura corporal, etc.

Em seguida é imprescindível adotar critérios que justifiquem a seleção e a distribuição dos conteúdos. Palma et al. (2008) optaram por uma abordagem a partir da motricidade humana com o cuidado de não desconsiderar outras linhas de pensamento. Já em relação aos critérios de seleção, levaram em conta o interesse dos alunos, a teoria do desenvolvimento motor e o tema da saúde.

Por outro lado, Gonzáles (2006) esteve pautado pelo conceito de cultura corporal, estando atento à diversificação dos conteúdos, às dimensões dos conteúdos, ao projeto político pedagógico da escola e ao planejamento participativo dos alunos.

Apesar das diferenças nas propostas, tanto Palma et al. (2008) quanto Gonzáles (2006) alertam para necessidade de consideração do protagonismo do professor na adequação da sistematização a sua realidade de trabalho.

Como evidenciamos logo na introdução dessa pesquisa não foi nossa intenção refletir e propor o livro didático de basquetebol partindo de uma sistematização dos conteúdos, mas inevitavelmente tivemos que fazer escolhas que não foram exatamente de organização curricular, mas a adoção de critérios que justificassem a escolha do ano, dos temas e sub-temas. Exemplo disso, foi que em um primeiro momento optamos pela abordagem do conteúdo a partir do conceito de cultura corporal, em seguida optamos por turmas de 6º e 7º ano por considerarmos a tradição dos professores em iniciar o ensino dos esportes coletivos nesse período da escolarização, por fim, a proposta de temas e sub-temas esteve afinada ao conceito de dimensões dos conteúdos, por isso nossa preocupação em ensinar o esporte, mas também ensinar sobre o esporte e como se relacionar no âmbito de sua prática.

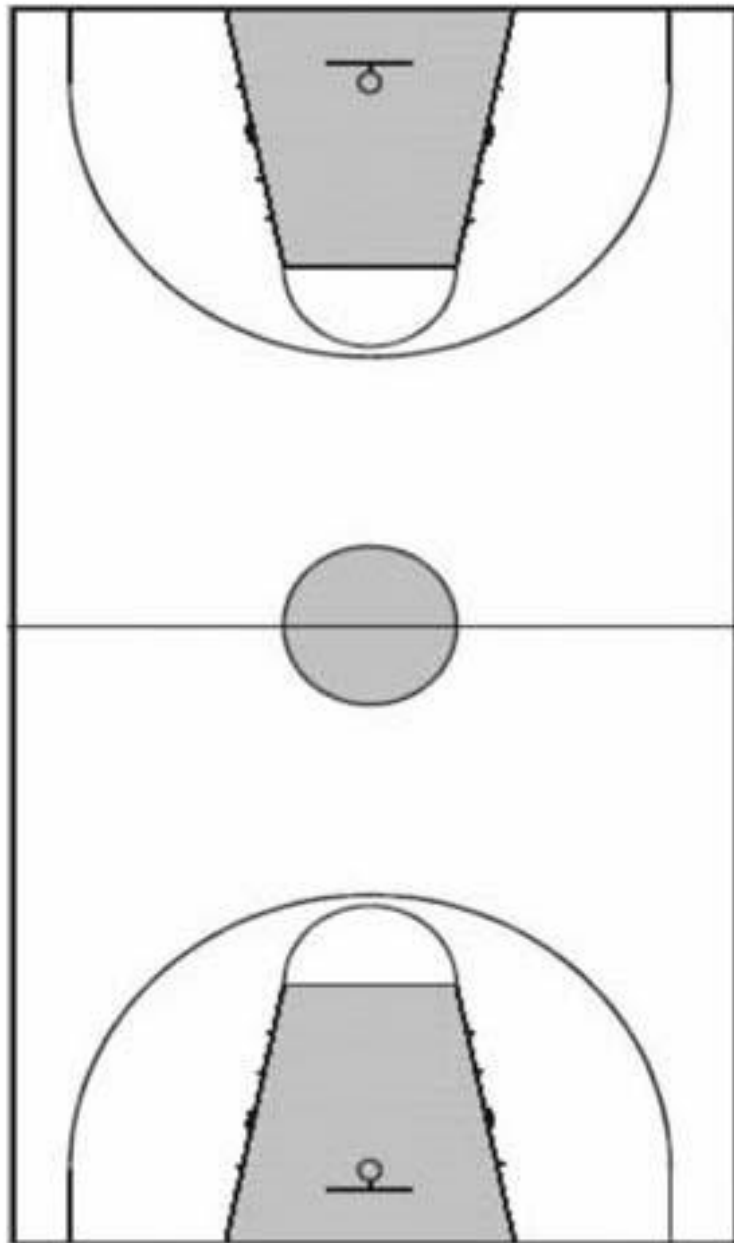
Chegamos assim, a uma importante consideração. Pensar e propor um livro didático para Educação Física na escola exige inevitavelmente selecionar e distribuir conteúdos ao longo da proposta, portanto há eleição de critérios. Pode até ser que esses critérios não estivessem claros e definidos a priori na construção do livro, mas por trás das escolhas é possível enxergá-los, mesmo que pautados por aspectos pessoais.

Assim, outros estudos sobre a sistematização de conteúdos que vislumbrem critérios gerais e consistentes podem contribuir, sobremaneira, para as investigações acerca do livro didático.

Na intenção de facilitar a leitura do livro didático de basquetebol é importante que fique claro: o primeiro material é destinado ao uso exclusivo do professor e o segundo ao uso do aluno. Para uma compreensão detalhada dos livros didáticos e as relações que existem entre eles é importante que se faça a leitura em conjunto, ou seja, na medida em que se vai lendo o livro do professor simultaneamente se efetua a leitura do livro do aluno.

7.2 Livro do professor

LIVRO DIDÁTICO



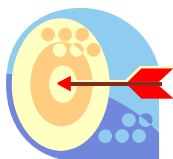
**B
A
S
Q
U
E
T
E
B
O
L**

SUMÁRIO

	Página
1- Basquetebol: compreendendo o jogo	55
1.1 OS ESPAÇOS DO BASQUETEBOL	55
1.2 A DINÂMICA DO JOGO	59
1.3 AS REGRAS DO JOGO	62
2- Basquetebol e suas transformações	69
2.1 OS PRIMÓRDIOS DO BASQUETEBOL	69
2.2 TRANSFORMAÇÕES DO JOGO	74
3- Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos	77
3.1 DO JOGO AO ESPORTE	77
3.2 APRIMORANDO O JOGO	85
4- Basquetebol e Diversidade	89
4.1 BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS	89
4.2 MULHERES NO BASQUETEBOL	92

O presente livro didático é destinado aos professores de Educação Física do Ensino Fundamental e trata de diversos temas relacionados ao basquetebol na escola. Os temas foram desenvolvidos com vista a sua utilização em situações reais de ensino-aprendizagem, para tanto são apresentados conhecimentos, vivências e práticas, além de discussões de valores e atitudes referentes ao esporte.

Tentando aclarar a utilização e leitura do trabalho, segue abaixo uma breve legenda das figuras que iniciam os principais tópicos de estudo.



Indica o início de um tema e seu respectivo objetivo.



Indica a presença de uma vivência ou prática durante a atividade.



Indica atividade relacionada à discussão.



Indica atividade de leitura.



Indica a realização de exercício corporal.



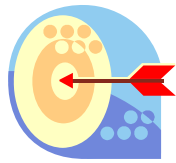
Indica curiosidade sobre o tema.

* Indica atividades que também estão presentes no livro do aluno

Mas, para mim, basquete é uma expressão da vida, um fio único, às vezes brilhante, que reflete o todo. Como a vida o basquete é também confuso e imprevisível. Acaba acontecendo o que tem de acontecer, não importa o quanto se tente manter o controle (PHIL JACKSON, Cestas Sagradas, 1997).

1- Basquetebol: compreendendo o jogo

1.1 OS ESPAÇOS DO BASQUETEBOL



Objetivo do tema

Nessas primeiras aulas trabalharemos o tema que intitulamos “Compreendendo o jogo”, trata-se de uma primeira aproximação dos alunos ao basquetebol. Para tanto, desenvolveremos atividades que possibilitem aos alunos conhecer alguns conceitos básicos do esporte e principalmente compreender sua dinâmica.

Atividade 1 - Que Esporte é Esse?*

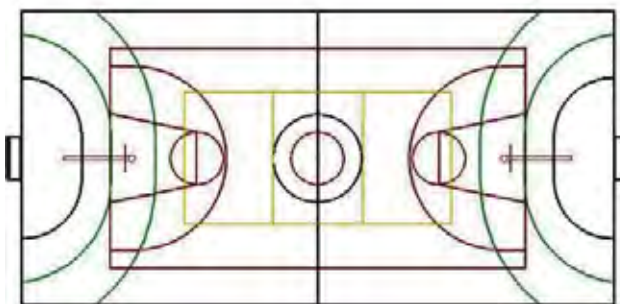
No início da aula, de preferência numa roda, solicite aos alunos que definam e apresentem características do basquetebol.

Questão: O que vocês entendem por basquetebol? Quais são suas características?

Atividade 2 - Conhecendo a Quadra*

Nessa atividade forneça aos alunos a figura 1 que representa uma quadra poliesportiva, demarcada para vários esportes. Solicite que sublinhem as linhas que delimitam a quadra de basquetebol. Observação: Seria interessante que eles também identificassem as demarcações dos demais esportes.

FIGURA 1



Atividade 3 - Explorando a Quadra

Se você tiver em sua escola uma quadra poliesportiva com linhas demarcadas, solicite aos alunos que caminhem sobre a quadra de basquetebol.

Variações:

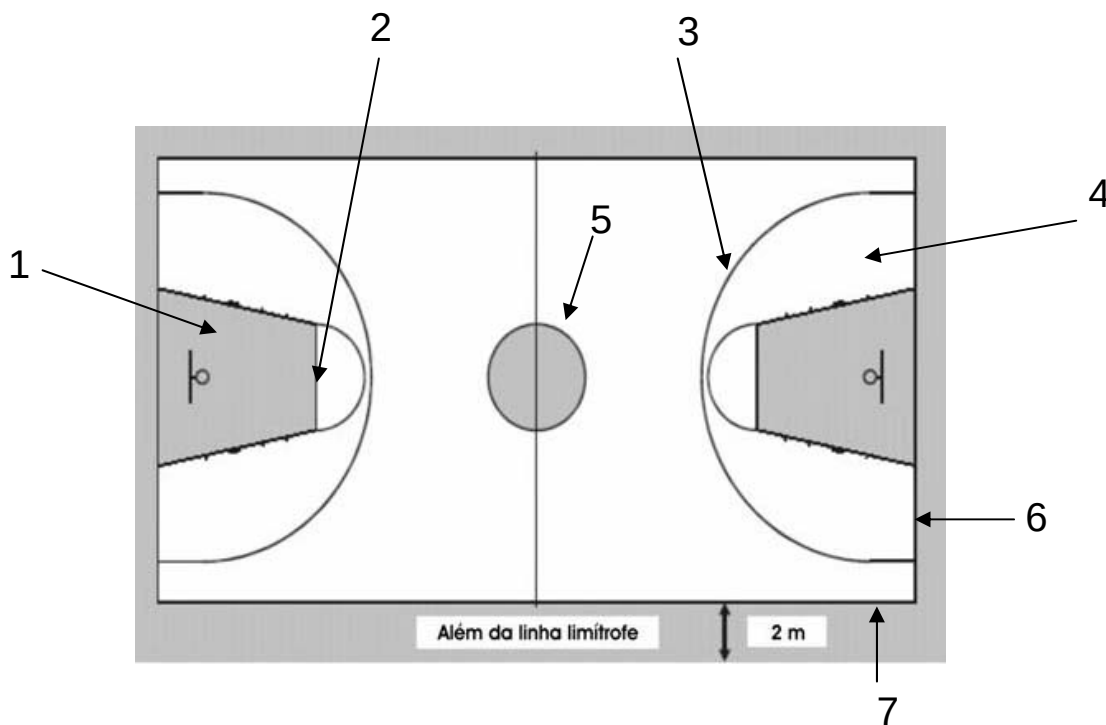
1ª Ao comando de número 1 correr de frente, 2 correr de costas, 3 correr lateralmente, 4 correr de frente com elevação do calcanhar até o glúteo, 5 correr com elevação do joelho.

2ª Pega-pega sobre as linhas, um aluno é o pegador os demais devem fugir utilizando apenas as linhas da quadra de basquetebol e voleibol.

Atividade 4 - Identificando as Principais Demarcações*

Abaixo na figura 2 identificamos alguns pontos fundamentais da quadra e os caracterizamos. No livro do aluno também é possível encontrar essa figura, solicite que eles identifiquem os espaços demarcados com os números. Posteriormente, peça que eles apresentem alguma característica do espaço identificado.

FIGURA 2



- 1- *Garrafão*: espaço delimitado pelo preenchimento sombreado, local bastante ocupado pelos jogadores mais altos das equipes (os pivôs). Além disso, é um espaço que não pode ser invadido antes da cobrança do lance livre. Durante o jogo o arremesso na região do garrafão vale dois pontos.

- 2- *Linha de lance livre*: espaço determinado para cobrança da falta recebida por um jogador que estava no ato do arremesso. Ao jogador que cobra o lance livre não é permitido pisar na linha.
- 3- *Linha de três pontos*: linha que delimita a distância mínima para o arremesso de três pontos. Caso o jogador tenha tocado a linha, antes de a bola sair de sua mão, o arremesso passa a valer dois pontos.
- 4- *Zona de dois pontos*: Todos os arremessos realizados em cima da linha dos três ou após essa linha e próximo a cesta são considerados arremessos de dois pontos.
- 5- *Círculo central*: espaço onde o jogo é iniciado. É permitido a apenas um jogador de cada equipe ocupar o círculo. Cada jogador deve estar de um lado da quadra, o lado que ele estiver ocupando será sua quadra de defesa, ou seja, deve proteger a cesta desse lado da quadra. Os demais jogadores de ambas as equipes podem ocupar qualquer espaço da quadra, seja de sua defesa ou de seu ataque.
- 6- *Linha de fundo*: linha atrás da cesta que indica o final da quadra. O jogador que com a posse da bola toca a linha de fundo com qualquer parte do corpo ou mesmo toca a bola nessa linha perderá a posse para equipe adversária.
- 7- *Linha lateral*: linha perpendicular à linha de fundo. O jogador que com a posse da bola toca a linha lateral com qualquer parte do corpo ou mesmo toca a bola nessa linha perderá a posse para equipe adversária.

Atividade 5 - Construindo a Quadra*

Se o espaço que você utiliza na escola possui as demarcações específicas do basquetebol solicite aos alunos que em grupo identifiquem as diversas regiões apresentadas na figura 2. Observação: Caso não haja linhas demarcadas na sua escola, solicite aos alunos que as realize com giz ou se for possível com tinta.



Atividade 6 - Aprender Jogando

Conhecida as delimitações da quadra será momento de realizar a primeira vivência do jogo.

- 1- Nessa atividade não deve haver preocupação com o número de jogadores nem com as regras e muito menos com a técnica dos movimentos.

- 2- Importante que os alunos joguem como imaginam que seja o jogo, mesmo porque, muitos deles já observaram partidas pela televisão.
- 3- Com o intuito de organizar minimamente a atividade forme 6 grupos com média de 5 a 7 alunos por grupo.
- 4- O jogo será realizado em meia quadra, dessa forma, em cada lado da quadra deve permanecer três grupos, sendo que dois jogam enquanto um observa, para em seguida também participar.
- 5- Estipule um período de prática para que todos os grupos possam jogar.
- 6- Evite deixar por mais tempo em quadra a equipe que ganha. Estabeleça um critério para que as equipes tenham períodos equivalentes de prática.



Discussão da atividade

Terminada a atividade 6 reúna os alunos em roda. Tente perceber se eles gostaram ou não do jogo. Questione se eles jogaram conforme as regras do esporte ou se cometeram alguma infração.

Professor, caso exista algum aluno com experiências anteriores no basquetebol explore os conhecimentos desse aluno, peça que demonstre a realização correta e incorreta dos movimentos, é bom deixar claro que não se trata da realização correta da técnica de movimentos, mas daqueles movimentos que se configuram como infração à regra. A técnica caracteriza-se como movimentos elaborados que exigem habilidade do jogador e são reconhecidos como mais eficientes, exemplo desses movimentos é o arremesso em “jump”. Apesar de constituir um movimento que pode facilitar a consecução da cesta, sua execução não é condição necessária para se enquadrar às regras do jogo. No caso da infração os movimentos devem estar de acordo com as exigências da regra, ou seja, sua execução é condição necessária para o jogador se enquadrar às regras. Tente explorar as dúvidas dos alunos iniciantes.



Texto para o professor

Infrações comuns no basquetebol

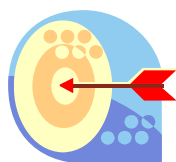
Duas infrações relacionadas ao drible são frequentemente realizadas pelos alunos. A primeira delas é se deslocar segurando a bola. Quando recebo a bola um dos meus pés deve estar necessariamente em contato com o chão (é permitido girar sobre esse eixo), caso queira me deslocar com a posse da bola é indispensável realizar o drible, ou seja, bater a bola consecutivamente.

Outra infração bastante comum é o duplo drible, driblar a bola em seguida segurá-la e voltar a driblá-la novamente. Caso segure a bola após o drible, os únicos movimentos permitidos serão os passes ou os arremessos e em hipótese alguma o drible novamente.

Atividade 7 – Pesquisa: “Onde posso jogar basquetebol”? *

Solicite aos alunos que pesquisem espaços onde o basquetebol pode ser praticado, de preferência próximo à residência de cada um deles. Após o levantamento permita que apresentem a pesquisa para classe.

1.2 A DINÂMICA DO JOGO



Objetivo do tema

Nesse segundo momento relativo à compreensão do basquetebol, trabalharemos com o entendimento de questões da dinâmica do jogo e mais especificamente a ocupação dos espaços vazios, saída da marcação (desmarque) e opção de passe, atentando para os aspectos ofensivos.

Um número elevado de alunos iniciantes enfrentam dificuldades na compreensão e implementação desses conceitos e acabam se desinteressando ou mesmo sendo excluídos do jogo.

A ocupação dos espaços vazios é realizada a partir de deslocamentos do jogador na direção dos espaços da quadra que não estejam congestionados ou possuam pequeno número de jogadores. Essa ocupação permite ao jogador uma visão privilegiada do jogo, além de possibilitar a recepção da bola com mais segurança.

A saída da marcação (desmarque) é outro conceito ofensivo essencial para que o jogador participe mais ativamente da partida e é realizado por meio de fintas de corpo ou leves desequilíbrios do marcador.

Por último, a opção de passe é nada mais do que posicionar-se em condições de receber a bola, ou seja, estar livre e na linha de passe de seu companheiro.



Atividade 1 - Jogo dos 5 Passes*

A primeira atividade para proporcionar a vivência dos conceitos de ocupação do espaço vazio, desmarque e opção de passe é o jogo dos passes.

Objetivos do jogo

Duas equipes enfrentam-se em um espaço demarcado pela metade da quadra de basquetebol, o objetivo de cada uma delas é realizar 5 passes sem que a equipe oposta consiga interceptar a sequência de passes.

Divisão das equipes

Divida a turma em quatro grupos, dois jogam em uma metade da quadra e os outros dois na metade restante.

Regras

- 1- Caso a bola seja interceptada a equipe que a recupera inicia imediatamente a sequência de passes. Sempre que uma equipe alcança os 5 passes ganha um ponto e transfere obrigatoriamente a posse da bola para a equipe oposta que reiniciará a atividade.
- 2- O contato físico deve ser mínimo, quando estiver com a bola o jogador não pode ser atrapalhado com empurrões ou desequilíbrios.



Discussão da atividade

Após a vivência do jogo, reúna o grupo e questione sobre os conceitos citados no início do texto:

Questão1: O que cada jogador precisa fazer para que a equipe consiga realizar os 5 passes?

- Alertar os alunos sobre a importância de “ler o jogo”, entender sua dinâmica, perceber os espaços vazios e obter melhores posições para se posicionar.

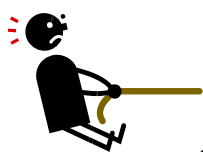
Questão 2: Alguém saberia dizer o que é dar opção de passe*?

- *Aparecer para o jogo em condições claras de receber o passe. Na linguagem popular, o jogador que não está atento a esses detalhes é aquele que tem medo do jogo ou se esconde da bola.

Observação:

Importante o professor perceber as diferenças do aluno que não compreende o conceito de opção de passe e por esse motivo não aparece para receber a bola, daquele que já compreendeu, mas por medo de expor-se prefere não receber a bola, nesses casos a intervenção vai além da simples explicação do conceito de opção de passe, merecendo uma conversa individual ou em grupo.

Um dos motivos que leva alguns alunos a não se expor nesse tipo de atividade diz respeito aos seus níveis de habilidade, ou seja, aqueles que não dominam a realização dos movimentos receiam errar e ser zombado pelos demais, dessa forma não participa do jogo ou participa parcialmente. É importante deixar claro para os alunos que todos devem participar das atividades sendo respeitados em suas limitações e que o próprio grupo deve também auxiliar os que têm mais dificuldade. Conversar sobre esse assunto com o grupo antes de iniciar a atividade pode minimizar a manifestação desses comportamentos.



Atividade 2 - Saindo da Marcação*

Livrar-se da marcação pode exigir controle de corpo aos alunos, tentando enfatizar a realização desses movimentos propusemos dois exercícios para que os alunos pratiquem em trios.

- 1- O aluno com a posse de uma bola permanece de frente para dois colegas posicionados a uma distância de aproximadamente 8 passos, sendo que um é o marcador e o outro o receptor. A intenção do receptor será manter certo contato com o corpo do marcador, provocar um desequilíbrio empurrando-o levemente na direção oposta a que pretende receber a bola e em seguida receber o passe do colega a sua frente. Ao marcador basta tentar interceptar o passe após ter sido desequilibrado (Figuras 9, 10 e 11 no livro do aluno). Todos os alunos devem passar pelas três posições.

- 2- Nas mesmas posições do exercício anterior o receptor deverá realizar uma finta de corpo sem contato físico e receber a bola. Por exemplo, dar um passo para lateral esquerda, dois para lateral direita e receber o passe. A intenção é levar o marcador a desequilibrar-se para o lado contrário ao que a bola será recebida.



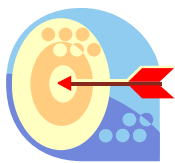
Atividade 3 - Jogo dos 10 Passes

Convide os alunos a retomarem o jogo dos cinco passes, mas que estejam atentos aos conceitos aprendidos.

Variações do jogo:

- 1- Aumentar a sequência de passe para 7 ou 10.
- 2- Jogar com três equipes no mesmo espaço de jogo, por exemplo, equipe azul está com a posse da bola, equipes vermelha e amarela tentam interceptar os passes juntas, tornando a sequência de passe mais difícil.
- 3- Possibilitar o jogo entre as diversas equipes, mesmo que alguma delas estejam visivelmente mais fortes ou fracas.

1.3 AS REGRAS DO JOGO



Objetivo do tema

Nessa terceira parte da compreensão do jogo trabalharemos com uma brincadeira de perguntas e respostas, denominado de “Quiz”. Nessa atividade realizaremos algumas questões aos alunos que permitam tirar dúvidas comuns sobre o jogo e suas regras. Posteriormente, apresentaremos um outro jogo, predominantemente de passes, mas que começa a utilizar o drible, fundamentos básicos essenciais à prática do jogo propriamente dito.



Atividade 1 – Brincadeira de Perguntas e Respostas (Quiz) *

Objetivo do Jogo

Os alunos deverão responder uma série de questões sobre algumas regras fundamentais do basquetebol. Para auxiliar os alunos apresentamos abaixo o texto “Conhecendo as regras do basquetebol”, com pequenas explicações sobre as regras que serão questionadas nas perguntas.

Divisão das equipes

Divida a turma em quatro grupos e por meio de sorteio enumere as equipes de um a quatro.

Regras

- 1- Os grupos devem ler o texto abaixo como suporte para responder às perguntas.
- 2- A primeira pergunta é realizada ao grupo que ganhou o sorteio, caso a pergunta seja respondida incorretamente o segundo grupo na sequência tem o direito a responder, e assim sucessivamente com os demais grupos.
- 3- Se a pergunta foi respondida por determinado grupo, a próxima pergunta será endereçada ao grupo que está imediatamente após aquele que respondeu a questão anterior. Por exemplo, grupo 2 respondeu a primeira pergunta, dessa forma a segunda pergunta deve ser ao grupo 3.
- 4- Vence o grupo que somar o maior número de respostas corretas.



Texto para o aluno e professor*

Conhecendo as regras do basquetebol

O basquetebol como qualquer outro esporte exige regras para que seja praticado. Algumas regras são universais permitindo que o esporte seja jogado no mundo inteiro.

Você sabia que quando um jogador recebe a bola ele não pode sair andando com ela na mão?

Para ir de um lado a outro da quadra com a bola o jogador deve driblar. Driblar é bater a bola no chão sem segurá-la, apenas impulsionando com uma das mãos.

Você sabia também que quando você recebe a bola, dribla e segura não poderá driblar novamente.

Preste atenção, o jogador recebe a bola e começa a bater, em seguida segura a bola. Após ter realizado essa sequência o jogador não pode bater a bola novamente, assim deve realizar um passe ou arremesso.

Agora me responda: - Quando é que a bola sai da quadra no basquetebol?

Essa pergunta é difícil de ser respondida por que estamos acostumados ao futebol e ao handebol, mas as regras do basquetebol são um pouco diferentes.

No futebol, por exemplo, para a bola sair ela tem que ultrapassar todo o limite da linha lateral ou de fundo, já no basquetebol a bola não sai quando ultrapassa a linha, é considerada fora quando tocar a linha ou chão fora da quadra. Mas se estiver suspensa no ar fora da quadra continua em jogo, sai apenas quando tocar o chão.

No handebol, por exemplo, se o jogador estiver fora da quadra, mas mantém a bola dentro da quadra não é considerado bola fora, no basquetebol ao contrário essa mesma situação é bola fora.

Agora que já sabe algumas regras responda em grupo o Quiz.

QUIZ

1- Quantos passos um jogador com a posse da bola pode dar sem realizar o drible?

- a- nenhum
- b- um
- c- dois

R: Letra A - Ao jogador parado com a posse da bola só é permitido se deslocar driblando, o máximo que pode realizar é girar sobre um dos pés que deve manter-se em contato com o chão. A exceção dessa regra é a bandeja, já que quando recebo a bola em movimento posso progredir em direção a cesta, com no máximo dois tempos rítmicos e sem a necessidade de realizar o drible.

2- O jogador após receber a bola realiza um drible e volta a segurá-la. Tendo feito essa sequência de movimentos, qual movimento não poderá ser repetido?

- a- o passe

b- o drible

c- o arremesso

R: Letra B. Caso o jogador volte a realizar o drible será considerada uma infração chamada duplo drible. Os únicos movimentos permitidos nesse caso são os passes ou os arremessos.

3- O jogador em posse da bola (segurando ou driblando) é levemente desequilibrado pelo adversário e não consegue dar sequência ao movimento que estava realizando. No basquetebol esse leve desequilíbrio é caracterizado como:

a- falta

b- jogada normal

c- vantagem

R: Letra A. Qualquer ação sobre o corpo do jogador com a posse da bola que o impeça ou dificulte a continuação do movimento será marcado falta. Caso o marcador toque apenas na bola não será falta. O basquetebol é um jogo que exige precisão, por isso, o contato físico não pode impedir a realização dos movimentos.

4- O jogador recebe a bola, dribla e segura novamente a bola. Quais movimentos podem ser realizados após essa sequência?

a- passe e arremesso

b- passe e drible

c- arremesso e drible

R: Letra A. Assunto já questionado na questão número dois, mas que necessita ser enfatizada, já que alguns alunos permanecem com dúvidas achando que nenhum movimento pode ser realizado após essa sequência.

5- O jogador recebe a bola e um de seus pés está levemente sobre a linha lateral. Nessa situação, a bola será da equipe adversária?

a- Não, pois o jogador não está com o pé totalmente na linha.

b- Sim, pois o simples tocar na linha com a posse da bola é considerado fora.

c- Não, pois o pé do jogador deve ultrapassar totalmente a linha para ser considerado fora.

R: Letra B. O jogador que com a posse da bola toca, mesmo que, minimamente a linha lateral ou de fundo perde sua posse.

6- O jogador com seu corpo totalmente dentro da quadra estende o braço com a posse da bola, de modo que ela ultrapasse parcialmente a linha lateral, sem tocar o chão. Nesse caso:

a- a bola saiu, pois está sobre a linha.

b- a bola não saiu, pois não tocou o chão.

c- a bola não saiu, pois ultrapassou apenas parcialmente a linha.

R: Letra B. A bola estando suspensa no ar ultrapassando parcialmente ou totalmente os limites da quadra é considerada dentro, será considerada fora quando algum atleta fora da quadra ou com o pé na linha tocá-la, e ainda se a bola chegar a tocar no chão. Os alunos confundem muito, pois estão acostumados ao futebol, em que a bola é considerada fora se ultrapassa totalmente o limite da linha seja no chão ou pelo seu prolongamento imaginário.

7- O jogador com o corpo totalmente fora da quadra estende seu braço com a posse da bola, de modo que ela fique totalmente dentro da quadra. De quem deve ser a bola?

a- depende da interpretação do arbitro.

b- deve continuar com o jogador.

c- deve ser transferida para o adversário.

R: Letra C. O jogador estando fora da quadra não pode tocar a bola, caso isso aconteça a posse é transferida ao adversário, pois considera-se que a bola saiu. Essa dúvida também é bastante freqüente por confundir-se com o futebol, em que o jogador fora de campo pode tocar a bola dentro de campo normalmente.

8- A bola saiu e o jogador vai cobrar o lateral. Antes de cobrar o lateral um de seus pés deve estar sobre a linha lateral. A afirmação anterior está:

a- correta.

b- incorreta.

R: Letra B. Quando for cobrar o lateral o jogador não deve pisar sobre a linha, já no handebol o jogador é obrigado a pisar sobre a linha antes da cobrança.

9- O passe não pode ser realizado com apenas uma das mãos. A afirmação está:

a- incorreta.

b- correta.

R: Letra A. É permitido realizar o passe com uma ou duas mãos.

10- Uma seqüência de dribles não pode ser realizada com as duas mãos ao mesmo tempo. A afirmação está:

a- correta.

b- incorreta.

R: Letra A. Correto, pois o movimento do drible deve ser realizado com apenas uma das mãos, caso as duas mãos toquem ao mesmo tempo a bola durante o drible e como se o jogador tivesse segurado a bola, mesmo se o toque foi sutil.

- Ainda nessa atividade, solicite aos grupos que elaborem uma pergunta para ser respondida pelos demais grupos.



Atividade 2 - Jogo dos Passes com Alvo*

Essa atividade é um jogo de passes com finalização em um alvo que pode ser um cone ou garrafa.

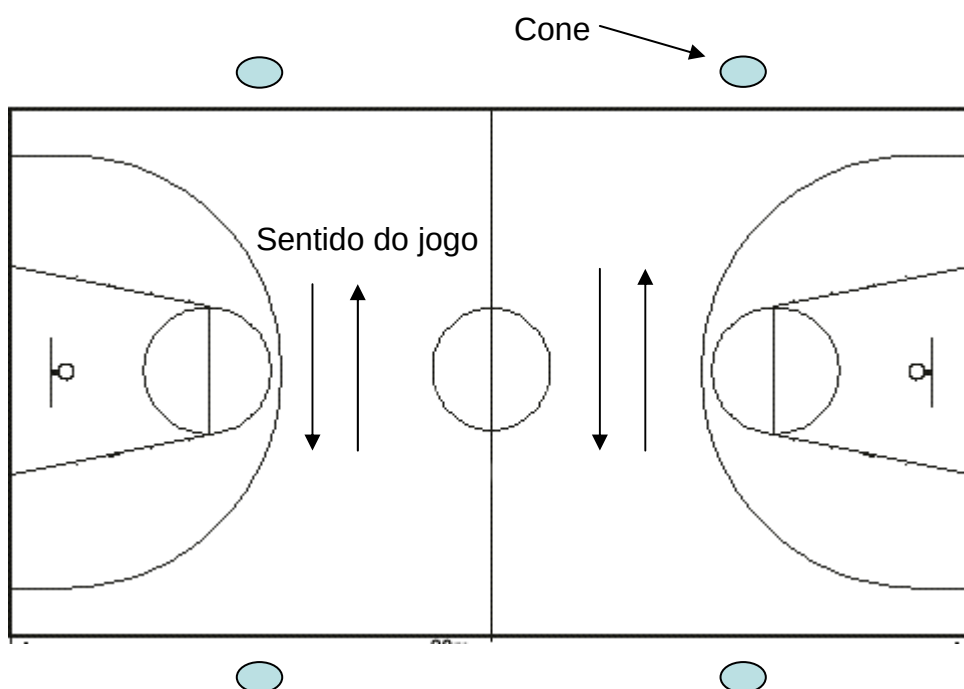
Objetivo do Jogo

Por meio da troca de passes os jogadores devem se deslocar em direção ao alvo e tentar derrubá-lo arremessando a bola.

Regras

- 1- Utilizaremos metade da quadra para cada dois grupos que se enfrentam.
- 2- O cone de cada equipe ficará a três passos da linha lateral de cada defesa.
- 3- Não é permitido à equipe ultrapassar os limites da linha lateral seja para defender ou atacar (Figura 3) (Figura 12 no livro do aluno).
- 4- O contato físico que impeça a realização dos movimentos é caracterizado como falta e posse de bola para equipe prejudicada.

FIGURA 3



Variações do jogo:

Ao longo do jogo podemos incluir a possibilidade de alguns dribles. Por exemplo, o aluno com posse da bola poderá realizar dois dribles e em seguida realizar o passe ou arremesso.

O drible pode ser utilizado com algumas finalidades, dentre elas destacamos a aproximação do alvo e a busca por uma melhor condição de passe. Fique atento para os dribles sem finalidade clara, é importante alertar para que na maioria das vezes busquem a aproximação com o alvo.



*Texto para o aluno e professor**

A importância e exageros do drible

O drible é um dos fundamentos básicos do basquetebol mais observados ao longo do jogo, uma de suas funções é o deslocamento com a posse da bola, além disso, o drible é um movimento que possibilita ao jogador a busca de melhores posições para realização do passe seguro.

Apesar de sua importância observamos com frequência o uso excessivo do drible, jogadas que poderiam ser resolvidas com simples passe acabam interrompidas pelo individualismo de alguns jogadores. Antes de adotar a postura do drible excessivo, valorize o passe como um movimento mais objetivo, além de representar um ato de generosidade, já que ocorre o compartilhamento da posse de bola.

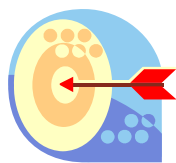
Dica: Você vai perceber que os alunos iniciantes andam bastante quando estão com a posse de bola. Uma estratégia é alertá-los que quando receberem a bola devem permanecer colados ao chão. Isso pode minimizar os deslocamentos sem o drible.

Observação da atividade

Após um período de prática possibilite aos alunos que se reúnam no grupo e procurem estratégias para melhorar o desempenho de suas equipes. Faça questionamento do tipo: - o time adversário está ficando com um jogador livre perto do cone, é preciso melhorar a defesa. Assim, terão problemas a solucionar.

2- Basquetebol e suas transformações

2.1 OS PRIMÓRDIOS DO BASQUETEBOL



Objetivo do tema

Nosso objetivo será que os alunos tomem conhecimento das transformações por que passou o basquetebol, levando em conta aspectos de sua criação, bem como as transformações do jogo, dos materiais e vestimentas.



Atividade 1 – Jogo da Memória*

Objetivo do Jogo

Esse jogo consiste em encontrar pares de imagens entre diversas imagens dispostas de forma desordenada.

Organização da atividade

Ao todo teremos 18 imagens (9 pares), coloque todas as imagens com a face voltada para o chão, de modo que ninguém possa identificar quais sejam, em seguida embaralhe para que fiquem dispostas de forma desordenada. A partir disso, cada grupo terá uma chance de escolher duas imagens para serem viradas. A cada par encontrado pelo grupo haverá um texto com informações sobre as imagens que serão lidas pelo representante do grupo ao restante da classe (Figura 4).



Figura 4

Divisão das equipes

Divida a turma em quatro grupos e os enumere de um a quatro na ordem que escolherão as imagens.

Início do Jogo

Para iniciar a atividade explique aos alunos que irão conhecer um pouco das transformações do basquetebol.

Pergunte ao grupo se eles têm alguma informação sobre a criação desse esporte, o país de origem, por que foi criado, mudanças nas regras, etc.

Válido realizar a brincadeira mais de uma vez para que os alunos possam memorizar as informações sobre as imagens. Abaixo segue cada uma das nove imagens e as informações que os alunos deverão ler.



1ª Figura: *James Naismith (criador do basquetebol)*. O basquetebol foi

criado pelo professor do Springfield College (Massachusetts, EUA), o canadense James Naismith, em 1891. Durante o inverno rigoroso daquele ano evidenciou-se a necessidade de alguma atividade física para ser praticada em ambiente fechado. Naquele período os alunos podiam praticar ginástica em ambiente fechado, mas a atividade não tinha muitos adeptos. Tentando solucionar essas dificuldades o diretor do Springfield College solicitou a Naismith

que criasse um jogo para ser praticado em recinto fechado. Após estudar vários esportes, finalmente criou o basquetebol.

CURIOSIDADE: Diz a lenda que Naismith criou o basquetebol quando tentava desenhar um jogo no papel e não ficando satisfeito com o esboço amassava as folhas e as jogava no lixo. Com essa ação teve a idéia de criar algo que pudesse ser jogado com uma bola, tendo como alvo uma cesta.



2ª Figura: *Modelo da primeira bola utilizada para jogar o basquetebol.* Como não existia uma bola apropriada para esse novo esporte os jogadores adotaram por um período uma bola parecida com as de futebol americano.



3ª Figura: *Imagem real de um dos primeiros jogos ao ar livre em 1892.* Repare que ainda não existia tabela (aparo retangular atrás do aro).



4ª Figura: *Cesto de pêssego*. O primeiro material a representar o aro foi um cesto de pêssego, muito diferente dos aros de ferro e redes de barbante que conhecemos hoje.



5ª Figura: *Cesta de metal*. Com o tempo as cestas foram sendo aperfeiçoadas, mas por um período, permaneceram fechadas em sua extremidade inferior, o que impedia a bola de cair. Toda vez que acontecia a cesta uma pessoa deveria subir uma escada e retirar a bola.



6ª Figura: *Ginásio do Springfield College*. Nesse ginásio ocorreu a primeira partida de basquetebol da história. Perceba acima o cesto de pêssego, o qual estava colocado a uma altura de 3,05 metros do chão, permanecendo a essa altura até os dias atuais.



7ª Figura: *Primeira equipe a praticar o basquetebol.*

Perceba as vestimentas dos jogadores, usavam calças, botas e gravatas. Totalmente diferente dos uniformes que conhecemos atualmente.



8ª Figura: *Imagem de mulheres jogando basquetebol.* No Brasil o

basquetebol foi trazido por Auguste Shaw para ser praticado no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Como os garotos estavam mais ligados ao futebol, o basquetebol foi introduzido com as garotas, fato que dificultou a aceitação do esporte no meio masculino. Além disso, no início da criação do esporte as garotas tinham que ocupar espaços restritos na quadra, pois eram consideradas frágeis e não deveriam se exercitar com muito vigor.



9ª Figura: *Troféu do primeiro campeonato de basquetebol no Brasil.* O

campeonato foi realizado em 1915 no Rio de Janeiro tendo como vencedor a ACM (Associação Crista de Moços) da cidade do Rio de Janeiro.



Atividade 2 – Simulando a Primeira Partida

Nessa atividade os alunos vivenciarão o jogo da forma que era jogado no início de sua criação, o principal aspecto a ser considerado são as regras do jogo, as quais eram significativamente diferentes das atuais.

Regras do jogo

- 1- Qualquer cesta valia um ponto.
- 2- Número de jogadores permitido: de 3 a 40.
- 3- Os jogadores não podiam correr com a bola, nem mesmo driblando.
- 4- Não era permitido contato físico, sob pena de punição. A cada três faltas recebidas a equipe adversária ganhava 1 ponto.
- 5- Caso a bola saísse, o primeiro jogador que a recuperava tinha sua posse.



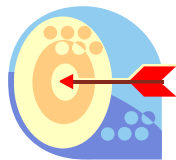
Discussão da atividade

Questão 1: O que vocês acharam do jogo?

Questão 2: Qual dessas regras você gostaria que fizesse parte do jogo na atualidade?

Questão 3: Em sua opinião, qual dessas regras foi acertadamente modificada?

2.2 TRANSFORMAÇÕES DO JOGO



Objetivo do tema

Nessa segunda parte das transformações do jogo, trabalharemos com algumas mudanças fundamentais que ocorreram no basquetebol ao longo do tempo. Poderíamos citar inúmeras modificações, optamos por apresentar as que consideramos mais interessantes.

Transformações

- 1- Uma das primeiras alterações ocorrida em 1896 foi o valor de cada cesta que passou a valer dois pontos.

2- O drible também foi introduzido e poderia ser feito de qualquer forma, ou seja, era permitido bater e segurar quantas vezes desejasse, além de ser permitido jogar a bola sobre a cabeça do adversário e recuperá-la, o que conhecemos como boné ou chapéu no futebol.

3- Um dos aspectos mais curiosos dessas transformações foi a introdução da linha de três pontos (figura 5 e 6) que por incrível que pareça não existia até 1985.

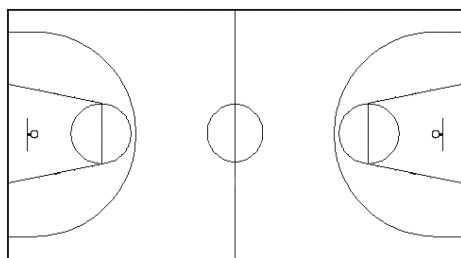


Figura 5

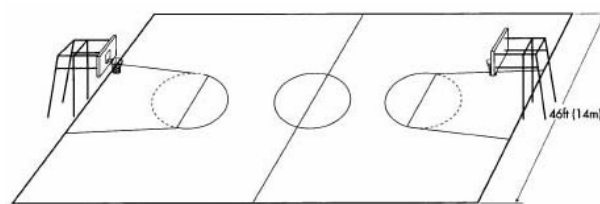


Figura 6



Atividade 1 – Vivendo as Transformações do Basquetebol*

Objetivo do jogo

Vivenciar uma partida de basquetebol que as transformações acima sejam levadas em conta.

Divisão de equipes

Divida a turma em equipes de cinco a sete jogadores.

Regras

- 1- Cada cesta valendo dois pontos.
- 2- É permitido o drible sem restrições.
- 3- Não existe linha dos três pontos.



Discussão da atividade

Questão: Qual a sensação de jogar o basquetebol com as antigas regras? O jogo fica menos interessante? Fica mais fácil de ser praticado?



Atividade 2 – Basquetebol Reduz Oportunidade para Jogadores

Baixos*

Mudança bastante interessante ocorrida em 1936 foi a criação de categorias de acordo com a altura dos atletas, sendo uma para jogadores de até 1,90 metros e outra para aqueles que ultrapassavam 1,90 metros.

A divisão do basquetebol por diferença de altura não obteve muitos adeptos, fato que enfraqueceu tal decisão.

Atualmente essas categorias não existem o que diminui bastante as chances de jogadores baixos permanecerem no esporte de alto rendimento ou mesmo se profissionalizarem.

Objetivo do jogo

Vivenciar um jogo em que os jogadores mais altos enfrentam os mais baixos.

Divisão das equipes

Divida a turma em quatro grupos de acordo com a altura, sendo que dois grupos são compostos pelos alunos mais baixos e dois grupos com os alunos mais altos. Cada grupo de alunos altos deve enfrentar durante o jogo um grupo de alunos baixos.

Regras

- 1- Duas equipes enfrentam-se em meia quadra.
- 2- Utilizar o drible atentando para regras atuais, não andar quando receber a bola e não realizar o duplo drible.
- 3- Utilizar normalmente a linha dos três pontos.
- 4- Coibir o contato físico que impeça a realização dos movimentos.



Discussão da atividade

Terminada a vivência dos jogos forme um círculo com os alunos para iniciarmos uma discussão.

Questão: A diferença de altura no jogo foi preponderante para que algum time se destacasse?

Questão: Quais deveriam ser as estratégias adotadas pela equipe mais baixa e quais deveriam ser as adotadas pela equipe mais alta.

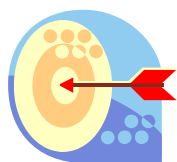
Observação sobre a discussão

Os alunos mais altos para se sobreporem deveriam sempre procurar jogar perto da cesta, local onde teriam mais chances de realizar as cestas e recuperar os rebotes, ainda sim, deveriam usar poucos dribles para não serem surpreendidos pelos mais baixos. Já os mais baixos deveriam utilizar a velocidade, sempre tentando retirar o adversário do garrafão para depois realizarem infiltrações, perto da cesta devem valorizar o contato físico para recuperar os rebotes.

Questão: Sabe-se que atualmente pouquíssimos jogadores baixos conseguem alcançar o profissionalismo no alto rendimento. A criação de categorias de acordo com a altura dos jogadores resolveria esses problemas? O que implicaria essas modificações?

3- Basquetebol: A dinâmica do jogo e os fundamentos básicos.

3.1 DO JOGO AO ESPORTE



Objetivo do tema

A intenção é que os alunos conheçam os fundamentos básicos do esporte, iniciando a aprendizagem desses movimentos, experimentando-os em situação real de jogo.



Texto para o professor*

Os fundamentos do basquetebol

Os fundamentos básicos do basquetebol podem ser divididos em controle de corpo, manejo ou controle de bola, drible, passe, arremesso. Alguns autores também consideram como fundamentos básicos os fundamentos individuais de defesa e também o rebote.

Controle de corpo: É a habilidade de dominar o corpo em situações de desequilíbrio, mudanças de direção e aceleração dos movimentos. Exemplos de movimentos que exigem essa habilidade dos alunos são as paradas bruscas, saídas rápidas, giros, saltos e fintas.

Controle de bola: É a habilidade relacionada ao manuseio da bola nas diversas situações de jogo. Todos os fundamentos exigem o controle da bola e alguns exercícios como rolar, segurar, lançar, girar e bater a bola pode desenvolver essa habilidade.

Existem inúmeros exercícios para desenvolver o controle de corpo e o controle de bola, já que são habilidades essenciais para melhoria do desempenho no jogo. Tendo em vista que estamos no ambiente escolar e a intenção é uma primeira aproximação com o esporte não nos preocuparemos em desenvolver essas habilidades separadamente, haja vista, que elas também serão desenvolvidas no contexto dos demais fundamentos e principalmente no jogo.

Drible: É a habilidade de impulsionar com uma das mãos a bola ao solo, com a intenção de se deslocar. O drible pode ser dividido em baixo, médio e alto dependendo da altura que a bola esta sendo impulsionada. A bola deve ser impulsionada com auxílio dos dedos e palma da mão, alguns alunos tendem a tapear a bola fato que dificulta a execução do drible. Com o decorrer da aprendizagem é imprescindível que o aluno seja encorajado a não olhar para bola quando estiver driblando, o que permite uma melhor visão do jogo.

Passe: É a habilidade de enviar ou lançar a bola ao companheiro, pode ser realizado com uma ou duas mãos. Quando realizado na altura do tórax com ambas as mãos é chamado de passe de peito, pode ser realizado com as duas mãos sobre a cabeça ou mesmo em direção ao solo. Com uma mão o mais conhecido é o passe de gancho.

Arremesso: É a habilidade de enviar ou lançar a bola em direção à cesta. Quando realizado em movimento é chamado de bandeja que é um arremesso executado com dois tempos rítmicos e impulsão em uma ou duas pernas. Além disso, o arremesso pode ser realizado com a impulsão das duas mãos ou com a impulsão de uma mão e auxílio da outra. No estágio mais avançado o arremesso é realizado com salto, mais conhecido como *jump shot*.

Fundamentos individuais de defesa: É a habilidade de posicionar-se corretamente durante a fase da defesa. O principal movimento é a posição básica de defesa que consiste em estar com

os pés paralelos e levemente afastados, com joelhos flexionados, com leve inclinação anterior do tronco e braços elevados lateralmente.

Rebote: É a habilidade de recuperar a bola saltando após o arremesso. O rebote exige do jogador o acompanhamento visual da bola, noção de tempo e espaço, já que deve prever quando e onde a bola vai cair. Importante também proteger a bola quando recuperá-la.



Texto para o professor

Qual o método mais adequado para ensinar o basquetebol?

Como seus alunos devem aprender esses movimentos? Qual método deve ser utilizado para que o processo de ensino-aprendizagem seja satisfatório?

Essas são perguntas bastante comuns quando nosso objetivo é ensinar os esportes. Existem diversos métodos para o ensino do esporte coletivo, trabalharemos com dois métodos fundamentais para ensino e aprendizagem dos fundamentos, são eles, o método analítico-sintético e global-funcional.

O método analítico-sintético está pautado em exercícios, caracterizados pela decomposição dos movimentos e repetição de tarefas para aprendizagem dos gestos. A ênfase é na previsibilidade das tarefas, com predominância dos aspectos técnicos, ou seja, como realizar os movimentos que compõe o jogo.

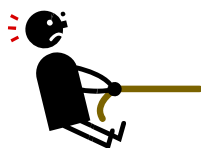
Já o método global-funcional está pautado nos jogos, caracterizados pelas situações problemas, percorrendo jogos menos complexos ao jogo propriamente dito. A ênfase está na imprevisibilidade das tarefas, com predominância dos princípios da tática, ou seja, o que fazer nas diversas situações do jogo.

A escolha de um método vai depender de todo contexto em que o professor está envolvido. A disponibilidade de materiais, os estágios de desenvolvimento dos alunos, os objetivos que pretende alcançar, dentre outros aspectos.

Nossa opção nesse material foi pela predominância quase que exclusiva do método global-funcional, alguns motivos justificam nossa escolha. Em primeiro lugar estamos tratando de uma primeira aproximação com o esporte, ou seja, com alunos com poucas experiências e que necessitam de uma compreensão ampla desse fenômeno esportivo. Outra

justificativa é o elevado número de alunos a serem incluídos nas atividades com o agravante da escassez de materiais disponíveis para aulas na grande maioria das escolas públicas.

Isso não impede o professor de optar pelo método das partes. Apenas um alerta, caso possua poucas bolas e muitos alunos, fique atento aos longos períodos que eles permanecem aguardando para participar das atividades, já que no método das partes o professor utiliza-se bastante das filas.



Atividade 1 – Aprendendo a Driblar

Objetivo do exercício

Aprendizagem do drible e controle de bola.

Material

Esse exercício (figura 5) tem como predominância o drible e são necessárias quatro bolas para sua efetivação, sendo que elas podem ser de outros esportes, desde que possam ser dribladas.

Divisão da turma

Divida a turma em quatro grupos, cada grupo deve ocupar uma extremidade da quadra de voleibol, formando fila na interseção das linhas de fundo e linha lateral.

Procedimento do exercício

Os grupos com a posse de uma bola devem se deslocar driblando em direção à fila que está a sua frente, chegando à fila deve passar a bola para o próximo, dando seguimento a essa movimentação.

DICA: Diga aos alunos para não segurarem a bola em hipótese alguma, caso perca o controle da bola tente retomar o movimento usando uma das mãos. Segurar a bola sempre que perder o controle pode automatizar o movimento de bater, segurar e bater novamente infração conhecida como duplo drible.

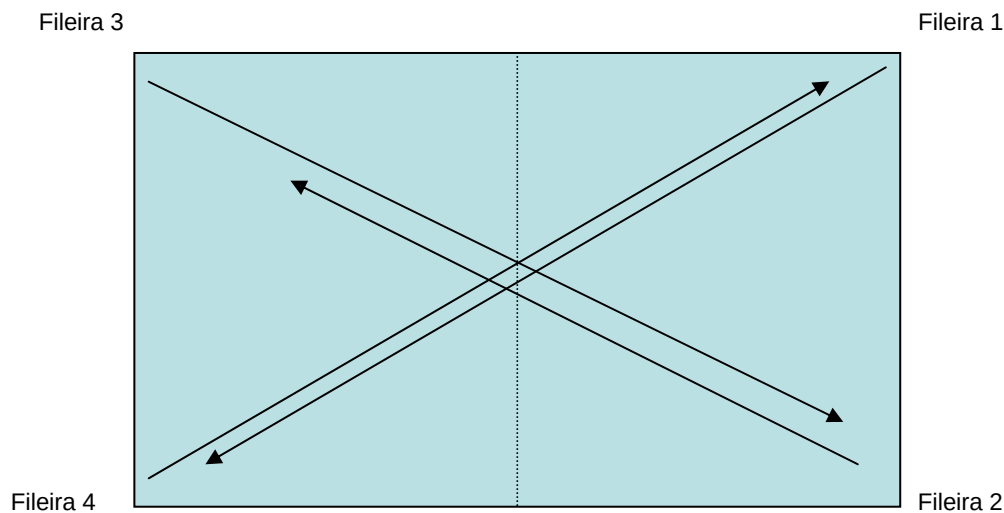


Figura 7



Atividade 2 – Jogo de Passes Incluindo o Drible

Objetivo do jogo

Retomando o jogo de passes com alvo realizado na 3ª aula, permita aos alunos a realização de até quatro dribles consecutivos. O objetivo do jogo continua o mesmo derrubar o cone ou garrafa adversária, mas a possibilidade do drible deixa o jogo mais atraente.

Regras

- 1- Utilizaremos metade da quadra para cada dois grupos que se enfrentam.
- 2- O cone de cada equipe ficará a três passos atrás linha lateral de cada defesa.
- 3- Não é permitido a nenhuma equipe ultrapassar os limites da linha lateral seja para defender ou atacar (Figura 8).
- 4- O contato físico que impeça a realização dos movimentos é caracterizado como falta e posse de bola para equipe prejudicada.
- 5- É permitido até quatro dribles para cada jogador.

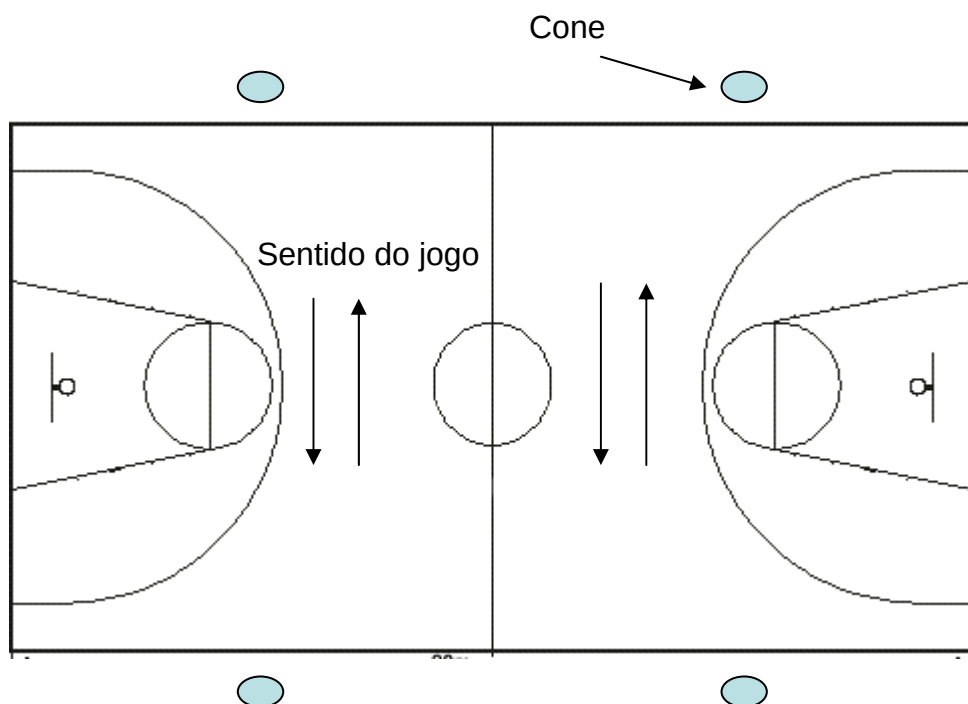


Figura 8



Tarefa para Casa

Solicite aos alunos que construam um jogo de basquetebol, em que os fundamentos de passe, dribles e finalização estejam envolvidos e que vários jogadores possam participar ao mesmo tempo.



Atividade 3 – Jogando em Meia Quadra

Objetivo do jogo

Esse jogo se aproxima bastante do jogo propriamente dito, a única diferença é que utilizaremos apenas metade da quadra, possibilitando duas equipes jogar em cada metade.

Regras

Como duas equipes terão de fazer arremessos na mesma cesta algumas regras são necessárias.

1- Após a realização do arremesso pela equipe A a equipe B recupera o rebote. Nessa situação a equipe B será obrigada a sair do garrafão (área restrita) para poder arremessar em

seguida. Caso o rebote seja recuperado por um integrante da própria equipe A será permitido arremessar dentro do garrafão.

2- Válido ressaltar que essa regra só é aplicada quando o arremesso toca ao aro (circunferência de metal onde a bola é encestada) e quando o jogo é realizado em meia quadra. O objetivo é dificultar os arremessos consecutivos debaixo da cesta sem a devida movimentação de bola.

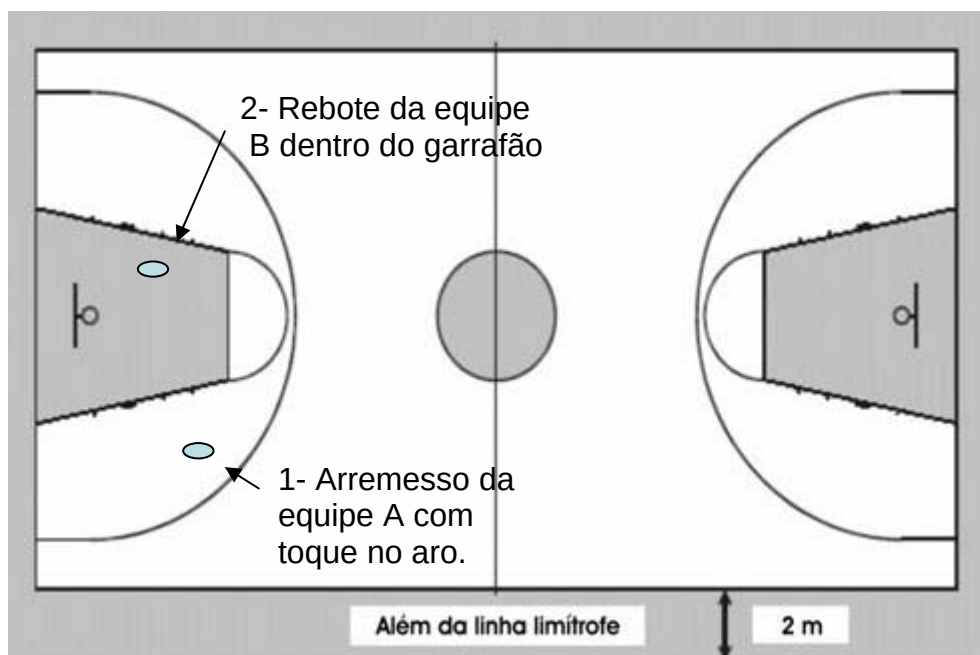


Figura 9



Atividade 4 – Jogando na Quadra Inteira

Objetivo

Jogar o basquetebol convencional, usando toda a extensão da quadra.

Observação sobre o jogo

Fique atento às infrações como o duplo drible e deslocamentos segurando a bola, é interessante parar o jogo quando esses movimentos acontecerem, assim os alunos terão a compreensão sobre seus erros.

Divisão das equipes

O jogo de basquetebol ocorre com 5 jogadores em quadra, mas se houver pouco tempo e grande número de jogadores é possível jogar com 7 jogadores em cada equipe.



Atividade 5 – Encontre as Palavras*

Abaixo elaboramos um caça palavras com os principais fundamentos. Solicite que circulem cada um dos 9 fundamentos básicos envolvidos no jogo (passe, drible, arremesso, bandeja, recepção, posição de defesa, rebote, controle de corpo e controle de bola) além disso, é possível encontrar a palavra basquetebol.

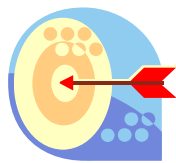
A	S	D	F	U	H	J	J	U	Y	A	R	E	D	C	C	E	Z	E	S	G	H	A
Q	A	A	E	K	M	G	Ç	L	I	R	Z	A	E	R	T	R	X	R	P	F	G	E
W	Q	A	D	L	E	F	O	I	B	A	N	D	E	J	A	G	C	T	O	D	D	I
E	U	L	C	O	D	F	H	P	A	S	S	E	I	T	E	O	V	R	S	S	S	O
R	E	O	V	I	I	S	G	A	S	A	A	Â	G	W	S	S	A	E	I	Q	W	I
T	D	B	F	J	M	A	F	W	Q	Ã	A	R	F	D	F	I	D	A	Ç	W	E	Y
T	C	*	R	H	N	Ç	F	W	U	A	A	R	E	S	B	J	F	G	Ã	E	R	T
Y	V	E	T	D	F	A	R	R	E	M	E	S	S	O	K	H	G	D	O	R	G	R
U	G	D	Y	F	O	D	S	E	T	A	C	D	R	T	K	F	H	S	*	T	H	E
B	T	*	H	R	E	B	O	T	E	Ã	O	C	R	R	Y	D	E	A	D	Y	K	W
I	R	E	D	K	S	G	A	E	B	R	M	S	Ã	S	U	S	F	R	E	U	L	A
F	E	L	S	I	A	B	A	S	O	T	U	A	D	R	I	B	L	E	*	O	F	S
I	D	O	A	U	I	V	F	D	L	Y	Y	V	N	N	M	A	W	C	D	P	M	D
O	C	R	Q	Y	D	C	T	F	G	H	R	U	I	P	H	F	E	E	E	I	N	F
P	V	T	W	T	Y	X	E	G	A	R	V	B	E	N	H	D	A	P	F	E	B	G
J	B	N	E	R	S	Z	R	H	D	F	A	R	M	R	W	O	Y	Ç	E	W	V	H
G	N	O	D	B	A	B	A	Y	T	U	D	I	B	O	M	Y	A	Ã	S	Q	C	J
A	H	C	O	N	T	R	O	L	E	*	D	E	*	C	O	R	P	O	A	B	A	L
Y	G	C	H	U	T	E	G	T	A	S	D	G	H	J	K	T	Y	U	I	O	P	J
I	F	S	D	K	J	E	G	R	T	G	B	N	J	U	U	R	S	D	F	G	H	B



Tarefa para Casa

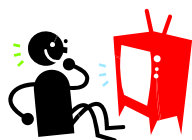
Proponha a cada aula que os alunos pratiquem em casa alguns fundamentos básicos do jogo como o drible, passe e arremesso, isso porque o período de aula não é suficiente para consolidação da aprendizagem desses movimentos.

3.2 APRIMORANDO O JOGO



Objetivo do tema

Nesse tema os alunos terão oportunidade de compreender melhor a dinâmica do jogo.



Atividade 1 – Assistindo a uma Partida

Objetivo da atividade

Assistir a uma partida de basquetebol da seleção brasileira masculina e em seguida responder algumas perguntas que envolvam os alunos na compreensão da dinâmica do jogo.

Material

DVD com gravação da final do Pan-americano realizado no Brasil.

Período do jogo a ser utilizado

Inicie a apresentação do jogo aos alunos no capítulo 5 ou aos 6 minutos de transmissão até o capítulo 17 ou aos 22 minutos (1º Quarto).

Questões

Permita que os grupos leiam as perguntas antes de assistirem ao jogo.

1- Qual a região da quadra os jogadores se posicionam com mais frequência para iniciar a defesa?

Resposta para o Professor

No jogo de basquetebol a defesa deve tentar ao máximo proteger sua cesta, por esse motivo a maioria das movimentações defensivas acontece dentro ou próximas a linha dos três pontos. Em alguns momentos os jogadores irão marcar a quadra inteira ou meia quadra, principalmente, quando estão perdendo por muitos pontos. A diversidade de movimentações defensivas é enorme, mas na iniciação é imprescindível que os alunos aprendam a marcar dentro dos limites da linha dos três pontos, já que é a região mais vulnerável ao ataque.

2- O contra-ataque é uma movimentação realizada quando a defesa adversária não está totalmente organizada, podendo ocorrer vantagem numérica de jogadores em favor do ataque, por exemplo, 2 jogadores do ataque contra 1 da defesa.

As equipes do Brasil e Porto Rico realizaram contra-ataques quando a defesa já estava posicionada? Sim ou não? Por quê?

Resposta para o Professor

Os alunos devem perceber que o contra-ataque só ocorre quando há possibilidade de vantagem numérica, já quando a defesa estiver totalmente posicionada o contra-ataque não será mais interessante. Com isso, os jogadores de ataque devem diminuir a velocidade de deslocamento em direção à cesta, posicionar seus laterais e pivôs, para em seguida começar a troca de passes e jogadas combinadas.

3- É possível perceber que os jogadores ocupam posições pré-determinadas no ataque. Quem são os jogadores que conduzem a bola da defesa para o ataque? Quais são os jogadores que jogam mais próximos da linha dos três pontos? Quais são os jogadores que jogam mais próximos da cesta e dentro do garrafão? Indique apenas os jogadores do Brasil, pelo nome ou número da camiseta.

Resposta para o Professor

No período escolhido para apresentar aos alunos o jogador que conduz a bola e organiza os ataques é o armador Valtinho nº. 9, os jogadores que jogam mais próximos à linha dos três pontos são os laterais Marcelino nº. 4 e Marquinhos nº. 14, já os jogadores que jogam próximo à cesta são os pivôs Murilo nº. 6 e João Paulo nº. 13. Aos 17 minutos do primeiro quarto sai o pivô João Paulo e entra mais um armador o jogador Nezinho nº. 5.

4- As defesas são divididas em individual, por zona e mista. A defesa individual é quando cada jogador de defesa fica responsável por marcar um jogador específico da equipe adversária, acompanhando-o independentemente da posição que ocupa na quadra. Em alguns momentos o Brasil realiza essa defesa. Qual jogador de Porto Rico o armador Valtinho é responsável por marcar?

Resposta para o Professor

Dos 6 aos 12 minutos do primeiro quarto Valtinho nº. 9 é responsável por marcar o jogador Baréia nº. 5. Dos 12 aos 22 minutos Valtinho passa a marcar Berdiel nº 7.

Atividade 2 – Aprendendo a Posição dos Jogadores*

Objetivo da atividade

A intenção é que os alunos aprendam as posições dos jogadores no ataque, bem como as características de cada uma delas. Além disso, faremos um jogo em que as posições serão preestabelecidas.



Texto para o professor

Armador, Lateral e Pivô*

As posições dos jogadores de basquetebol no ataque são basicamente três, o amador, o ala ou lateral e o pivô. Como o jogo acontece com cinco jogadores em quadra a formação mais comum é com um armador, dois laterais e dois pivôs (figura 8 lado esquerdo). Nas equipes de competição pode ocorrer mudanças quanto à composição dos cinco jogadores, podendo o time optar por um armador, três laterais e um pivô (figura 8 lado direito), entre outras composições. Nossa preocupação é que os alunos saibam da composição básica (um armador, dois laterais e dois pivôs) e principalmente as funções de cada um deles.

ARMADOR: Jogador responsável pela organização das jogadas e é necessariamente um bom driblador. Ocupa na maior parte do jogo a região central da quadra, próximo à linha dos três pontos.

LATERAL: Jogador capaz de definir as jogadas com boas infiltrações e bom aproveitamento de arremessos. Ocupa na maior parte do jogo as laterais da quadra, próximo à linha dos três pontos.

PIVÔS: Jogador com habilidade para jogar de costas para cesta e que realizam bons arremessos de curta distância. Ocupa na maior parte do jogo a região do garrafão.

Descrição da atividade

Coloque na lousa ou papel o nome das três posições e ao lado desenhe meia quadra de basquetebol.

Em seguida leia as características de uma das posições e pergunte se algum aluno sabe o nome daquela posição descrita e marque na lousa (quadra de basquetebol) a localização que ela mais ocupa.

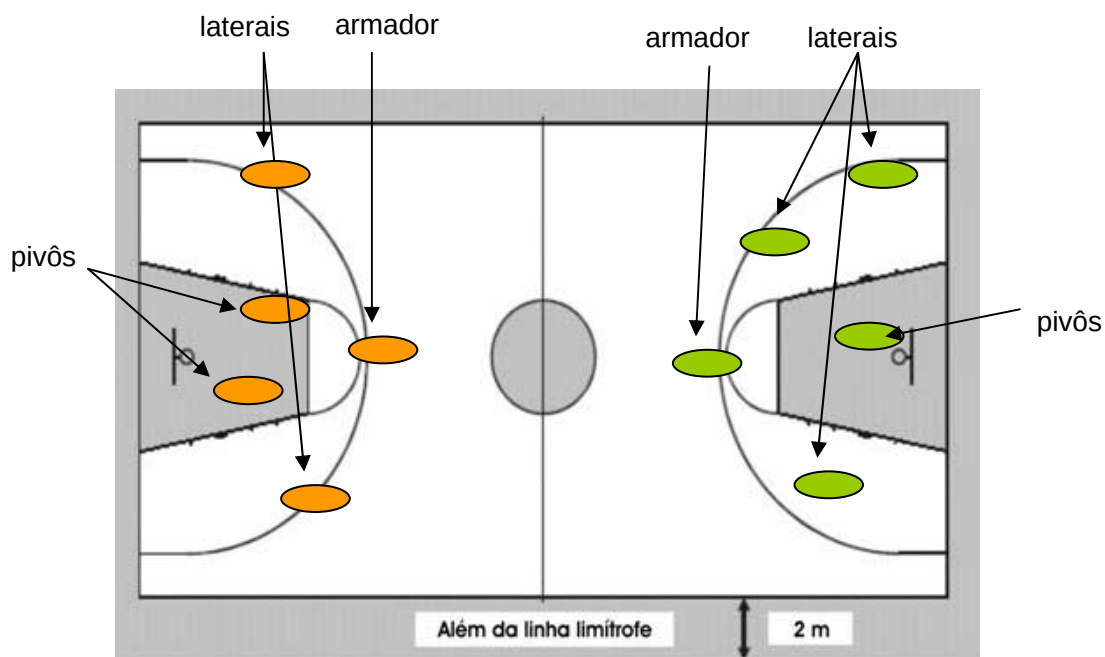


Figura 11



Atividade 3 – Experimentando as Posições

Objetivo da atividade

Vivenciar o jogo com as posições preestabelecidas.

Divisão das equipes

Divida várias equipes com cinco jogadores. Peça que eles dividam as posições de armador, laterais e pivôs entre os integrantes do grupo. Para um maior período de prática divida a quadra pela metade, sendo que cada dois grupos deve se enfrentar em uma metade. Utilize a regra de saída do garrafão quando o rebote for recuperado por uma equipe após o arremesso da adversária (vide atividade 6.3).

Procedimento da atividade

Para que os alunos compreendam as posições limitaremos um pouco as possibilidades de deslocamentos dos jogadores.

- 1- Ao pivô será permitido ficar próximo ao garrafão.
- 2- Aos laterais será permitido ficar próximo à linha dos três pontos em qualquer extremidade dessa linha.

3- Ao armador será permitido ficar próximo à linha dos três pontos e de preferência na região central próximo a linha do lance livre.

4- A defesa deve ser individual e por posições, ou seja, o armador da equipe A marca o armador da equipe B, o mesmo procedimento serve às demais posições.

Observação da atividade

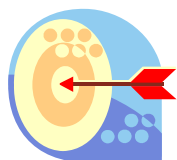
Explique aos alunos que em um jogo normal qualquer jogador pode ocupar qualquer espaço e que essa estratégia visa apenas organizar o jogo.

Interrompa a partida quando vários jogadores estiverem na mesma posição ou vários em cima da bola, posicione novamente os jogadores e reinicie o jogo.

Utilize essa estratégia de demarcação das posições apenas para que os alunos ocupem todos os espaços da quadra, insistir nesse tipo de jogo pode levar os jogadores ao vício de permanecer em apenas uma posição.

4- Basquetebol e Diversidade

4.1 BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS



Objetivo do tema

Apresentar aos alunos o basquetebol sobre rodas, bem como vivenciar algumas limitações enfrentadas pelos jogadores dessa modalidade.



Curiosidade

O basquetebol sobre rodas foi a primeira modalidade Para-Olímpica a ser praticada no Brasil, sua introdução deu-se por volta de 1957.



Atividade1 – Jogando Sentado.

Objetivo do Jogo

Simular as dificuldades enfrentadas pelos jogadores do basquetebol em cadeira de rodas.

Procedimento e divisão das equipes

O grupo deve ser dividido em duas equipes de 10 pessoas, sendo que metade da equipe permanece em pé e metade deve posicionar sentada em alguma região da quadra.

Regras

1- Os jogadores que estão em pé podem dar no máximo dois dribles com a bola, mas não poderão se deslocar sem a sua posse.

2- Os jogadores sentados podem se deslocar com o auxílio dos braços e pernas (arrastando) quando estiverem sem a bola, mas quando a recebem não poderão se deslocar com sua posse, assim devem realizar o passe ou o arremesso.

3- Só é permitido o arremesso aos alunos que estiverem sentados.

Variação do Jogo

Todos os alunos jogando sentados



Discussão da Atividade

Questão 1: Quais foram as limitações enfrentadas durante o jogo? Essas limitações são semelhantes as que os cadeirantes enfrentam?

Questão 2: No basquetebol sobre cadeira de rodas a cesta é mantida a 3,05 metros do chão, assim como, no basquetebol convencional. Quais foram as dificuldades encontradas no movimento de arremesso sentado? Imagine você em uma cadeira de rodas em movimento, o arremesso seria mais fácil ou mais difícil de ser executado?

Questão 3: Inúmeras pessoas com traumas medulares desejam praticar o basquetebol sobre rodas, mas poucas pessoas têm acesso a essa prática. Enumere algumas dificuldades enfrentadas pelas pessoas que desejam realizar essa modalidade.

Observação da discussão: As dificuldades encontradas pelos jogadores dessa modalidade vão do acesso a quadras com adaptações dos espaços ao acesso de materiais adaptados, como as cadeiras de rodas que chegam a custar R\$ 4,000,00 reais e necessitam de manutenção constante.

Questão: Quais medidas poderiam ser tomadas para facilitar o acesso de cadeirantes à prática do basquetebol sobre rodas?

Atividade 3 – Conhecendo Outros Esportes em Cadeira de Rodas? *

Objetivo da atividade

Associar o nome do esporte sobre cadeira de rodas com sua respectiva imagem.

- 1- Basquetebol em Cadeira de Rodas
- 2- Tênis em Cadeira de Rodas
- 3- Tênis de Mesa em Cadeira de Rodas
- 4- Atletismo em Cadeira de Rodas
- 5- Esgrima em Cadeira de Rodas



1



2



3



4



1



2

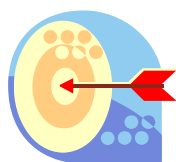


4



5

4.2 MULHERES NO BASQUETEBOL



Objetivo do tema

Outro assunto que não poderíamos deixar em branco quando o tema é o basquetebol é a discussão sobre o espaço ocupado pelas mulheres.



Texto para o professor



Basquetebol: o espaço das mulheres

As mulheres que se aventuram pela prática do basquetebol não enfrentam apenas as dificuldades próprias do jogo, além disso, enfrentam também o preconceito.

O basquetebol é bastante difundido entre os homens, fato que imprime nesse esporte características da cultura masculina, conduzindo a uma falsa impressão de que é eminentemente masculino. É comum ouvir comentários de que os movimentos do basquetebol são muito masculinizados, discurso bastante comum entre aqueles que só assistem jogos masculinos.

Com isso, as mulheres que ignoram tal entendimento reducionista do esporte enfrentam barreiras como críticas à forma de jogar¹² e mais grave ainda as meninas sofrem comentários quanto a orientação sexual.

Todos esses fatores colaboram na configuração de uma realidade que dificulta a difusão do basquetebol feminino.

Em primeiro lugar as meninas não são encorajadas a praticar e a conhecer o esporte, existindo poucas categorias de base formadas exclusivamente por meninas. Outro agravante é o baixo incentivo aos campeonatos femininos, deixados em segundo plano obtendo pouca atenção da mídia e investimentos insuficiente a sua divulgação.

Mesmo nessas condições o basquetebol feminino brasileiro reina entre os quatro melhores do mundo, tendo ficado em 4º lugar no último Mundial (Brasil, 2006) e 4º lugar na última Olimpíada (Atenas, 2004)



Curiosidade*

No Pan-Americano de Havana (Cuba, 1991) a seleção brasileira feminina chegou a final do torneio e enfrentou as donas da casa que haviam ganhado brilhantemente da seleção americana na semifinal. Na véspera do jogo, Fidel Castro tentou desestabilizar a equipe brasileira dizendo que sabia como marcar as jogadoras Paula e Hortência. No dia da partida

¹² Isso porque as características do jogo feminino são bem diferentes se comparadas ao masculino. A questão está em treinar os olhos para apreciar o jogo feminino que obedece outra dinâmica.

Fidel compareceu ao ginásio e disse a seguinte frase à técnica brasileira Maria Helena Cardoso: "Lo siento, pero hoy aquí gana Cuba.". Apesar da pressão psicológica do ditador Cubano, as atletas brasileiras venceram por 97 a 76. Conquista que ficou marcada na história.



Atividade 1 – Livro: “Saudades do Basquete” *

Objetivo da atividade

Tentando discutir um pouco esse assunto com os alunos, apresentaremos um pequeno resumo do livro de Thalia Kalkipsakis, “Saudades do Basquete”. Livro sobre a história de uma garota que abandona o basquetebol após ser chamada de menino.

Procedimento da atividade

A leitura do livro juntamente com os alunos é uma experiência rica para discussões, mas caso isso não seja possível leia o resumo e posteriormente apresente algumas questões.

Resumo:

Saudades do Basquete, Thalia Kalkipsakis.

A garota Angie adorava jogar basquetebol, ela e a colega Claire eram integrantes dos Cacatuas, time formado em sua maioria por garotos.

Um dia jogando pelos Cacatuas um jogador da equipe adversária perguntou a Angie se ela era menino ou menina. O garoto em tom de deboche afirma que ela jogava igual a um menino, dessa forma não conseguia identificar se Angie era menino ou menina.

Esse episódio deixou Angie muito chateada. Por esse motivo começou a se sentir feia, não gostava de ser chamada de menino.

Angie permaneceu triste por alguns dias e em consequência daquele episódio resolveu abandonar o basquetebol para não ser considerada um menino.

A partir daí Angie começou a se interessar pelas líderes de torcida ficava impressionada com a graciosidade dos movimentos e a beleza das garotas que dançavam, elas sim se pareciam com meninas.

Pediou então aos seus pais que a deixassem ser líder de torcida. Os pais surpresos aconselharam a continuar com o basquetebol, mas concordaram com a idéia de participar dos ensaios das dançarinas.

Com o tempo Angie percebeu as dificuldades da dança e desencantou-se pelos movimentos, não sentia tanto prazer em dançar.

Ao final, percebeu que sua paixão realmente era o basquetebol e que o esporte não mudaria seu jeito de ser, continuaria sendo uma garota, com os mesmos desejos e interesses. A opinião do garoto não importava e o que ela realmente desejava era voltar a jogar pelos Cacatuas.

Finalmente, percebendo o tamanho da besteira que estava cometendo, em razão do preconceito de um garoto, resolveu pedir desculpas ao time e ao técnico e voltou a praticar seu querido basquetebol.



Discussão da atividade

Questão: Vocês conhecem alguma história parecida com a de Angie? Seus pais permitem vocês participarem de qualquer atividade? Por exemplo, as meninas jogarem futebol e os meninos praticarem a dança.

Questão: A menina que joga basquetebol deixa de ser menina? E o menino que dança deixa de ser menino?

Questão: O esporte tem o poder de mudar a orientação sexual das pessoas?

Sites relacionados ao basquetebol:

Site da Liga Urbana de Basquete < <http://www.lub.org.br/> > .

Site sobre o basquete de rua < <http://www.rachao.com/> >.

Site da Liga Brasileira de Basquete de Rua <<http://www.libbra.com.br/>>.

Site da Associação Regional de Basquete da Região de Rio Claro

<<http://www.arbasquete.com.br/>>.

Site da Federação Paulista de Basquete <<http://www.fpb.com.br/>>.

Site da Confederação Brasileira de Basketball <<http://www.cbb.com.br/>>.

Site da Nossa Liga de Basquete <<http://www.nossaliga.com.br/>>.

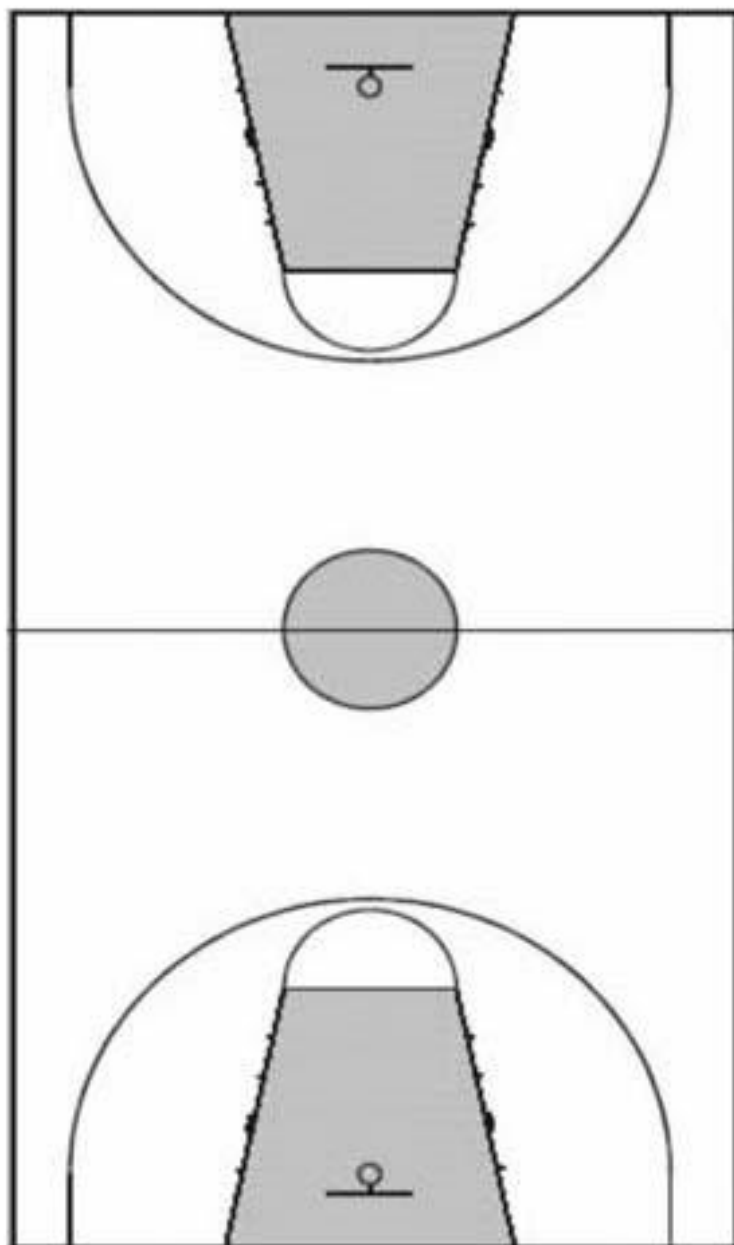
Referencias Bibliográficas

DAIUTO, M. **Basquetebol**: origem e evolução. São Paulo: Iglu, 1991.

DE ROSE JUNIOR, D. TRICOLI, V. **Basquetebol**: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri, SP: Manole, 2005.

OLIVEIRA, V. PAES, R. R. **Ciência do basquetebol**: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização. Londrina: Midiograf, 2004.

LIVRO DIDÁTICO



**B
A
S
Q
U
E
T
E
B
O
L**

Basquetebol: compreendendo o jogo

OS ESPAÇOS DO BASQUETEBOL

Atividade 1 - Que Esporte é Esse?



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Descreva as características desse esporte.

1- Qual é o objetivo do jogo?

2- Quantos jogadores participam da partida?

3- Como ele é jogado?

4- Quais são os movimentos mais realizados?

5- Quais as principais diferenças do basquete de rua (street basketball), da NBA e do basquete da escola?

6- Você conhece algum desses dois jogadores, nas fotos abaixo (figura 5 e 6)?

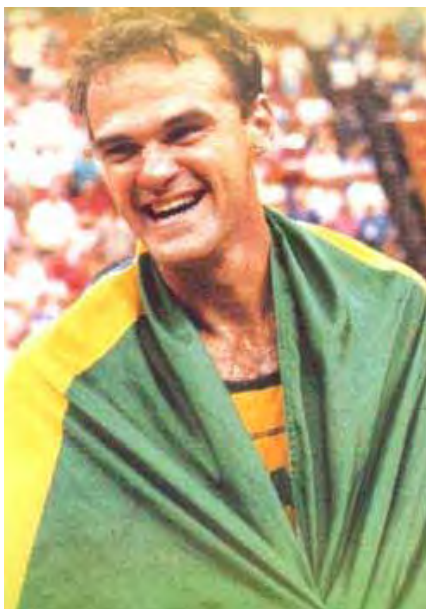


Figura 5



Figura 6

Atividade 2 – Será que você conhece a quadra de basquetebol? Observe a figura abaixo (figura 7) e tente sublinhar as linhas que demarcam a quadra de basquetebol.

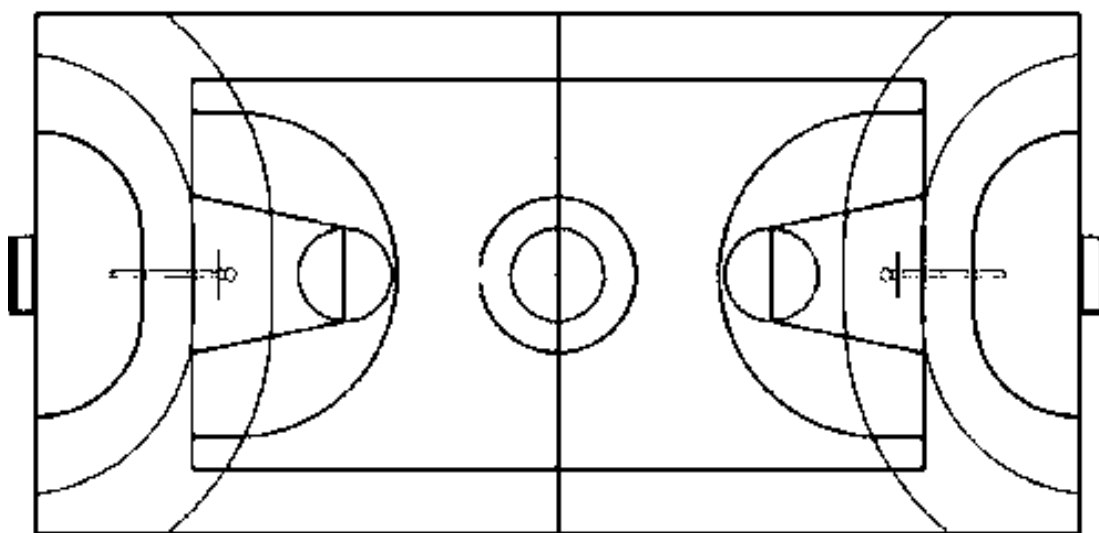


Figura 7

Atividade 3 – Agora que já conhece um pouco da quadra, você seria capaz de identificar o nome e função de alguma dessas demarcações? Associe a região da

quadra (identificadas pelos números na figura 8) com seu respectivo nome (identificado pelas letras).

A *Linha de três pontos*: linha que delimita a distância mínima para o arremesso de três pontos. Caso o jogador tenha tocado a linha antes de a bola sair de sua mão o arremesso passa a valer dois pontos.

B *Zona de dois pontos*: Todos os arremessos realizados em cima da linha dos três ou após essa linha e próximo à cesta são considerados arremessos de dois pontos.

C *Linha de fundo*: linha atrás da cesta que indica o final da quadra. O jogador que com a posse da bola toca a linha de fundo com qualquer parte do corpo ou mesmo toca a bola nessa linha perderá a posse para equipe adversária.

D *Garrafão*: espaço delimitado pelo preenchimento sombreado, local bastante ocupado pelos jogadores mais altos das equipes (os pivôs). Durante o jogo o arremesso nessa região vale dois pontos.

E *Círculo central*: espaço onde o jogo é iniciado. É permitido a apenas um jogador de cada equipe ocupar o círculo.

F *Linha lateral*: linha perpendicular à linha de fundo.

G *Linha de lance livre*: espaço determinado para cobrança da falta recebida por um jogador que estava no ato do arremesso. Ao jogador que cobra o lance livre não é permitido pisar na linha.

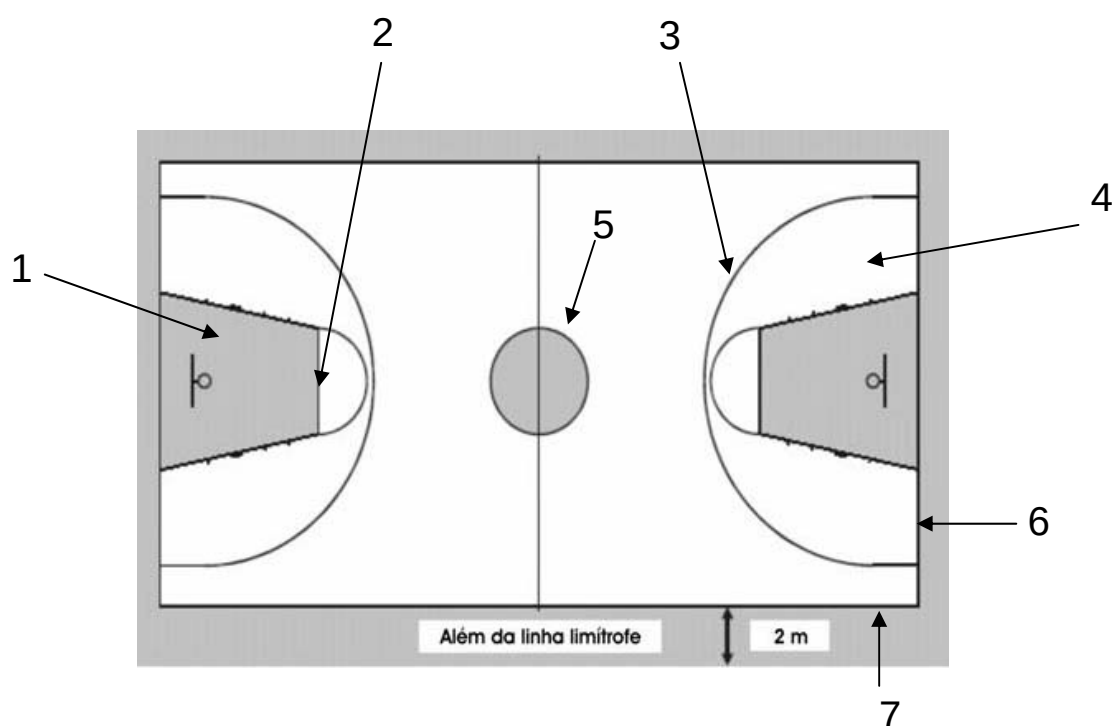


Figura 8

Atividade 4 – Demarcando a Quadra

A quadra de sua escola tem as linhas de basquetes pintadas? Que tal contorná-las com giz?

Atividade 5 – Pesquisa: “Onde posso jogar basquetebol”?

Pesquise na região onde mora os espaços que o basquetebol pode ser praticado. Tente identificar as seguintes informações:

Nome do local. Exemplo: Praça do Correio na Avenida João Mendes.

Público. Exemplo: Meninos e meninas de 12 a 18 anos.

Preço da Mensalidade. Exemplo: Gratuito

Requisitos para jogar. Exemplo: Saber driblar, passar e arremessar.

Terminado o levantamento apresente para sua classe e se possível convide um colega para visitar o local e praticar o basquetebol.

A DINÂMICA DO JOGO

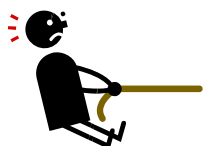


Atividade1 – Jogo dos 5 passes

Nessa aula o professor apresentou o jogo dos 5 passes, agora responda as seguintes perguntas:

Qual é o objetivo do jogo?

Apresente duas estratégias para receber a bola em boas condições?



Atividade2 – Saindo da Marcação

Observe a sequência de fotos de um jogador tentando sair da marcação, ele desloca seu marcador com um leve empurrão, se afasta e recebe a bola com segurança.



Figura 9



Figura 10



Figura 11

Por que ele está realizando esse movimento?

Você conseguiria sair da marcação de um colega com a mesma habilidade? Tente praticar o mesmo exercício nas aulas, em casa, com os colegas na rua, clubes, etc.

AS REGRAS DO JOGO



Atividade 1 – Brincadeira de Perguntas e Respostas (Quiz)

Será que você é um conhecedor das regras do basquetebol. O professor realizará uma brincadeira de perguntas e respostas sobre as regras do basquetebol. Mas antes disso:

Objetivo da atividade

Leia o texto abaixo.



Conhecendo algumas regras do Basquetebol



O basquetebol como qualquer outro esporte exige regras para que seja praticado. Algumas regras são universais permitindo que o esporte seja jogado no mundo inteiro.

Você sabia que quando um jogador recebe a bola ele não pode sair andando com ela na mão?

Para ir de um lado a outro da quadra com a bola o jogador deve driblar. Driblar é bater a bola no chão sem segurá-la, apenas impulsionando com uma das mãos.

Você sabia também que quando você recebe a bola, dribla e segura não pode mais driblá-la. Preste atenção, o jogador recebe a bola e começa a bater, em seguida segura a bola. Após ter realizado essa sequência o jogador não pode bater a bola novamente, assim deve realizar um passe ou arremesso.

Agora me responda: - Quando é que a bola sai da quadra no basquetebol?

Essa pergunta é difícil de ser respondida por que estamos acostumados ao futebol e ao handebol, mas as regras do basquetebol são um pouco diferentes.

No futebol, por exemplo, para a bola sair ela tem que ultrapassar todo o limite da linha lateral ou de fundo, já no basquetebol a bola não sai quando ultrapassa a linha, é considerada fora quando tocar a linha ou chão fora da quadra. Mas se estiver suspensa fora da quadra continua em jogo, sai apenas quando tocar o chão.

No handebol, por exemplo, se o jogador estiver fora da quadra, mas mantém a bola dentro dela não é considerado bola fora, no basquetebol ao contrário nessa mesma situação a bola seria transferida ao adversário.

Agora que já sabe algumas regras, respondam em grupo as questões levantadas por seu professor.



Atividade 2 - Jogo dos Passes com Alvo

Nesse o jogo vocês puderam vivenciar um dos movimentos mais importantes do basquetebol o drible. O drible tem duas funções essenciais, mas que em alguns momentos é usado com exagero.



Alvo

Não é permitido ultrapassar a linha para defender ou atacar o alvo.

Figura 12

Objetivo da atividade

Leia o texto abaixo e responda às questões.



A importância e exageros do drible

O drible é um dos fundamentos básicos do basquetebol mais observados ao longo do jogo, uma de suas funções é o deslocamento com a posse da bola, além disso, o drible é um movimento que possibilita ao jogador a busca de melhores posições para realização do passe seguro.

Apesar de sua importância observamos com frequência o uso excessivo do drible, jogadas que poderiam ser resolvidas com simples passe acabam interrompidas pelo individualismo egoísta de alguns jogadores. Antes de adotar a postura do drible excessivo, valorize o passe como um movimento mais objetivo, além de representar um ato de generosidade, já que ocorre o compartilhamento da posse de bola.

Quais são as duas principais funções do drible?

Qual estratégia pode ser adotada para que os jogadores não realizem excessivamente o drible?



Atividade 3 - Jogo dos Passes com Alvo

Durante o jogo de passes o professor solicitou aos grupos a elaboração de estratégias para melhoria do desempenho do time no jogo.

Descreva a estratégia escolhida por seu grupo:

Basquetebol e suas transformações

OS PRIMÓRDIOS DO BASQUETEBOL



Atividade 1 – Jogo da Memória

Nesse jogo você conheceu um pouco da criação do esporte, onde tudo começou, os primeiros materiais e vestimentas, a introdução do esporte no Brasil, entre outras informações. Abaixo foram colocadas quatro figuras sobre a criação do esporte.

Objetivo da atividade

Resgatar as informações de cada uma das quatro figuras.



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16

TRANSFORMAÇÕES DO JOGO



Atividade 1 – Vivendo as Transformações do Basquetebol

Objetivo da atividade

Conhecer as transformações do esporte.

Uma das transformações mais interessantes do basquetebol foi a introdução da linha de três pontos em 1985.

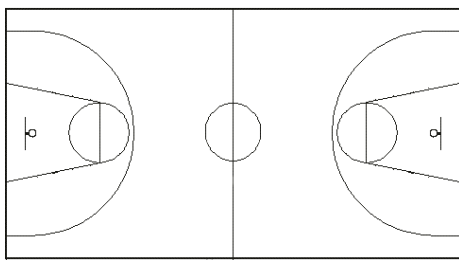


Figura 17

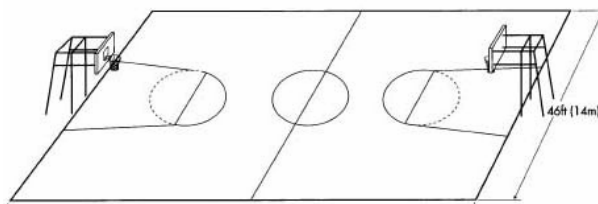


Figura 18

Imagine que você tenha o poder de transformar o basquetebol, qual mudança gostaria de fazer nesse esporte?



Atividade 2 – Basquetebol Reduz Oportunidade para Jogadores

Baixos

Objetivo da atividade

Conhecer as transformações do esporte, percebendo suas mudanças de forma crítica.

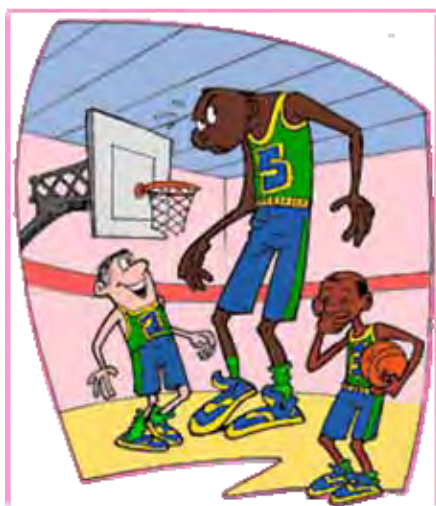


Figura 19



Figura 20

Mudança bastante interessante ocorrida em 1936 foi a criação de categorias de acordo com a altura dos atletas, sendo uma para jogadores de até 1,90 metros e outra para aqueles que ultrapassavam 1,90 metros.

A divisão do basquetebol por diferença de altura não obteve muitos adeptos, fato que enfraqueceu tal decisão.

Atualmente essas categorias não existem o que diminui bastante as chances de jogadores baixos permanecerem no esporte ou mesmo se profissionalizarem.

Imagine você jogando contra o jogador Yao Ming na imagem acima, ele é um dos mais altos jogadores da NBA (Liga Nacional Norte-Americana de Basquetebol) com 2,29 metros. Seria Justo?

Desafio

Que tal promover um jogo em sua classe, no qual os alunos mais baixos enfrentam os alunos mais altos. Qual será o resultado do jogo?

Basquetebol: A dinâmica do jogo e os fundamentos básicos.

DO JOGO AO ESPORTE

Atividade 1 – Que Movimentos São Esses?

Objetivo da atividade

Associe o nome do fundamento básico (indicado pelos números) com sua respectiva figura (indicada pelas letras). Alguns fundamentos podem ser representados por mais de uma figura.

- 1- CONTROLE DE CORPO
- 2- CONTROLE DE BOLA
- 3- DRIBLE
- 4- PASSE
- 5- RECEPÇÃO
- 6- ARREMESSO
- 7- BANDEJA
- 8- REBOTE
- 9- POSIÇÃO DE DEFESA



A

Figura 21



B

Figura 22



C

Figura 23



D

Figura 24



E

Figura 25



F

Figura 26



G

Figura 27



H

Figura 28



Figura 29

I



Figura 30

J



Figura 31

L



Figura 32

M



Figura 33

N



Figura 34

O



Figura 35

P



Figura 36

Q



Atividade 2 – Encontre as Palavras

Objetivo da atividade

Agora que você conhece os fundamentos do jogo tente encontrá-los no caça palavras.

A	S	D	F	U	H	J	J	U	Y	A	R	E	D	C	C	E	Z	E	S	G	H	A
Q	A	A	E	K	M	G	Ç	L	I	R	Z	A	E	R	T	R	X	R	P	F	G	E
W	Q	A	D	L	E	F	O	I	B	A	N	D	E	J	A	G	C	T	O	D	D	I
E	U	L	C	O	D	F	H	P	A	S	S	E	I	T	E	O	V	R	S	S	S	O
R	E	O	V	I	I	S	G	A	S	A	A	Â	G	W	S	S	A	E	I	Q	W	I
T	D	B	F	J	M	A	F	W	Q	Ã	A	R	F	D	F	I	D	A	Ç	W	E	Y
T	C	*	R	H	N	Ç	F	W	U	A	A	R	E	S	B	J	F	G	Ã	E	R	T
Y	V	E	T	D	F	A	R	R	E	M	E	S	S	O	K	H	G	D	O	R	G	R
U	G	D	Y	F	O	D	S	E	T	A	C	D	R	T	K	F	H	S	*	T	H	E
B	T	*	H	R	E	B	O	T	E	Ã	O	C	R	R	Y	D	E	A	D	Y	K	W
I	R	E	D	K	S	G	A	E	B	R	M	S	Ã	S	U	S	F	R	E	U	L	A
F	E	L	S	I	A	B	A	S	O	T	U	A	D	R	I	B	L	E	*	O	F	S
I	D	O	A	U	I	V	F	D	L	Y	Y	V	N	N	M	A	W	C	D	P	M	D
O	C	R	Q	Y	D	C	T	F	G	H	R	U	I	P	H	F	E	E	E	I	N	F
P	V	T	W	T	Y	X	E	G	A	R	V	B	E	N	H	D	A	P	F	E	B	G
J	B	N	E	R	S	Z	R	H	D	F	A	R	M	R	W	O	Y	Ç	E	W	V	H
G	N	O	D	B	A	B	A	Y	T	U	D	I	B	O	M	Y	A	Ã	S	Q	C	J
A	H	C	O	N	T	R	O	L	E	*	D	E	*	C	O	R	P	O	A	B	A	L
Y	G	C	H	U	T	E	G	T	A	S	D	G	H	J	K	T	Y	U	I	O	P	J
I	F	S	D	K	J	E	G	R	T	G	B	N	J	U	U	R	S	D	F	G	H	B

APRIMORANDO O JOGO

Atividade 1 – Aprendendo a Posição dos Jogadores

Objetivo da atividade

As posições no jogo de basquetebol são basicamente três: armador, lateral e pivô.

Abaixo apresentamos duas formações de ataque em que o número de laterais e pivôs são

diferentes. O professor vai apresentar as características de cada posição, em seguida tente nomear as posições representadas pelos balões na figura abaixo.

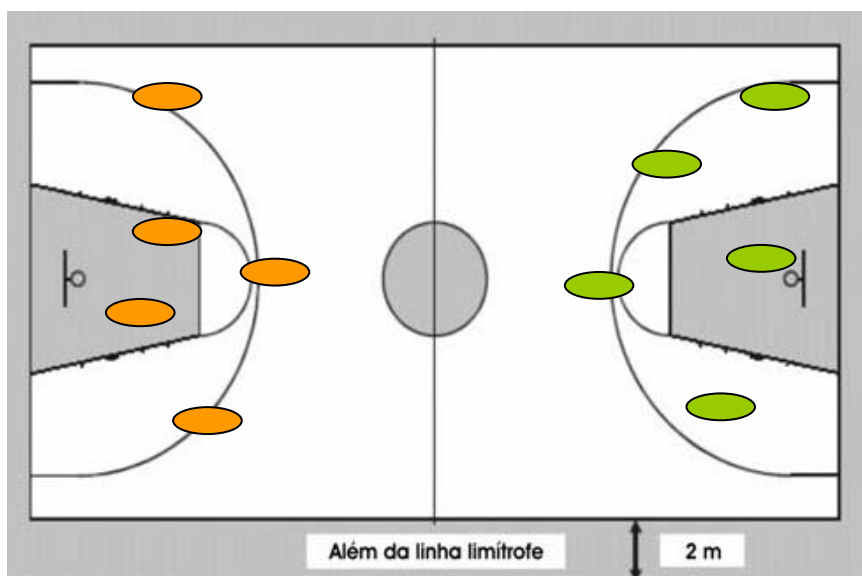


Figura 37

Basquetebol e Diversidade

BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS

Atividade 1 – Conhecendo Outros Esportes em Cadeira de Rodas?

Objetivo da atividade

Associe o nome do esporte sobre cadeira de rodas com sua respectiva imagem.

- 6- Basquetebol em Cadeira de Rodas
- 7- Tênis em Cadeira de Rodas
- 8- Tênis de Mesa em Cadeira de Rodas
- 9- Atletismo em Cadeira de Rodas
- 10- Esgrima em Cadeira de Rodas



A

Figura 38



B

Figura 39



C

Figura 40



D

Figura 41



E

Figura 42



F

Figura 43



G

Figura 44



H

Figura 45



Curiosidade

O basquetebol sobre rodas foi a primeira modalidade Para-Olímpica a ser praticada no Brasil, sua introdução deu-se por volta de 1957.

MULHERES NO BASQUETEBOL



Atividade 1 – Livro: “Saudades do Basquete”

Abaixo apresentamos um pequeno resumo do livro Saudades do Basquete leia e responda as questões apresentadas pelo professor.

Saudades do Basquete, Thalia Kalkipsakis.

A garota Angie adorava jogar basquetebol, ela e a colega Claire eram integrantes dos Cacatuas, time formado em sua maioria por garotos.

Um dia jogando pelos Cacatuas um jogador da equipe adversária perguntou a Angie se ela era menino ou menina. O garoto em tom de deboche afirma que ela jogava igual a um menino, dessa forma não conseguia identificar se Angie era menino ou menina.

Esse episódio deixou Angie muito chateada. Por esse motivo começou a se sentir feia, não gostava de ser chamada de menino.

Angie permaneceu triste por alguns dias e em consequência daquele episódio resolveu abandonar o basquetebol para não ser considerada um menino.

A partir daí Angie começou a se interessar pelas líderes de torcida ficava impressionada com a graciosidade dos movimentos e a beleza das garotas que dançavam, elas sim se pareciam com meninas.

Pedi então aos seus pais que a deixassem ser líder de torcida. Os pais surpresos aconselharam a continuar com o basquetebol, mas concordaram com a idéia de participar dos ensaios das dançarinas.

Com o tempo Angie percebeu as dificuldades da dança e desencantou-se pelos movimentos, não sentia tanto prazer em dançar.

Ao final, percebeu que sua paixão realmente era o basquetebol e que o esporte não mudaria seu jeito de ser, continuaria sendo uma garota, com os mesmos desejos e interesses. A opinião do garoto não importava e o que ela realmente desejava era voltar a jogar pelos Cacatuas.

Finalmente, percebendo o tamanho da besteira que estava cometendo, em razão do preconceito de um garoto, resolveu pedir desculpas ao time e ao técnico e voltou a praticar seu querido basquetebol.



Curiosidade

Você sabia que o basquetebol feminino brasileiro é um dos melhores do mundo? Na Olimpíada de Atenas em 2004 o Brasil ficou em 4ª lugar.

Apresentamos a seguir a foto de um episódio que marcou o basquetebol feminino brasileiro. Que episódio foi esse? Faça uma pesquisa e descubra as seguintes informações:

Nome da competição: _____.

Local e ano: _____.

Posição alcançada na competição: _____.

Nome do líder político que aparece ao lado das jogadoras: _____.



Figura 46

Sites relacionados ao basquetebol:

Site da Liga Urbana de Basquete < <http://www.lub.org.br/> > .

Site sobre o basquete de rua <<http://www.rachao.com/>>.

Site da Liga Brasileira de Basquete de Rua <<http://www.libbra.com.br/>>.

Site da Associação Regional de Basquete da Região de Rio Claro

<<http://www.arbasquete.com.br/>>.

Site da Federação Paulista de Basquete <<http://www.fpb.com.br/>>.

Site da Confederação Brasileira de Basketball <<http://www.cbb.com.br/>>.

Site da Nossa Liga de Basquete <<http://www.nossaliga.com.br/>>.

Imagens disponíveis em março de 2008 nos seguintes sites:

Figura 1- <http://www.iep.uminho.pt/aac/lic/tic/a2002/ef/images/basque11.jpg>

Figura 2- <http://user.cs.tu-berlin.de/~hakan/jordan/jordan10.jpg>

Figura 3- <http://www.winthrop.edu/athletics/image/wbaske1.jpg>

Figura 4- <http://jghandy.blogspot.com/2007/06/basquetebol-em-cadeira-de-rodas.html>

Figura 5- http://www.emiolo.com.br/imagens/5467134_oscar2.jpg

Figura 6- <http://www.cbb.com.br/entrevista/images/admin/jogadores/562g.jpg>

Figura 13- <http://www.chinadaily.com.cn/sports>

Figura 16- http://hoopedia.nba.com/images/2/2f/First_basketball_court.jpg

Figura 19- <http://www.canalkids.com.br/esporte/modalidades/imagens/basquete>

Figura 20- <http://www.smh.com.au/>

Figura 36- <http://static.hsw.com.br/gif/parapan-americano-basquete.jpg>

Figura 37- <http://pan2007.globo.com/ESP/Home/foto/0,,11284717-EX,00.jpg>

Figura 38- http://www.paranaesporte.pr.gov.br/arquivos/Image/Japs_Final_07.jpg

Figura 39- <http://sentidos.uol.com.br/imagens/fotos/revista/753c.jpg>

Figura 40- http://oglobo.globo.com/fotos/2007/08/14/14_MHG_basquete

Figura 41- <http://static.hsw.com.br/gif/parapan-americano-tenis.jpg>

Figura 42- http://www.faac.unesp.br/extensao/livrevista/ed5/paraolimp_02.jpg

Figura 43- <http://www.observatoriodoalgarve.com>

Figura 44- <http://e.i.uol.com.br/pan/2007/historia/1991-historia.jpg>

Colaboradores: Luiza Darido e Thiago Cascardo

7.4 O livro didático de basquetebol: a visão dos professores e o estudo de caso

Na segunda etapa do trabalho nossa intenção foi avaliar a aplicabilidade do livro didático de basquetebol, para tanto, realizamos entrevistas com cinco professores da Educação Básica que trabalham com turmas de 6º e 7º anos.

Os professores foram convidados a falar livremente sobre suas impressões a respeito do livro didático de basquetebol, solicitamos que expressassem as idéias e reflexões que surgiram ao longo da leitura do material, para em seguida, procedermos às discussões mais pontuais.

Em seguida, na terceira e última etapa dessa investigação convidamos um dos professores entrevistados a utilizar o livro didático de basquetebol em situações reais de ensino, mais especificamente, no cotidiano pedagógico de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

Para análise dos dados descritos abaixo, realizamos o cruzamento das informações obtidas nas entrevistas com os cinco professores e as observações das aulas realizadas no estudo de caso. A partir desse cruzamento foi possível delinear as categorias que representam os temas significativos e recorrentes nas falas dos professores e na prática analisada. Dentre as categorias, destacamos: concepção de Educação Física no livro didático de basquetebol; limitações e vantagens do livro didático de basquetebol; necessidade de livros didáticos no cotidiano escolar; uso do livro didático de basquetebol e recepção do livro didático por parte dos alunos.

Como havíamos salientado no capítulo sobre a metodologia, os professores foram escolhidos pelo contato pessoal, sabíamos previamente que se tratavam de professores preocupados e comprometidos com a prática docente.

De fato, desde o contato inicial até a realização das entrevistas e observação de aulas, os professores colaboraram significativamente para efetivação da investigação. Demonstraram, ao menos no nível do discurso, estarem preocupados com a transformação da realidade da Educação Física, vislumbrando novos olhares para esse componente curricular. Os cinco professores entrevistados apresentam características do que Galvão (2002) definiu como o perfil do bom professor, isso porque demonstram domínio do conteúdo e metodologia que trabalham, estão envolvidos com a realidade dos alunos e visualizam o trabalho docente na perspectiva da prática reflexiva.

❖ **Concepção de Educação Física no livro didático de basquetebol**

Analisando as entrevistas com professores identificamos na fala de todos eles opiniões e questionamentos muito parecidos quanto à concepção de Educação Física e esporte veiculada no livro didático de basquetebol.

Todos os entrevistados afirmaram que a concepção do livro didático de basquetebol é muito próxima do que eles esperam para Educação Física na escola e muito parecido com o que eles já vêm realizando em suas aulas.

Gostei muito do material, muito bem feito. Ele tem em minha opinião uma disposição didática, ele contextualiza o jogo, a parte histórica, propõe atividades, conteúdos bastante abrangentes, discute a questão dos métodos e dependendo do conteúdo podemos optar por um ou outro, muito apropriado (Professor 2).

Em artigo recente sobre o ensino do esporte afirmamos que nos últimos anos parece surgir certo consenso entre as tendências sócio-culturais em torno dos conhecimentos a serem ensinados e aprendidos pelos alunos na Educação Física escolar, mais especificamente, conhecimentos ligados à cultura corporal, cultura corporal de movimento ou cultura de movimento (RODRIGUES e DARIDO, 2008).

Esse consenso também é evidenciado entre os professores entrevistados nessa pesquisa, isso porque suas concepções de Educação Física apresentam-se bastante permeadas e influenciadas por propósitos das perspectivas sócio-culturais, principalmente, no que tange ao conceito de cultura corporal de movimento, o papel da Educação Física na escola e do basquetebol como um dos conteúdos.

No que diz respeito à discussão sobre as influências de perspectivas sócio-culturais no campo da Educação Física, Daólio (2004b) afirma que o termo “cultura” definitivamente faz parte da Educação Física.

Em sua análise até pouco tempo havia um predomínio das ciências biológicas na explicação do corpo, da atividade física e do esporte e foi só recentemente que os currículos dos cursos de graduação incluíram disciplinas advindas das ciências humanas (DAÓLIO, 2004).

Para Daólio (2004b) “cultura” é o principal conceito para Educação Física, isso por que as manifestações corporais são geradas em meio à dinâmica cultural, apresentando-se de forma diversificada em contextos específicos.

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definida como o jogo, o esporte, dança, luta e ginástica (DAÓLIO, p. 2, 2004b).

Interessante destacar que os cinco professores entrevistados vislumbram, ao menos no discurso, a Educação Física como o componente curricular responsável por introduzir o aluno na esfera da cultura corporal de movimento.

Compreendem que a Educação Física é um espaço privilegiado de conhecimento e vivência das manifestações dessa cultura, evidenciando as possibilidades do aluno aprender o esporte, mas também aprender sobre o esporte e como se relacionar no âmbito de sua prática.

Os professores se identificam com as concepções sócio-culturais da Educação Física, e apontam que existem poucos materiais na efetivação desse tipo de trabalho, sendo que o livro didático de basquetebol é uma alternativa possível a essa realidade.

Importante perceber que os professores se identificam com a concepção de Educação Física apresentada no livro didático de basquetebol, ou seja, com o papel vislumbrado para esse componente curricular na escola. Também demonstram aceitação pelos conteúdos e pelas atividades do livro, nesse sentido a identificação é com o que deve ser ensinado na Educação Física sobre o basquetebol.

Comecei a ler e pensar. Isso eu também faço. Na parte que você fala do início, põe um grupo jogando em uma metade e o restante na outra metade da quadra, sem estipular número de jogadores e regras, isso eu faço com todos os esportes, simplesmente deixo eles jogarem como eles desejam. Achei muito legal essa parte, pois achei que era eu (Professor 4).

Assim, por traz do livro didático de basquetebol existem concepções sobre o porquê ensinar Educação Física e em específico o esporte, bem como o que ensinar sobre essa manifestação corporal, nesse sentido os professores demonstram identificação tanto com a concepção, como com os conteúdos veiculados no livro didático de basquetebol.

Apesar de todos os professores declararem em entrevista sua aceitação e identificação com o livro didático de basquetebol, no período de observação das aulas, estivemos atentos em analisar a coerência entre esse discurso e a prática do professor participante, e identificamos certas incongruências.

O professor 1, por exemplo, em entrevista afirma com convicção que o livro didático de basquetebol é muito parecido com tudo que ele pensa, até pelo fato de ter a mesma formação que o professor-pesquisador. Nas suas palavras:

[...] minhas aulas tem um pouco disso, tentar trazer a história, iniciar uma progressão da aprendizagem dos fundamentos, fazer o jogo, não intervir tanto. Tem muita coisa parecida no trabalho pelo fato de termos a mesma formação (Professor 1).

Entendemos a partir do discurso do professor que a forma em que o conteúdo basquetebol foi sendo proposto, as atividades e as discussões são similares ao que ele desenvolve em suas práticas. Mas não foi exatamente isso que observamos no cotidiano de suas aulas.

No livro didático de basquetebol fazemos opção clara pelo ensino dos fundamentos básicos do esporte por meio do jogo, ou seja, em situações complexas e contextualizadas, em que os alunos aprendam os movimentos em situações de pequenos jogos e o jogo propriamente dito. Além disso, alertamos para o fato de que não somos contra o ensino dos fundamentos básicos pela decomposição dos movimentos, desde que esse procedimento seja adotado de forma contextualizada e após a compreensão da dinâmica do jogo.

No caso das aulas observadas a ênfase é dada ao ensino dos fundamentos básicos em situações isoladas, ou seja, a cada aula o professor se preocupa com um fundamento, os alunos são dispostos em filas e executam individualmente os exercícios.

Ferreira et al. (2005), por exemplo, destacam a importância do jogo como conteúdo privilegiado para aprendizagem dos fundamentos básicos, ou seja, conhecer as técnicas do jogo integradas à sua lógica tática.

Conversando com o professor percebemos que sua opção pelo ensino dos fundamentos em situações isoladas é justificada por dois motivos. Primeiro porque tem dificuldade de organizar os alunos nas situações dos jogos, assim as filas possibilitam um controle maior das atividades. Um segundo ponto apresentado pelo professor é que os alunos não conseguem aprender os fundamentos nas situações dos jogos, nesse sentido prefere utilizar os exercícios, os quais teoricamente são mais efetivos na aprendizagem dos movimentos.

Outra postura adotada pelo professor que não propusemos no livro didático de basquetebol é a divisão das turmas separando os meninos das meninas, em praticamente todas as atividades.

Acreditamos acima de tudo na importância de meninos e meninas vivenciarem e conhecerem o basquetebol juntos, reconhecendo, discutindo e respeitando as características específicas de cada gênero. Ao mesmo tempo, entendemos a necessidade de oportunizar em

alguns momentos a vivência separada de meninos e meninas, já que esses grupos apresentam, com raras exceções, níveis de habilidade bastante diferentes, fato que desmotiva os meninos pela ausência de desafio e desmotiva as meninas pelas poucas possibilidades de sucesso. Por outro lado, isso não justifica a separação em todas as aulas, como foi o caso das aulas observadas.

Interessante destacar que apesar do professor se identificar com a proposta do livro didático de basquetebol, em sua prática pedagógica faz escolhas que não foram veiculadas nesse material. Assim, há certa incongruência entre o que professor diz ou pretende fazer e o que ele realmente faz.

Sobre as incoerências dos discursos dos professores de ciências quanto ao livro didático, Cassab e Martins (2008) fazem afirmação representativa do que também identificamos no discurso e prática do Professor 1:

Longe de uma forma única e coerente, o discurso do professor sobre a escolha do livro se constitui pelo embate-diálogo entre diferentes textos que condicionam seu dizer. O discurso do docente constitui-se como uma dispersão de textos produzidos conforme as coerções de diferentes formações discursivas. Em outras palavras, o discurso do professor sobre o livro didático, relaciona-se com outros discursos e os sentidos resultam destas complexas relações. A descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco e a contradição são constitutivos tanto do sujeito como dos sentidos por ele construídos no discurso (CASSAB e MARTINS, p.5, 2008).

Nesse sentido, no discurso e prática do professor estão presentes marcas sobre concepções de ensino, entendimentos sobre o papel da Educação Física, imaginário sobre os alunos, imaginário sobre o trabalho docente, entre outras redes complexas de informação que condicionam seu discurso sobre o livro didático de basquetebol, bem como sua utilização em situações reais de ensino.

Concordamos com Schon (1995) quando afirma que para uma análise rigorosa da prática pedagógica dos professores não basta perguntar o que eles fazem, já que existe certa divergência entre o que os professores fazem e o que eles dizem fazer, tal qual acontece com o professor 1.

Válido ressaltar, que apesar de apresentarmos lacunas no trabalho do professor não é nossa intenção culpabilizá-lo pelos problemas identificados, de fato a complexidade da realidade escolar exige alternativas que nem sempre são aquelas consideradas ideais.

Precisamos reconhecer as inúmeras dificuldades enfrentadas pelo professor em seu trabalho, dentre elas, a falta de apoio da direção escolar, espaços físicos e horários de aula

inadequados (sol a pino), indisciplina dos alunos, entre outros aspectos que limitam o desenvolvimento de uma prática pedagógica de qualidade.

Reconhecemos ainda, que as dificuldades do professor em articular discurso e prática podem estar relacionadas às características de sua formação inicial e continuada.

Rangel-Betti e Betti (1996), por exemplo, analisando os currículos utilizados na formação profissional em Educação Física encontram inúmeras lacunas nos dois modelos mais observados nos cursos de formação, o currículo tradicional esportivo e o currículo técnico científico.

No currículo técnico científico, no qual o professor observado foi formado, há uma valorização das disciplinas teóricas gerais e aplicadas, nesse sentido essa modalidade de currículo avança em relação ao currículo tradicional esportivo, que enfatiza as disciplinas estritamente práticas.

Por outro lado, no currículo de orientação técnico científica o conhecimento flui da teoria para prática, sendo a prática entendida como aplicação da teoria. Surge aí um limite expresso na prática dos professores: como fazer a transposição desses conhecimentos da teoria para prática?

O currículo técnico científico tenta sanar tal lacuna criando disciplinas que pudessem auxiliar na transição desses conhecimentos, como é o caso das Práticas de Ensino, mas não obtiveram o devido sucesso, já que os professores continuam enfrentando inúmeras dificuldades para integrar teoria e prática (RANGEL-BETTI e BETTI, 1996).

Como alternativa a essa realidade Rangel-Betti e Betti (1996) sugerem um currículo baseado na prática reflexiva, em que a prática é o eixo central do currículo, sendo ela entendida como ação profissional em um dado contexto. Nesse sentido, em um primeiro momento da formação, os alunos seriam confrontados com a realidade de trabalho que vão encontrar, podendo assim, conhecer, refletir e discutir sobre essa realidade. Em seguida seriam levados a resolver problemas simulados ou reais, específicos dos contextos de trabalho.

Ainda sobre a eminência de um currículo baseado na prática reflexiva, Rangel-Betti e Betti (1996) indicam a importância do contato e troca de experiências com profissionais experientes, a necessidade de considerar as experiências de socialização dos graduados, a busca de uma relação dialética entre teoria e prática e a introdução de um currículo temático.

Contudo, a preocupação é com a construção de uma teoria da prática e não com a prática da teoria. Nesse sentido poderemos colaborar para uma formação mais próxima e atenta às exigências da prática pedagógica na escola.

Outro aspecto que pode justificar a dificuldade do professor é sua pouca experiência como docente na escola, já que desenvolve seu trabalho há apenas três anos.

Ramos et. al. (2008) nos auxilia a compreender essa dificuldade em estudo sobre os conhecimentos que os professores precisam saber para ensinar. Os autores dedicam atenção especial ao conhecimento pedagógico do conteúdo, o qual permite a matéria de ensino tornar-se compreensível ao aluno, tal conhecimento contempla analogias, ilustrações, exemplos, explicação, demonstrações, entre outras estratégias que auxiliam a compreensão do conteúdo por parte dos alunos.

Imprescindível considerar, que o conhecimento pedagógico do conteúdo é aprendido em contato direto com a realidade de trabalho, ou seja, um conhecimento que o professor aprende na prática, desenvolvendo suas aulas. E para construção e aprimoramento desse conhecimento o professor necessita de tempo de prática, tempo de experiência, o que falta ao professor observado nessa pesquisa.

Piéron (1996), por exemplo, considera a existência de cinco estágios do desenvolvimento profissional, dessa forma ao longo dos anos, com experiência, o professor com o progressivo conhecimento do contexto de trabalho, tende a superar estágios elementares podendo alcançar o estágio de professor “expert”.

No caso do professor observado as experiências com a docência giram em torno de três anos, o que Piéron (1996) considera o principiante avançado, representativo daquele professor que adquiriu certo conhecimento do contexto de trabalho e começa a desenvolver certo conhecimento estratégico relativo ao que deve ou não fazer e quais as melhores oportunidades para realizar tais ações.

Podemos considerar que as dificuldades enfrentadas pelo professor em articular discurso e prática estão na confluência de uma formação inicial que não proporciona o entendimento das relações entre teoria e prática, nas dificuldades de realizar uma formação continuada adequada, na ausência de um período satisfatório de experiência docente e na complexidade da realidade escolar.

Dessa forma, entendemos relevante que a formação inicial esteja atenta a complexidade da prática, viabilizando ao futuro professor o conhecimento de sua realidade de trabalho, além de oportunizar possibilidades de confrontação desse contexto com os conteúdos veiculados nas disciplinas, permitindo assim, a construção e apropriação de competências e conhecimentos adequados às exigências da prática pedagógica. Já a formação continuada deve permitir aos professores o conhecimento e ressignificação de suas próprias práticas.

❖ Limitações e vantagens do livro didático na realidade dos professores

Ao longo das conversas e discussões os professores apontaram aspectos positivos e negativos do livro didático de basquetebol e de que forma o livro didático poderia colaborar e/ou dificultar o trabalho docente.

O primeiro aspecto negativo apontado pela maioria dos professores foi o grande volume de discussões propostas no livro didático de basquetebol.

Três professores consideraram que existe um número elevado de debates ao longo dos temas e que seria muito trabalhoso desenvolvê-los. Acreditam ser muito difícil realizar tanta discussão, primeiro porque o tempo de aula é muito restrito e os alunos têm expectativas em realizar a prática e em segundo lugar apontam o problema da indisciplina, além de destacar a tradição do “saber fazer” da área como um agravante.

Indo um pouco para escola fiquei um pouco preocupado. É uma aula que desgasta mais, hoje em dia o desafio é fazer a aula acontecer, ou seja, você tem que começar logo a aula para os alunos não dispersarem, você toma uma série de decisões que não são as melhores, mas são necessárias para aula acontecer.

Fiquei bastante preocupado com o excesso de debate, é desgastante. O ano passado eu tinha 16 salas e fazer isso com todas elas compensa, mas pode ser que o professor não agüente ao longo do processo. Por que a discussão gera muitos conflitos, é preciso brigar com os alunos para realizar. (Professor 1).

Um dos professores também reclama do volume de discussões, mas aponta como alternativa o desenvolvimento das discussões na parte inicial das aulas.

O que eu acho que não funciona muito são as discussões após as práticas, isso porque eles estão muito excitados, o tempo de aula é curto, além do fato de que eles se irritam com a interrupção da prática. A euforia que a prática proporciona dificulta a concentração e a atenção na atividade de discussão (Professor 4).

Um aspecto importante a ser considerado é que quando propusemos a realização de discussões ao longo dos temas, estivemos bastante atentos para que esses debates mantivessem relações com as vivências que estavam sendo propostas. Em outras palavras, nossa intenção foi viabilizar discussões contextualizadas com as práticas, o que tornaria o conhecimento mais significativo ao aluno. Assim, concordamos com a alternativa encontrada pelo Professor 4 no encaminhamento das discussões, mas alertamos para que as relações entre

vivência e discussão sejam preservadas, sob pena de produzirmos discursos vazios de sentido e significado aos alunos.

Pensar um livro didático para Educação Física exige também considerar a tradição de conteúdos que acompanha a realidade desse componente curricular. Assim como apresentam Darido e Rangel (2005), a Educação Física na escola priorizou ao longo da história os conteúdos em sua dimensão procedimental, o “saber fazer” e não o saber sobre a cultura corporal e como se relacionar no âmbito dessa cultura.

Em pesquisa com sete professores de Educação Física com pós-graduação, Darido (2003) identificou que apesar dos professores mencionarem a importância dos conhecimentos teóricos (conteúdos com predominância conceitual) no desenvolvimento das aulas, pouco foi observado pela pesquisadora. Sobre essa dificuldade dos professores em desenvolver conteúdos para além da dimensão procedimental, Darido (2003) afirma:

[...] a discussão sobre a inclusão destes conteúdos na área é extremamente recente e há dificuldades na seleção e na implementação de conteúdos relevantes. Além disso, muitas vezes, a comunidade escolar não oferece respaldo para os professores trabalharem com essa proposta (DARIDO, p.71).

Assim como apresenta Darido (2003), compreendemos as dificuldades dos professores no encaminhamento das discussões propostas pelo livro didático de basquetebol, mas não poderíamos deixar de apresentá-las sob pena de nos tornarmos reféns da tradição, mesmo porque uma das funções do livro didático de basquetebol é oferecer subsídios aos professores no desenvolvimento de conceitos, procedimentos e atitudes.

Nesse sentido, apresentamos no livro didático de basquetebol diversas opções de vivências, práticas e discussões, mas a escolha por uma ou outra forma de abordar o conteúdo é decisão exclusiva do professor frente aos problemas enfrentados.

Em relação às dificuldades que o livro didático de basquetebol poderia proporcionar ao trabalho docente os professores foram unânimes em destacar que se ele tivesse que ser seguido na íntegra, do início ao fim, sem adaptações, isso caracterizaria uma grande limitação.

“Se eu me prendesse a ele talvez sim, se eu fosse seguir do início ao fim, mas como um guia não. Acredito que vem a somar” (Professor 5).

“Se eu tivesse que seguir aula por aula sim. Mas sabendo que posso adaptar e descartar o que quiser, acho que me ajudaria” (Professor 4).

Compreendemos o livro didático como um material curricular flexível, aberto às decisões do professor. Evidentemente, apresenta uma sequência de temas e atividades, mas diferente das conhecidas apostilas esse é um material que deve permitir a escolha, a adaptação, o descarte, etc.

A concepção de livro didático, de forma alguma, atende a definição de material fechado e de sequência rígida, na verdade trata-se de um instrumento auxiliar do trabalho docente e da aprendizagem dos alunos e não um referencial único.

Corroborando a idéia de que o livro didático é um material flexível, Munakata (2000) afirma que são tantas as práticas que envolvem o livro didático, que os professores acabam estabelecendo uma relação de uso e não apenas de leitura desse material.

O professor 3 destaca que em sua realidade o livro didático não traria nenhuma dificuldade, mas pontua que ao professor acostumado a não planejar as aulas, sem o hábito de realizar leituras e desatualizado quanto à concepção de Educação Física proposta no livro didático de basquetebol, esse sim teria dificuldades em aceitar e também em utilizar o livro.

Quando recebo um material desse para trabalhar o mínimo que tenho que fazer é ler, é estudar, é repensar minha aula. Então para muitos isso seria uma dificuldade. Para mim seria muito bem-vindo, pois eu aprimoraria minha aula.

[...] para muitos professores a aula se restringe em pegar uma bola e vamos jogar. Traria uma dificuldade, já que ele precisaria ler. Além disso, tem o livro do aluno e ele vai começar a questionar, vai começar a ler, se interessar. E o professor tira essas respostas da onde? Da onde ele tira esse conhecimento? Então desse ponto seria uma dificuldade (Professor 3).

Na compreensão do Professor 3 o livro didático de basquetebol pode se tornar um empecilho ao trabalho do professor acomodado, já que os alunos podem questioná-lo sobre o que está sendo ensinado. No caso do professor “rola bola”, isso realmente pode acontecer, já que os alunos poderão confrontar o conteúdo do livro didático com o conteúdo das aulas.

Ainda sobre aspectos negativos do livro didático, o Professor 1 faz um questionamento relacionando o livro didático de basquetebol com as condições de trabalho na escola.

[...] o livro não é ruim. Ele sofre o mesmo problema, da apostila do Estado. O que está ruim é a escola, é a situação de debate na escola. Eu tenho 40

alunos por turma e duas aulas por semana, como eles sabem que tem super pouco espaço para prática eles não aceitam o uso do tempo de outra forma. Não é ruim ele aprender sobre a história do basquete, sobre as curiosidades. A dificuldade está na escola e não no livro, na estrutura da escola, no número de aluno, na falta de materiais (Professor 1).

É possível depreender da fala do Professor 1 a existência de problemas urgentes no cotidiano escolar, tais como, a número excessivo de alunos por turma, a indisciplina, a falta de apoio da direção, a pouca integração entre os professores, aspectos que dificultam o desenvolvimento das aulas e obviamente a utilização do livro didático.

Concordamos com o professor no sentido de apontar as limitações do livro didático frente a uma realidade tão conturbada, mesmo assim, sem deixar de considerar os problemas enumerados acreditamos no potencial de colaboração do livro didático, mesmo em uma realidade tão complexa.

De fato, melhorar as condições de trabalho na escola exige medidas e soluções plurais, que vão da formação inicial às políticas públicas de incentivo à docência. Consideramos o livro didático uma dessas possibilidades e não a única, sendo assim, um material com função específica de auxiliar o docente e o aluno no processo de ensino aprendizagem.

No que diz respeito aos aspectos positivos do livro didático de basquetebol, os professores apresentam inúmeras vantagens que esse material poderia proporcionar ao trabalho docente.

Os professores acreditam que o livro didático pode ser um instrumento para guiar o trabalho, já que apresenta o conteúdo de forma organizada, independentemente da concepção adotada, demonstra uma sequência que pode ajudar na condução do trabalho.

Poderia ajudar a guiar o trabalho e não a engessá-lo. Se durante a aula sentir a necessidade de ir para um tema e depois voltar ao assunto inicial, adequando o livro a minha realidade, assim vem a somar. (Professor 4)
Poderia perfeitamente. Seria uma fonte, uma fonte estruturada, bem clara, ilustrada, de fácil entendimento e trabalho. Apesar de ser um material extenso, mas precisa ser o mais rico possível para que possamos fazer escolhas (Professor 2).

Chama-nos a atenção o trecho da fala do Professor 2, em que ele indica a necessidade do material ser o mais rico possível, ou seja, viabilizar ao professor um vasto repertório de exemplos de atividade, para que possam ser realizadas escolhas. Concordamos plenamente com a afirmação do professor, não é característica de um livro didático disponibilizar o conteúdo de forma resumida, ou ainda, apresentar o conteúdo para um período delimitado, por

exemplo, para ser desenvolvido em um bimestre. Entendemos que no livro didático deva ser apresentado um número de temas e atividades que extrapolem os limites de aplicação do professor, nesse sentido o material oferece a possibilidade e indica a necessidade de escolhas.

O Professor 1, por exemplo, destaca que apesar de conhecer o basquetebol e há bastante tempo trabalhar com esse conteúdo, ainda tem uma série de dúvidas e que encontrou no livro didático uma fonte de atualização de conceitos e também de procedimentos pedagógicos.

Mas sabe que muita coisa eu tenho dúvida com relação as regras, até mesmo as informações relativas à história.
Eu não fiz basquete na Universidade, mas jogo e assisto e além disso eu gosto.
O material pode ajudar bastante nas atualizações das informações sobre o esporte (Professor 1).

Evidencia-se na fala do Professor 1 a possibilidade do livro didático ser uma fonte privilegiada de atualização do professor, mas para que cumpra tal função o livro didático necessitará de uma revisão periódica, no sentido de adequá-lo as transformações do esporte e ao conhecimento que gira em torno do seu ensino-aprendizagem.

Ainda sobre a possibilidade de o livro didático ser uma fonte de atualização, na análise do Professor 3 o material desempenharia um papel fundamental frente aos professores desatualizados. Para ele um livro didático, afinado às atuais propostas de Educação Física que fogem ao modelo tradicional, é um instrumento importante na transformação de professores formados em uma perspectiva esportivista.

[...] nós temos na rede professores que estão contextualizados e atualizados e professores que estão defasados, então dentro dessa barca tem gente de todo tipo. Então quando surge um material seja ele de qualquer espécie, acho muito válido ser analisado.
Então assim, acho que é uma proposta diferente, é disso que a rede está precisando, a própria rede particular, a Educação Física como um todo está precisando (Professor 3).

Apesar de bastante discutível se o livro didático de basquetebol seria realmente capaz de transformar práticas pedagógicas já sedimentadas, quem sabe os livros didáticos pudessem causar, ao menos, a curiosidade, o interesse, o desconforto, o incômodo. Um primeiro passo em direção à mudança.

O Professor 4 apresenta uma vantagem ligada a possibilidade de utilizar o livro didático de basquetebol com os alunos. Em sua opinião ter disponíveis textos e imagens a

todos os alunos é algo que permite até a avaliação conceitual de determinados conteúdos. “Me ajudaria até a ter um material pronto para os alunos colocarem no caderno, o que me possibilitaria fazer uma avaliação em relação às regras” (Professor 4).

Cassab e Martins (2008) investigando os significados atribuídos por professores de ciências na escolha do livro didático apontam que o imaginário desses docentes sobre as características de seus alunos é um aspecto bastante relevante na seleção e escolha do livro didático. Os professores, considerando seus alunos carentes de certas habilidades, adotam como critérios de seleção do livro didático a linguagem e os aspectos visuais veiculados nesses materiais.

O mesmo parece acontecer com os professores participantes de nosso estudo, já que em inúmeros momentos da entrevista fazem menção às características de seus alunos para avaliar o livro didático de basquetebol. “Pensando nos meus alunos acho que eles gostariam muito. Acho que eles gostariam mais de trabalhar com o livro, do que eu passando as informações sem disponibilizar do livro” (Professor 5).

Os professores também vislumbram pontos positivos relacionados aos aspectos mais gerais de um livro didático, elencam vantagens que extrapolam a especificidade do livro didático de basquetebol, mas que seriam comuns a qualquer livro didático.

O professor 4, por exemplo, discutindo suas impressões na leitura do livro didático de basquetebol expressa que em sua escola, somente ela ministra aulas de Educação Física e em diversos momentos se sente perdida por não ter outro professor da área para compartilhar e discutir o trabalho. Quando teve a oportunidade de ler o livro didático de basquetebol percebeu a possibilidade de avaliar seu próprio trabalho, no sentido de que o que ela faz também vem sendo feito por outras pessoas, como se isso indicasse que o trabalho está no caminho certo.

Nessa situação apresentada pela professora o livro didático de basquetebol serviu para que sua prática fosse avaliada. Não tendo a possibilidade de conversar ou compartilhar seu trabalho com outros professores, percebeu no livro didático uma possibilidade de avaliar os conteúdos que escolhe para as aulas e as formas de intervir com os alunos.

Para mim é super importante ver o livro e saber que outras pessoas estão fazendo a mesma coisa ou coisas comuns. Até um tempo atrás era só eu na escola, não tinha como discutir.

Quando comecei a ver seu livro (livro didático de basquetebol), pensei oba! Não sou apenas eu que faço isso (Professor 4).

Essa indagação do Professor 4 sobre a avaliação de sua prática, nos faz recorrer às propostas de Schon (1995) para a formação de professores como profissionais reflexivos. Na compreensão de Schon (1995) o professor aprende fazendo e refletindo sobre suas ações práticas. Para tanto propõe três momentos distintos: o conhecimento na ação; a reflexão na ação; e a reflexão sobre a ação.

No que diz respeito à reflexão sobre a ação Rangel et al. (2005) afirmam que esse momento ocorre após a aula, quando o professor passa a refletir sobre os acontecimentos da aula, suas decisões, o que deu certo, o que deu errado, o que precisa ser repensado, etc.

Podemos assim considerar o livro didático de basquetebol como um elemento a colaborar com a reflexão sobre as ações do Professor 4. E por que não vislumbrar a possibilidade do livro didático ser utilizado no conhecimento da ação e na reflexão na ação, auxiliando o professor na tarefa de ressignificar sua prática.

Ao longo das observações, no estudo de caso estivemos mais atentos às vantagens e desvantagens que o livro didático de basquetebol pudesse proporcionar ao professor nas fases de implementação das aulas.

Uma vantagem eminente do livro didático de basquetebol foi representada no livro do aluno, já que o professor dispunha de um material estruturado com imagens, textos e exercícios para serem desenvolvidos com os alunos, com isso não despendia energia e recursos para pesquisa e reprodução de materiais didáticos.

Além disso, percebemos que o livro didático de basquetebol possibilitava ao professor e aos alunos reconhecerem uma sequência no conteúdo, tal característica colaborava com as significações dos alunos em relação à continuidade das aulas, assim, suas expectativas estavam de acordo com as atividades que pudessem ser desenvolvidas.

Por outro lado, esse conhecimento do livro didático por parte dos alunos dificultou um pouco o desenvolvimento das aulas, isso porque, sabendo previamente das atividades que poderiam ser realizadas, os alunos se mostravam eufóricos ou resistentes.

De fato, o aluno pouco acostumado à leitura, à análise de imagens, à produção de textos e à resolução de exercícios nas aulas de Educação Física provavelmente se incomodará com algumas atividades. Com isso, o professor deve estar preparado para mediar tais conflitos ensejados pelo uso do livro didático.

Em resumo, quando convidados a apresentar suas impressões sobre o livro didático de basquetebol os professores identificaram como aspectos negativos o volume elevado de discussões a serem implementadas, a suposta exigência de trabalhar o livro didático do início ao fim, apontam ainda que seria uma dificuldade ao professor acomodado e indicam o papel

limitado do livro didático frente a problemas urgentes do cotidiano docente. Já em relação aos pontos positivos destacam a vantagem do livro didático servir como um guia do trabalho, como uma fonte privilegiada de atualização conceitual e um instrumento rico para avaliação dos alunos, bem como uma possibilidade de reflexão da prática docente. No que diz respeito às observações das aulas foi possível perceber o livro do aluno como um material fundamental a auxiliar o trabalho docente e as aprendizagens dos alunos, ao mesmo tempo, o conhecimento da sequência de temas e atividades do livro didático de basquetebol proporcionou certo conflito com as expectativas dos alunos em vivenciar e praticar o esporte.

❖ **A necessidade de livros didáticos no cotidiano escolar**

Identificamos no decorrer das entrevistas que os professores utilizam poucos livros para planejar suas aulas e estabelecem uma relação bastante crítica quanto à necessidade de livros didáticos no cotidiano pedagógico.

Quando questionados sobre a utilização de materiais prévios para o planejamento das aulas, percebemos que na maioria dos casos, há pouca preocupação ou pouca tradição no encaminhamento dessa tarefa com o apoio de livros. Dos cinco professores entrevistados quatro apresentaram pouquíssimos livros que lhes dão suporte ao ministrarem as aulas e apontam recorrer principalmente à internet e a experiência de outros colegas.

Não, não utilizo nenhum manual. Mas recorro a livros de regras. Já em relação às atividades é um pouquinho da experiência que a gente vê os outros fazerem, adaptando atividades que aprendemos com outros professores (Professor 2).

Apenas um dos professores apresenta com convicção que utiliza livros para planejar suas aulas.

Uso alguns livros de apoio que dão base para montar minha aula, por exemplo, alguns livros que trabalham fundamentos esportivos, livros de regras, livros de atualidades, muito material jornalístico. Algo em cima disso, não que vou repetir algum conceito com eles, mas preciso desse alicerce para montar minhas aulas (Professor 3).

Levando em conta que dos cinco professores entrevistados apenas um deles demonstra necessidade de livros para planejar suas aulas, podemos levantar, para compreender essa realidade, algumas hipóteses.

Primeiramente, devido ao número reduzido de livros que se aproximam das necessidades reais dos professores, já que a maioria deles, publicados na área, não são produzidos com finalidades didáticas. Uma segunda hipótese, que os professores não têm tempo suficiente para estudar e planejar suas aulas e não consideram esse trabalho necessário. Ou ainda, que as aulas dos professores estejam baseadas em suas experiências anteriores, nesse sentido reproduzem e adaptam aquilo que aprenderam ou vivenciaram com outros professores, quando ainda eram alunos.

Tardif e Raymond (2000) estudiosos dos saberes profissionais dos professores, mais especificamente, os saberes mobilizados e empregados na prática cotidiana, podem colaborar para o entendimento dessa realidade.

Na compreensão de Tardif e Raymond (2000) o termo “saber” em sentido amplo engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes dos docentes. Afirmam com propriedade que o saber profissional dos professores está na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares da formação, etc.

No que diz respeito à história de vida individual, Tardif e Raymond (2000) dedicam atenção especial às fontes pré-profissionais do saber-ensinar, que compreendem experiências familiares e principalmente escolares dos professores.

A idéia defendida pelos autores é de que a prática profissional dos professores é bastante influenciada por saberes oriundos da socialização anterior à preparação profissional formal.

Quanto a esse assunto afirmam: “[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos” (TARDIF e RAYMOND, p. 216, 2000).

Mais surpreendente do que a influência dos saberes pré-profissionais na prática pedagógica dos professores é a dificuldade de resignificação desses saberes na formação inicial. Tardif e Raymond (2000), sobre experiências observadas na América do Norte, afirmam que os dispositivos de formação inicial dos professores não conseguem mudá-los nem abalá-los. Os professores passam pela formação inicial e suas crenças e convicções sobre o ensino parecem se modificar muito pouco.

Ainda sobre a mobilização e integração de saberes por parte dos professores, Tardif e Raymond (2000) alertam que os saberes pré-profissionais, apesar de bastante significativos, sozinhos não podem contemplar todo o saber profissional, nesse sentido indicam a

importância de considerar a experiência do trabalho como fonte de conhecimento e aprendizagem desses saberes.

Pimenta (2002) é mais uma estudiosa interessada nos saberes necessários à docência. Na compreensão da autora, formação inicial deve ser capaz de levar os futuros professores a construir uma identidade profissional do ser professor, construção que se efetivaria a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão e da revisão de tradições. Nesse sentido, a construção da identidade profissional se dá na constante ressignificação dos saberes da experiência, do conhecimento e pedagógicos.

Os saberes da experiência são aqueles que os professores adquiriram quando ainda eram alunos, sobre esses saberes, Pimenta (2002) apresenta a seguinte indagação e proposta. Os alunos chegam à formação inicial e já possuem saberes sobre o que é ser professor, afinal de contas sabem identificar os bons e maus professores, aqueles que são bons em conteúdos, mas não sabem ensinar, entre outras características. A isso, junta-se uma série de práticas consagradas, que foram incorporadas pelos alunos e influenciam a construção de suas identidades como professores.

Portanto, sugere a autora, o primeiro passo na construção de uma identidade profissional do ser professor é a mobilização e ressignificação dos saberes da experiência, ou saberes pré-profissionais como preferem Tardif e Raymond (2000). Mas essa não é uma tarefa fácil e pelo que parece não vem sendo desenvolvida nos cursos de formação.

Mas como fica o livro didático na configuração dos saberes profissionais ou saberes docentes?

Se considerarmos apenas as influências dos saberes pré-profissionais na construção do saber-ensinar dos professores, provavelmente, o papel do livro didático será bastante limitado no processo de aprendizagem e incorporação dos saberes profissionais, uma vez que livros didáticos de Educação Física não foram utilizados nas aulas dos atuais professores. Mas Tardif e Raymond (2000) indicam que as experiências de trabalho também poderão ser responsáveis na construção dos saberes dos professores. Assim, é possível incluir o estudo, a leitura e a utilização do livro didático pelo professor em seu cotidiano.

Ou seja, o livro didático pode provocar mudanças nas concepções de ensino dos professores, mas no caso do professor observado as experiências anteriores parecem prevalecer sobre a necessidade de consulta e uso do livro didático.

De fato, compreender os motivos que justificam o uso reduzido de livros para planejamento das aulas não é tarefa fácil, mas em algumas falas dos professores é possível perceber que a ausência de materiais adequados à realidade escolar é uma das justificativas.

Três professores afirmam sentir falta de um material mais organizado, mais próximo da realidade das aulas e que seja adequado às necessidades do trabalho docente, tais como uma linguagem mais apropriada a compreensão dos alunos, de fácil manuseio, nas palavras dos professores um material mais prático.

[...] sinto a necessidade de livros mais práticos, de sites direcionados, em que haja um grupo de pesquisadores e pessoas que apresentem atividades para que eu entre no site e possa ter uma fonte de idéias para poder adaptar. Sinto falta de um material mais organizado. (Professor 4)
Sinto falta de um material mais prático, mais voltado para realidade, mais sistematizado. Acho a internet algo mais acessível, consigo encontrar materiais mais adaptados a realidade dos alunos. Encontro textos para discussão na linguagem dos alunos. (Professor 5)

Um dos professores acha importante possuir e utilizar materiais para planejar suas aulas, mas não considera isso uma necessidade, em seu entendimento o uso de materiais para suprir lacunas no planejamento não é algo vital.

[...] eu vejo que é muito importante você ter um material de apoio, livro didático, uma reportagem, um livro de regras, vejo isso como necessário. Mas é vital? Não acredito que seja vital, mas ajudaria muito. Como disse em minha fala inicial muitos professores dependem disso hoje. (Professor 3).

Ainda nessa discussão o Professor 1 considera que a necessidade de materiais para planejamento existe, mas o que considera realmente essencial é o estudo e as trocas entre professores. “Eu sinto muita necessidade de troca entre os professores, tais como as orientações técnicas da Diretoria, com reuniões e discussões” (Professor 1).

Aponta também a necessidade do trabalho do professor extrapolar os limites dos muros escolares, com oportunidades de conhecer experiências de outras escolas e com a possibilidade de participação em eventos científicos. “Eu sinto falta também de sair da escola e conhecer outros trabalhos em seminários ou congressos” (Professor 1).

Concluindo sua leitura sobre as necessidades do trabalho docente o Professor 1 afirma que o que realmente falta é estudo, representado principalmente, nas oportunidades de compartilhar o trabalho escolar, conhecer outras experiências e participar de eventos científicos.

O que falta mesmo é estudo, os professores não estudam, a escola emburrece o professor.

Então falta o professor sair um pouco, conhecer novas idéias, novas propostas, novas escolas, falta isso mais até do que materiais didáticos. (Professor 1)

Percebemos na fala dos professores que a possibilidade de disponibilizar materiais com finalidades didáticas é algo que pode colaborar com o trabalho docente, entretanto, um deles salienta que não se trata de uma necessidade vital, ou seja, o material de fato ajudaria, mas sua ausência não traz grandes prejuízos à prática docente. E por fim, o professor 1 afirma que mais do que materiais didáticos os professores necessitam de oportunidades de estudar e compartilhar experiências.

Importante retomarmos, após os questionamentos dos Professores 1 e 3, uma crítica recorrente à relação do professor com o livro didático. Silva (1996) destaca que o livro didático é a insubstituível “muleta” dos professores, sem as quais não conseguem caminhar.

Percebe-se na fala dos professores citados um posicionamento antagônico ao apontado por Silva (1996), apesar de avaliarem positiva a utilização do livro didático não o consideram um material vital ao desenvolvimento das aulas e mais do que isso vislumbram necessidades que fogem aos limites do livro didático, tais como o estudo e troca de experiências entre professores.

Cassab e Martins (2008) analisando os critérios adotados para seleção e escolha do livro didático de ciências identificam professores submetidos, controlados pelo livro didático, mas percebem também aqueles que problematizam a importância desses materiais e demonstram não estarem subjugados ao livro.

O mesmo parece acontecer com os professores de Educação Física analisados, já que não estabelecem uma relação passiva frente ao livro didático de basquetebol, ao contrário, analisam esse material rigorosamente levando em conta seu cotidiano escolar e as exigências do trabalho docente. Da mesma forma, apesar das críticas, os professores não se colocam radicalmente contra o livro didático.

Nesse sentido, a hipótese que levantamos no início de revisão de literatura desse trabalho parece se confirmar. O professor preparado para trabalhar com o livro didático tem condições claras de identificar possíveis incoerências do material, podendo com isso modificar a forma de abordagem ou mesmo descartar seu uso. Ou de outro modo, se compreendem ou vislumbram boas idéias, podem utilizá-las em suas aulas.

Assim, quando o assunto é a necessidade de livros e livros didáticos na Educação Física escolar percebemos a falta de tradição na área no planejamento e encaminhamento das aulas com base em livros, já que os professores recorrem com mais frequência à internet, às

experiências de outros professores e às experiências anteriores como ex-alunos. Por outro lado, no que diz respeito à necessidade de livro didático os professores acreditam que o livro pode colaborar com o trabalho docente e com a aprendizagem dos alunos, apesar disso, dois professores destacam que não consideram sua utilização vital ao desenvolvimento das aulas.

❖ O uso do livro didático de basquetebol

Megid Neto e Fracalanza (2003), em pesquisa realizada com professores de ciências, elencaram os usos que os professores relatam fazer do livro didático. Indicam em primeiro lugar o uso simultâneo de diversas coleções didáticas para elaborar o planejamento anual e para preparar as aulas ao longo do ano letivo. Um segundo grupo aponta que o livro didático é utilizado como apoio às atividades de ensino-aprendizagem. E por fim, um terceiro grupo salienta a utilização do livro didático como fonte bibliográfica para complemento do conhecimento do professor e aprendizagem dos alunos.

No caso dos professores participantes de nosso estudo percebemos dificuldades evidentes de visualizar o livro didático de basquetebol em seus cotidianos pedagógicos.

O livro didático é um instrumento auxiliar do processo de ensino-aprendizagem que deveria transitar pelas inúmeras fases do trabalho docente, planejamento, implementação e avaliação da prática pedagógica.

Quando questionados sobre a forma de utilização do livro didático todos os professores apontaram que utilizariam as atividades propostas para intervir ou implementar o conteúdo, quase exclusivamente ao que Megid Neto e Fracalanza (2003) mencionam como uso em atividades de ensino-aprendizagem.

[...] acho que daria para utilizar as atividades do livro de basquete no momento de dar as minhas aulas desse conteúdo. (Professor 2)

A tendência é eu utilizar o livro didático de basquete em sequência, mas descartando e tendo a sensibilidade do que não vai dar certo. Talvez eu descartaria algumas imagens do jogo da memória, escolheria as mais importantes.

Por exemplo, o vídeo de repente posso usar no início ou em um dia que a quadra não possa ser utilizada, mas que isso seja um acordo com os alunos. (Professor 1)

Apenas dois professores visualizam o livro didático para além da fase de implementação das aulas e identificam como necessário utilizar o livro na fase de planejamento pedagógico e também na avaliação.

Acho que utilizaria o livro em todas as etapas do planejamento e ao longo das aulas utilizaria as atividades propostas. A única fase em que acho que eu não utilizaria o livro seria na avaliação, pois eu prefiro utilizar o registro ou uma avaliação mais pessoal. (Professor 5)

Primeiro eu analisaria para ver se este livro está de acordo com nossa proposta. É isso que a gente fala na escola? É isso que a escola definiu como parâmetro?

Na implementação de aulas sem dúvida alguma já que ele faz parte, já que nós aprovamos. (Professor 3)

Essa dificuldade demonstrada por alguns professores em perceber o livro didático como um componente do trabalho docente é compreensível, tendo em vista a falta de tradição de estudo e utilização do livro didático na Educação Física escolar.

O que podemos depreender dessa discussão é a necessidade do livro didático ser um tema de estudo e estar efetivamente presente na formação inicial e continuada dos professores. Não basta uma produção de livros didáticos destituída de uma formação com esses materiais. Em uma compreensão mais abrangente o livro didático é mais um elemento a compor a trama da realidade escolar, sendo assim, merece ser analisado e estudado.

As entrevistas com os professores não forneceram informações aprofundadas sobre os usos que os professores fariam do livro didático, apesar de terem sido levantadas no roteiro da pesquisa. Já as observações realizadas com o professor 1 forneceram elementos importantes a serem discutidos.

O professor observado estabeleceu, desde o início da entrevista, uma relação bastante crítica quanto ao livro didático de basquetebol, tanto com o livro do professor quanto com o livro dos alunos.

Identificamos ao longo da entrevista e da observação das aulas que o professor aceita bem a idéia de possuir e utilizar um livro didático, mas pontua enfaticamente necessidades que considera mais urgente no ambiente escolar e no trabalho docente.

O que falta mesmo é estudo, os professores não estudam, a escola “emburrece” o professor.

Então falta o professor sair um pouco, conhecer novas idéias, novas propostas, novas escolas, falta isso mais até do que materiais didáticos. (Professor 1)

Percebemos no decorrer das observações que o professor estabeleceu uma relação bastante superficial com o livro didático de basquetebol destinado ao professor. Não exatamente de descomprometimento, mas dedicou pouca atenção a análise e utilização do material.

Mesmo tendo dedicado pouca atenção ao livro didático de basquetebol o professor utilizou-o em algumas oportunidades, o que nos forneceu elementos para discussão de seu uso.

O professor utiliza o livro didático como referência a ser seguida ou vê o livro como mais um recurso? E qual critério utiliza para descartar ou adotar o material?

De fato em nenhum momento o livro didático de basquetebol foi utilizado como referência ao trabalho do professor. O que realmente baliza o trabalho do docente são suas convicções, suas experiências anteriores e também sua formação inicial e continuada.

A construção de seu roteiro de trabalho não esteve pautada no livro didático de basquetebol, sua preocupação era com o ensino do basquetebol, ou seja, com aspectos específicos do jogo e foi apenas no decorrer das aulas que optou utilizar algumas atividades. Pode até ser que a leitura do livro didático de basquetebol tenha influenciado a forma de visualizar os conteúdos e a metodologia, mas isso não foi evidenciado nas observações.

O que realmente percebemos foi a utilização esporádica de idéias e atividades contidas no livro. Por exemplo, após duas aulas de ênfase na aprendizagem dos fundamentos do jogo como passe e drible, o professor utilizou algumas atividades do livro didático, mais especificamente o primeiro tema do livro, desenvolvendo amplamente os sub temas: “Os espaços do basquetebol” e “As regras do basquetebol”.

Portanto, as atividades do livro do professor estavam em segundo plano, como um apêndice, de fato a preocupação do professor esteve focalizadas sobre suas concepções no ensino do esporte, dentre elas a aprendizagem do jogo pela decomposição dos fundamentos e sobre o livro didático do aluno.

O primeiro critério relevante que balizou a utilização do livro por parte do professor foi sua concepção de ensino e aprendizagem do esporte, ou seja, a compreensão do que realmente deve ser ensinado sobre o basquetebol e o que os alunos são capazes de aprender.

Percebemos que o professor descartou inúmeros temas e atividades por considerá-las pouco relevantes, por exemplo, o jogo da memória relativo ao ensino dos aspectos históricos do basquetebol. Ao mesmo tempo, descartou atividades que os alunos supostamente não conseguiriam aprender ou não se interessariam, como foi o caso do exercício de saída de marcação.

Outro critério adotado para descartar alguns temas e atividades foi às características da turma. No entendimento do professor o fato dos alunos não estarem acostumados a realizar discussões e se mostrarem bastante resistentes a esse tipo de trabalho justifica o descarte de atividades em que prevaleça o debate. Das dez aulas observadas foram poucas as

oportunidades de conversas em grupos sobre assuntos veiculados no livro, além disso, a discussão sobre o espaço das mulheres e dos deficientes sequer foi introduzida.

Uma das únicas oportunidades em que o professor promoveu o debate com os alunos foi sobre o sub tema “As regras do jogo”. Com a intenção de ensinar algumas regras elementares aos alunos, o professor a frente da classe dizia o nome de uma regra e solicitava que algum aluno a explicasse. Tal iniciativa foi bastante oportuna para reflexão dos alunos, mas infelizmente não foi realizada com frequência.

Nas reflexões quanto à concepção que iríamos adotar no livro didático de basquetebol, identificamos a necessidade de ampliar o conceito de conteúdo no campo da Educação Física, para tanto, elaboramos o material partindo das propostas de Zabala (1998) e Coll et al. (2000) de diferenciação dos conteúdos em dimensões, quais sejam, procedimentos, conceitos e atitudes.

A importância em desenvolver conteúdos teóricos e o tratamento intencional das atitudes e comportamentos dos alunos é algo que vem sendo proposto para Educação Física na escola, exemplos disso são Darido (2003), Freire e Mariz Oliveira (2004), Guimarães et al. (2001), Brasileiro (2002), Ayoub (2003) e Faria (2004).

Na contramão dessas propostas e no que disponibilizamos no livro didático de basquetebol, o professor optou por desenvolver os conteúdos quase que exclusivamente em sua dimensão procedimental, ou seja, o saber jogar o basquetebol e não o saber sobre e como se relacionar no basquetebol.

Na análise de Gonzáles (2006), por exemplo, o desenvolvimento do conteúdo esporte na escola deve contemplar aspectos de sua lógica interna, ou seja, o conhecimento do jogo, os movimentos, as situações motoras envolvidas, os fundamentos, etc. Mas também sua lógica externa, que representam os significados sociais dessa prática. Assim, no estudo de caso, a lógica interna do esporte, em detrimento da externa, acabou prevalecendo ao longo das observações.

Importante destacar uma postura do professor que realmente nos surpreendeu. Apesar de demonstrar pouco interesse pelo livro didático do professor, sua postura em relação ao livro didático do aluno foi visivelmente oposta, dedicou atenção escolhendo alguns temas e atividades relevantes e utilizou-as em algumas oportunidades com seus alunos, exemplo disso, foram as atividades do primeiro tema que tinham por objetivo a caracterização do esporte, nessa oportunidade respondeu as perguntas do livro em conjunto com os alunos.

No que diz respeito aos critérios utilizados para adoção de temas e atividades do livro didático de basquetebol, no caso da realidade observada foram dois principais.

O primeiro motivo é que o professor utiliza uma atividade do livro didático do professor quando ela está de acordo com suas concepções sobre o ensino do esporte ou quando se convence da importância dela. Exemplo disso, foi que após insistir no ensino do fundamento de passes por meio de exercícios isolados o professor identificou a necessidade de realizá-lo no contexto do jogo, com isso recorreu ao livro didático de basquetebol e utilizou-se do jogo dos cinco passes.

O segundo critério para adoção do livro didático do aluno diz respeito à natureza das atividades propostas.

A maioria das atividades que possibilitavam o registro por parte dos alunos foi utilizada no decorrer das aulas. Nesse sentido, as atividades com uma prevalência de aspectos conceituais, ou seja, que exigem do aluno abstração, memorização e escrita foram amplamente exploradas.

Para discutir os critérios utilizados pelo professor para descartar ou adotar as atividades do livro didático é imprescindível retomarmos as reflexões de Tardif e Raymond (2000) sobre os saberes profissionais dos professores.

Como havíamos salientado anteriormente as experiências pré-profissionais dos professores são bastante significativas na construção e incorporação de saberes sobre o ensino, isso fica bastante evidente nos critérios escolhidos pelo professor para descartar determinadas atividades. Em primeiro lugar descarta as atividades que não estão de acordo com suas concepções de ensino do esporte e um segundo critério é sua visão sobre as necessidades e expectativas dos alunos, conhecimentos incorporados principalmente em sua socialização como aluno na Educação Básica.

Podemos considerar também que parte desses conhecimentos foram aprendidos na formação inicial, mas curiosamente esse professor foi formado em um currículo de orientação técnico-científica, em que concepções sobre o ensino do esporte são bastante discutidas com o respaldo de disciplinas como a psicologia, a pedagogia, a sociologia, o que supostamente contribuiria para uma visão ampliada de ensino do esporte.

Mas o que nos chama a atenção são os critérios utilizados para adotar as atividades e o papel representado pelo livro didático de basquetebol nessas escolhas. Tardif e Raymond (2000) afirmam que alguns saberes dos professores são provenientes da utilização de ferramentas para o ensino. Nas aulas observadas esse potencial do livro didático ficou evidente, visto que, o professor em determinados momentos reviu suas posturas quanto à utilização dos métodos de ensino para o ensino dos fundamentos básicos do esporte e

vislumbrou melhores possibilidades de utilização das atividades propostas no livro didático do aluno.

Tal fato indica a resignificação de alguns saberes do professor a partir do livro didático, apesar de quase imperceptível, a utilização do livro didático de basquetebol provocou reflexões do professor quanto a seus saberes.

A preferência do professor pela utilização do livro didático do aluno nos fornece algumas indicações relevantes. Primeiro que na elaboração do livro didático de basquetebol deveríamos direcionar uma atenção mais pormenorizada ao livro didático do aluno, investindo em temas e atividades que possibilitem ao professor explorar o conhecimento em conjunto com os alunos.

Um segundo ponto relevante quando o assunto é livro didático de Educação Física e no caso do professor observado identificamos a necessidade mais urgente por livros didáticos direcionados aos alunos. Ao longo das aulas o professor se interessou pouco pelo livro didático do professor, o que realmente colaborou com seu trabalho foi o livro didático de basquetebol para o aluno.

Esse incremento e detalhamento do livro didático do aluno, segundo Martins (2006) é uma tendência e uma necessidade também encontrada na atualização dos livros didáticos de ciências. Martins (2006) afirma que é cada vez mais frequente nos livros didáticos de ciências o uso de recursos visuais, sugestões de atividades a serem realizadas pelos alunos, entre outras características que adequam os livros às exigências do processo de ensino-aprendizagem.

Outra indagação que nos propusemos a investigar foi a realização de adaptações nas atividades adotadas, com o objetivo de adequá-las às necessidades da turma.

O professor que acompanhamos adotou apenas as atividades que estavam adequadas à realidade de seus alunos, em nenhum momento adaptou alguma atividade para que pudesse fazer parte de seu repertório. Avaliava a atividade pensando na possibilidade de aplicá-la a turma, se não estivesse adequada preferia descartá-la a ter o trabalho de adaptá-la.

O ideal seria que o professor despendesse mais energia sobre a análise e estudo do livro didático, com certeza com um olhar mais atento, muitas atividades poderiam ser transformadas, modificadas e adaptadas.

Ainda em relação às formas de utilização do livro didático, o professor considera o livro do aluno importante? Caso utilize esse material, como isso é efetivado?

Utilizou o livro didático do aluno basicamente de três formas, primeiro solicitando a realização de atividade em sala de aula, para em seguida tirar dúvidas e resolver em conjunto com os alunos as atividades propostas. Considerei essa a melhor estratégia de utilização do

livro didático, isso porque o professor dá um encaminhamento mais objetivo as atividades, os alunos se sentem no dever de realizar as tarefas, as dúvidas surgem com frequência e podem ser respondidas pelo professor e por fim é possível até discutir as inúmeras respostas a cada questão.

De fato, não basta esperar de todos os alunos autonomia e responsabilidade para realização das atividades propostas no livro, é imprescindível encontrar estratégias de encaminhamento, acompanhamento e avaliação das atividades do livro didático do aluno.

Outra estratégia também relevante de utilização do livro do aluno, mas que foi menos efetiva que a anterior, foi a solicitação de tarefas para casa tendo o livro como base. A intenção do professor foi bastante válida e de início os alunos se comprometeram com o trabalho, mas na fase de acompanhamento e avaliação o professor demonstrou pouca preocupação com o cumprimento das tarefas, o que desmotivou alguns alunos a continuarem o trabalho e permitiu àqueles que não haviam feito perceber que se tratava de uma atividade pouco valorizada, podendo assim, ser negligenciada, por boa parte da turma.

Por fim, o livro didático do aluno foi utilizado no processo de avaliação teórica sobre o basquetebol, o professor escolheu algumas questões do livro do aluno para compor uma prova escrita. Considerei muito coerente a estratégia do professor, isso porque cobrou a reprodução de conceitos que já haviam sido debatidos e respondidos, o que tornou sua apreensão bastante significativa.

Em resumo, os professores quando questionados sobre a utilização do livro didático de basquetebol apontam dificuldades em visualizar a materialização do livro didático nas práticas docentes e restringem-se a apontar seu uso em situações de ensino-aprendizagem. Nas aulas do professor observado (estudo de caso) percebemos que o livro didático de basquetebol não é a referência que norteia o desenvolvimento das aulas, de outra forma é um material auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. As escolhas dos temas e atividades estão intimamente ligadas às concepções de ensino do professor, sendo que há pouca preocupação com a análise do material no sentido de transformá-lo e adaptá-lo à realidade das aulas. Por fim, chama-nos especial atenção o papel representado pelo livro didático do aluno, material amplamente aceito e utilizado pelo professor e seus alunos.

❖ **A recepção do livro didático por parte dos alunos**

Tentar compreender a recepção dos alunos ao livro didático de basquetebol nas aulas de Educação Física é mais um desafio a ser enfrentado.

Na análise dos professores haveria comportamentos distintos quanto à recepção do livro didático de basquetebol, observaríamos alunos bastante interessados e motivados com o livro didático, e por outro lado, alunos desinteressados e em alguns casos bastante resistentes à sua utilização.

[...] existem alunos que vão adorar ler e responder as questões do livro e alunos que não se interessariam. (Professor 1)

Acho que o livro causaria curiosidade nos alunos, atrairia os alunos para se interessar pelas aulas. (Professor 4).

[...] muitos alunos ainda não estão acostumados que a Educação Física não é a prática pela prática, então ofereceriam resistência a isso, mas não uma resistência ao livro em específico. É resistência a qualquer material que vai chegar, eles estão acostumados desde pequenos a estarem com uma bola, correndo para lá e para cá achando que isso é aula. (Professor 3)

Concordamos com a fala dos professores quando apontam que um grupo de alunos aceitaria com bastante interesse o livro didático, mas também salientam que as expectativas de um número significativo de alunos ainda é apenas realizar as práticas.

No decorrer da observação do estudo de caso, identificamos todos esses aspectos em conjunto. Ficou bastante evidente nas situações reais de ensino que um grupo de aluno se identificou com o livro de basquetebol e outro grupo que nem sequer folheou-o, em seu primeiro contato com o material.

Imaginávamos de início que o comportamento dos alunos seria de total desaprovação, mas para nossa surpresa não reclamaram e também não festejaram. Percebemos uma atitude passiva entre alguns alunos que se quer abriram o livro, já outro grupo folheou o material e se interessou por algumas atividades e imagens.

Nas entrevistas, quando questionados sobre a recepção do livro didático por parte dos alunos os professores afirmaram que eles teriam comportamentos distintos, alunos bastante interessados e alunos bastante resistentes. No caso da realidade observada não identificamos comportamentos tão antagônicos, de fato percebemos alunos que gostaram do livro didático e alunos que não se preocuparam muito, mas em nenhum momento repudiaram ou resistiram à sua utilização.

No decorrer das aulas, à medida que o livro didático foi sendo utilizado, percebemos alguns alunos mais comprometidos e interessados com a realização das tarefas, outros nem tanto.

Aqueles alunos que realmente se interessaram pelo livro podem ser divididos em dois grupos de acordo com a análise do professor-participante. Em sua compreensão alguns alunos

se interessaram pelo livro de basquetebol por já possuírem certa afinidade com o esporte e sentiram o desejo de saber mais. Um segundo grupo formado pelo que o professor definiu de “bons alunos”, que também se motivou com a possibilidade do livro didático, um comportamento esperado, já que esses alunos normalmente demonstram-se bastante participativos, independentemente da temática abordada.

Ficou evidente no decorrer das observações que os alunos receberam o livro didático de basquetebol como mais um material do cotidiano das aulas a compor as estratégias de ensino do professor, assim como uma explicação na lousa, a apresentação de um vídeo ou a leitura de um texto.

Foi somente a partir do momento que o professor concebeu e utilizou o livro didático de basquetebol que os alunos começaram a atribuir significado e sentido a esse material. O livro didático em si não provoca grande euforia ou mesmo grande resistência entre os alunos, o que gera tais expectativas são os usos que se faz dele.

Tentando exemplificar esse comportamento dos alunos é válido discorrermos sobre algumas observações. No primeiro dia de minha visita o professor apresentou o livro didático de basquetebol aos alunos e dedicou um período da aula explicando as finalidades do material, para em seguida distribuí-lo a cada um dos alunos. Nesse dia o livro passou quase despercebido, alguns alunos folhearam, outros simplesmente guardaram o material. Por outro lado, no terceiro dia de minha visita o professor iniciou a resolução de algumas atividades contidas no livro do aluno, a partir disso, os alunos começaram a se manifestar, sendo que alguns gostaram e outros reclamaram.

A partir do conhecimento e utilização do livro didático é que os alunos começaram a confrontar as características desse material com a realidade das aulas de Educação Física, como o livro didático de basquetebol envolve atividades de leitura e escrita alguns alunos se manifestaram um pouco resistentes, já que o desejo era vivenciar o jogo na quadra.

Quanto a essas manifestações de resistência identificamos que a postura do professor acaba influenciando na relação que os alunos estabelecem com o livro didático, nos momentos em que o professor tratou o livro didático de basquetebol com comprometimento, ou seja, se responsabilizou pelo desenvolvimento, acompanhamento e avaliação das atividades, a maioria dos alunos acabou confiando no docente e se empenhou no entendimento e realização das atividades. Por outro lado, nos momentos em que o professor demonstrou pouca preocupação com o material, ou seja, demonstrou desinteresse na condução das atividades, os alunos acabaram negligenciando a necessidade de cumprir as tarefas.

Evidente, que as expectativas dos alunos quanto ao desenvolvimento das aulas devem ser consideradas, mas quando o professor acredita na importância do conteúdo, convence os alunos de sua relevância e se compromete com o desenvolvimento, acompanhamento e avaliação das aulas assim os alunos tendem a demonstrar cumplicidade ao professor e passam a resistir menos.

Forquin (1993) discutindo educação e cultura, afirma que a função de transmissão cultural da escola é um tema recorrente, por vezes confuso e ao mesmo tempo crucial nas reflexões sobre os problemas da educação. Em sua análise, tais temáticas dizem respeito aos conteúdos pedagógicos do processo pedagógico e mobilizam a identidade mais profunda dos professores. Ou seja, a discussão dos conteúdos escolares, sua seleção, sua escolha, sua transmissão e avaliação estão na dependência das convicções dos professores sobre o papel da educação escolar.

Forquin (1993) apresenta ainda, que não há ensino possível sem o reconhecimento, por parte dos alunos, da legitimidade do que está sendo ensinado, apesar disso, considera mais relevante que o professor compartilhe esse sentimento.

Para tanto, Forquin (1993) afirma:

Toda pedagogia cínica, isto é, consciente de si como manipulação, mentira ou passatempo fútil, destruiria a si mesma: ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus próprios olhos (FORQUIN, p. 9, 1993).

Não foi a primeira oportunidade que identificamos o comprometimento do professor com a prática docente como uma alternativa a resistência dos alunos. Rodrigues e Darido (2008) observando aulas de uma professora com mestrado também identificaram tal competência. A professora demonstrando interesse e preocupação com a prática pedagógica e atenta as necessidades, anseios e desejos de seus alunos conquistava o respeito e cumplicidade ao longo das aulas. Essa aceitação facilitava o desenvolvimento de conceitos e atitudes sobre as manifestações corporais.

O mesmo parece acontecer com o livro didático, ou seja, o professor que acredita no seu potencial oportuniza um ensino de qualidade para seus alunos.

Assim, sobre a resistência dos alunos ao livro didático de basquetebol existem comportamentos distintos, alunos mais interessados e outros nem tanto. Mas o elemento mais relevante da relação que o aluno estabelece com o livro didático está na postura do professor

quanto à sua utilização. Não basta esperar que os alunos naturalmente gostem e utilizem o livro didático, é imprescindível organizar intencionalmente as aulas com ações que levem os alunos a se comprometerem com sua utilização.

8. Considerações Finais

Nosso interesse na presente pesquisa esteve focalizado em dois temas centrais: o basquetebol e o livro didático, analisando suas possibilidades na Educação Física escolar.

O objetivo do estudo foi em um primeiro momento elaborar um livro didático de basquetebol para o Ensino Fundamental: um dirigido ao professor e outro ao aluno. Em um segundo momento o objetivo dessa pesquisa foi investigar como cinco professores de Educação Física avaliam a aplicabilidade do livro. E em uma terceira etapa foi investigar como um professor utiliza esse livro em situações reais de ensino.

O estudo e a discussão do livro didático no campo da Educação, ainda é assunto bastante polêmico, nesse sentido, identificamos posturas contrárias ao seu uso em situações de ensino-aprendizagem na escola (SILVA, 1988; 1996) e posturas a favor do uso e estudos mais aprofundado do livro didático no ambiente escolar (LAJOLO, 1996; ZABALA, 1998; BATISTA, 2000; MUNAKATA, 2000; 2003; BITTENCOURT, 2004; CHOPPIN, 2004).

Na análise de Bittencourt (2004), apesar das inúmeras crítica que podem ser endereçadas ao livro didático, ele vem sendo considerado um instrumento indispensável ao processo de escolarização. Concordamos com Bittencourt (2004) e acreditamos nas possibilidades do livro didático em colaborar com o trabalho docente e com a melhoria das aprendizagens dos alunos.

No caso específico da Educação Física percebemos que o campo de pesquisa do livro didático é bastante negligenciado e apontamos como justificativas dessa realidade a tradição

do saber fazer na área que dificulta a eminência de proposta com características conceituais como é o caso do livro didático, bem como o período de redirecionamento do pensar a respeito do objeto de estudo da Educação Física que aconteceu concomitantemente ao período de pesadas críticas ao livro didático na Educação, fato que pode ter afastado professores e pesquisadores da tarefa de pesquisar e produzir livros didáticos na Educação Física.

Em relação à fase de elaboração do livro didático de basquetebol enfrentamos inúmeras dificuldades na reflexão e construção do material.

Em um primeiro momento foi preciso definir o referencial teórico que nos desse sustentação. Assim, partimos da compreensão da Educação Física como componente curricular responsável pela introdução e integração do aluno na esfera da cultura corporal. No âmbito da cultura corporal optamos por aprofundarmos o esporte, em específico o basquetebol.

Para tanto, entendemos que o basquetebol é um patrimônio cultural da humanidade, sendo assim, merece ser preservado e transmitido, é também uma linguagem corporal específica que permite a expressão e comunicação. Discorremos ainda, sobre algumas finalidades para o ensino do esporte, atentando para aspectos do lazer, da saúde, da apreciação crítica e da profissionalização no esporte.

Sobre os conteúdos, fizemos opção pela abordagem das dimensões dos conteúdos, assim, estivemos preocupados em propor um livro didático que contemplasse o “saber fazer”, o “saber sobre” e o “saber se relacionar” nas práticas do basquetebol.

Em relação aos métodos de ensino do esporte, estivemos atentos em situar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem, priorizando a compreensão da dinâmica do jogo, pelo entendimento de sua estrutura tática, baseados, principalmente, nas propostas de Bayer (1994), Greco e Benda (1998) e Kroger e Roth (2002).

Ainda na primeira fase da pesquisa, a escolha, a seleção e distribuição dos conteúdos do livro didático de basquetebol esbarrou na falta de tradição da Educação Física no encaminhamento de estudos sobre a estruturação desse tipo de material. Assim, nos ancoramos em nossas experiências como praticantes de basquetebol e professores de Educação Física, bem como na leitura e reflexão da literatura sobre o basquetebol e o livro didático.

Considerando os empecilhos e limitações na elaboração de um livro didático na Educação Física, uma primeira indicação de nosso estudo é o investimento em pesquisas que dêem suporte a construção do livro didático, nesse sentido apontamos a necessidade da realização de mais propostas quanto à sistematização dos conteúdos, propostas que possam

elucidar uma organização coerente entre os diversos conteúdos e em especial uma organização interna de cada conteúdo. Por exemplo, na elaboração de um livro didático sobre basquetebol seria interessante saber qual a sequência desse conteúdo ao longo dos anos escolares, no que diz respeito ao nosso estudo, o que realmente é essencial que o aluno do 6º ano saiba sobre basquetebol.

Não estou aqui afirmando que os estudos sobre o livro didático estão na dependência dos estudos sobre a sistematização dos conteúdos, apesar disso, podem ser estudos complementares, principalmente, a sistematização alimentando e instrumentalizando os estudos sobre a produção do livro didático.

Um primeiro aspecto interessante da avaliação do livro didático de basquetebol por parte dos professores foi à identificação e aceitação do material, os professores demonstraram interesse pela possibilidade de possuir um livro didático de apoio ao trabalho docente e enumeraram uma série de vantagens e desvantagens de sua utilização.

Apontam, por exemplo, que o livro didático pode colaborar com a condução das aulas, já que possui uma sequência organizada de conteúdos. A possibilidade de atualização dos professores defasados e o aprofundamento de conceitos e procedimentos pedagógicos por aqueles que compreendem a proposta é mais um ponto positivo. Apontam como aspecto relevante as possibilidades do livro didático destinado ao aluno, material que por possuir imagens, textos e exercícios pode ser amplamente utilizado. Por fim, indicam ainda a possibilidade do livro didático apresentar-se como um elemento a compor a prática reflexiva do professor.

Por outro lado, consideram como desvantagem ou aspecto que pode dificultar a utilização do livro didático de basquetebol o elevado volume de discussões e debates propostos. Indicam a desvantagem que o material poderia trazer se não permitisse a adaptação, ou seja, um livro didático fechado dificultaria o trabalho docente. Apontam ainda, que o livro didático é um empecilho ao professor acomodado. Demonstram ainda, dificuldades de utilização do livro didático em um contexto conturbado, marcado pela falta de apoio e a indisciplina dos alunos.

As reclamações dos professores quanto ao volume de discussões no livro didático de basquetebol indica a necessidade de repensarmos as características das atividades para livros didáticos que venham a ser elaborados. Se pudéssemos reelaborar o livro didático de basquetebol, certamente, investiríamos em um número maior de atividades que possibilitem vivências e práticas do esporte, mas ainda sim preservariamos os debates e discussões.

Quanto ao espaço desses debates e discussões concordamos com a indicação de um dos professores, para o qual esses conteúdos deveriam ser desenvolvidos em momentos iniciais e finais das aulas, já que sua introdução ao longo das vivências esbarra na motivação dos alunos em continuar se movimentando, brincando e jogando.

Interessante perceber, como é complexa a avaliação e relação que os professores estabelecem com o livro didático, o que fica evidente, em nossa análise, é que em hipótese alguma os professores demonstram passividade frente ao material, apesar de se identificarem com ele não o compreendem como um material ideal ou perfeito.

Ao contrário, são bastante críticos em relação às vantagens e desvantagens que o livro pode proporcionar em suas práticas pedagógicas. Todas as propostas, que podem colaborar ou dificultar, são amplamente refletidas, e ao menos no nível do discurso são coerentes com suas convicções e opiniões. Exemplo disso, é a indicação de um dos professores para as necessidades urgentes de estudo e de compartilhamento do trabalho escolar, por meio de visitas e participações em congressos.

Ainda contemplando esses resultados, identificamos no estudo de caso de um dos professores certo distanciamento entre seu discurso e sua prática e procuramos justificar tais ações levando em conta a complexidade do ambiente escolar, as características de sua formação e a sua pouca experiência como docente.

Apesar dessa limitação, a identificação com a proposta do livro didático nos deixa bastante esperançosos, isso porque, ao menos no discurso, os professores começam a compreender as propostas renovadoras para Educação Física na escola, avançam na transformação das práticas e entendem o livro didático como um esforço nessa direção.

Um resultado que nos preocupou bastante foi o reduzido investimento dos professores quanto ao uso de livros ou materiais curriculares no planejamento e desenvolvimento das aulas. Reconhecemos que existem poucos livros adequados a realidades do trabalho escolar e que os professores têm a tendência de recorrerem às experiências anteriores como fonte de informações para suas intervenções.

Apesar disso, a ausência de leitura é uma prática que vem se disseminando entre os docentes, com justificativas de que não possuem tempo para tal, em função do acúmulo de aulas. Tal realidade demonstra-se nociva à utilização do livro didático, tendo em vista que as práticas que envolvem esse material exigem uma leitura constante. Nesse sentido, as pesquisas sobre o livro didático na Educação Física devem vir acompanhadas de ações que estimulem, principalmente, na formação inicial as práticas de leitura, análise e crítica do livro didático.

Outro resultado que justifica o estudo do livro didático logo na formação inicial é a dificuldade que os professores apresentaram na visualização do livro didático de basquetebol em suas práticas pedagógicas, já que a maioria deles percebeu a materialidade do livro didático apenas nas fases de implementação das aulas.

Por outro lado, nos chama atenção a grande sensibilidade, principalmente dos professores mais jovens, pela utilização da internet. A maioria deles afirma recorrer constantemente a esse recurso para o desenvolvimento das aulas.

A internet apresenta uma vantagem da qual o livro didático, inevitavelmente, não possui, que é sua possibilidade de apresentar constantemente a atualização das informações, por exemplo, recentemente a FIBA (International Basketball Federation) alterou a distância da linha dos três pontos de 6,25 m para 6,75 m. Na internet essa informação já está disponível, no livro didático essa informação só será atualizada na próxima edição, que leva no mínimo um ano, outro exemplo, é a possibilidade de estar atualizado sobre os programas televisivos, os jogos e documentários.

Mas a eminência da internet não exclui a necessidade dos livros didáticos, já que são materiais com características distintas, o ideal seria uma relação de complementaridade dos recursos atualizados da internet e dos recursos impressos do livro didático.

Os usos que o professor faz do livro didático também nos surpreendeu, primeiro pelo fato do professor ter praticamente ignorado o livro destinado ao professor e por outro lado ter utilizado amplamente o livro destinado ao aluno.

No caso do livro didático do professor consideramos oportuna a possibilidade de ressignificação desse material por parte do professor, exemplo disso, foi que após insistir no ensino dos fundamentos básicos do esporte pela decomposição dos movimentos, o professor recorreu ao livro de basquetebol com a intenção de utilizar alguns jogos mais próximos das demandas do esporte.

Em compensação, o livro do aluno foi bastante utilizado, principalmente, os exercícios e atividades que permitiam o trabalho individualizado, para tanto, o professor solicitou atividades para serem realizadas em casa, realizou em classe atividades com os alunos e utilizou o livro didático no processo de avaliação teórica.

Bastante revelador foi à relação dos alunos em relação ao livro didático, mais especificamente, a recepção desses materiais por eles. Percebemos que os alunos atribuem sentido ao livro didático a partir dos usos que se faz dele.

A priori os alunos consideram o livro didático apenas mais um material curricular a compor as estratégias de ensino professor, foi somente a partir de sua utilização que os alunos

se manifestaram. Sobre o comportamento dos alunos, identificamos que quando o professor tratou o livro didático de basquetebol com comprometimento, planejando, acompanhando e avaliando as atividades, os alunos acabaram por confiar no trabalho e passaram a resistir menos.

A presente pesquisa foi um estudo preliminar, tendo como foco o livro didático na Educação Física escolar. Desenvolvemos o trabalho em três momentos distintos, elaboração do livro didático, avaliação do livro didático e observação dos usos que um professor faz do livro didático.

Para cada uma dessas fases, novas pesquisas merecem ser aprofundadas. Quanto à elaboração de um livro didático na Educação Física é imprescindível investigar e vislumbrar princípios que ancorem a realização de uma proposta. No que diz respeito à avaliação do livro didático por parte do professor parece imperativo investir nas propostas que auxiliem a integração entre teoria e prática.

Por fim, fica mais que evidente a proeminência das pesquisas com o livro didático para o aluno, principalmente, com a construção de materiais que aprimorem o trabalho do professor.

A prática pedagógica em Educação Física vem exigindo dos professores um trabalho cada vez mais intenso de estudo e pesquisa sobre as novas propostas para esse componente curricular, dentre elas, destacamos a diversificação dos conteúdos, o desenvolvimento de conteúdos conceituais e atitudinais, a co-educação, os temas transversais, o planejamento participativo, a construção do projeto político pedagógico, entre outras propostas.

Por outro lado, os professores interessados nesse tipo de trabalho não encontram materiais didáticos adequados a suas realidades, nesse sentido, apontamos o livro didático como uma das possibilidades de contribuir com o trabalho dos professores, bem como, com as aprendizagens dos alunos e com a melhoria na qualidade das aulas de Educação Física na escola.

9. Referências

ÁNDRE, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 10ª ed., 2003.

AYOUB, E. Educação física escolar: compromisso e desafios. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v.10, p. 106-117, 2003.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M. (org). Leitura, História e História da Leitura. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 2000.

BAYER, C. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BETTI, M. Educação física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. Valores e finalidades na educação física escolar: concepção sistêmica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v.3, p. 73-127, 1996.

BETTI, M. Educação física, esporte e cidadania. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, p. 84-91, 1999.

BETTI, M; KUNZ, E; ARAÚJO, L. C. G; GOMES DA SILVA, E. Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 39-53, 2007.

BITTENCOURT, C. M. F. Em foco: história, produção e memória do livro didático. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 1-3, 2004.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986.

BRACHT, V. Esporte, estado e sociedade. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v. 10, n. 2, p. 69-73, 1989.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. Movimento, Porto Alegre, v.1, n. 12, p. XIV a XXIV, 2000/01.

BRACHT, V. Pesquisa-ação: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física/ Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN+. Brasília: MEC, SEMTEC, p. 139-179, 2002. (Área: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias - Educação Física).

BRASILEIRO, L. T. O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de educação física na perspectiva crítica. Revista Movimento, Porto Alegre, v.8, n.3, p. 5-18, set./dez. 2002.

CASSAB, M; MARTINS, I. Significações de professores de ciências a respeito do livro didático. Ensaio-Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, 2008.

COLL, C; POZO, J. I; SARABIA, B; VALLS, E. Os conteúdos na reforma. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, 2004.

DAÓLIO, J. Educação Física escolar: uma abordagem cultural. In: PICCOLO, V. L. N., org. Educação física escolar: ser ou não ter. Campinas: UNICAMP, 1993.

DAÓLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-104, 2002.

DAÓLIO, J. Da cultura do corpo. 8ª ed. Campinas: Autores Associados, 2004a.

DAÓLIO, J. Educação física e conceito de cultura. Campinas: Autores Associados, 2004b.

DARIDO, S.C. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S.C; RANGEL. I. C. A. Educação física na escola, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FARIA, E. L. Conteúdos da educação física escolar: reflexões sobre educação física e cultura. Revista Mineira de Educação Física de Viçosa, Viçosa. v.12, p. 124-142, 2004.

FERREIRA, H. B; GALATTI, L. R; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R. R; BALBINO, H. F. (org). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FORQUIN, J. C. Currículo e cultura. In: FORQUIN, J. C. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, E. dos S; MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Educação física no ensino fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. Revista Motriz, Rio Claro, v.10, n.3, p.141-151, set./dez. 2004.

GALVÃO, Z. Educação física escolar: a prática do bom professor. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, n.1, 2002.

GONZÁLES, F. J. Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (org). O fenômeno esportivo: ensaios críticos-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p.69-109.

GRAÇA, A; MESQUITA, I. Ensino do desporto. In: TANI, G; BENTO, J. O; PETERSEN, R. D. S. (org). Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GRECO, P. J; BENDA, R. N. Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GUIMARÃES, A. A; PELLINI, F. C; ARAUJO, J. S. R; MAZZINI, J. M. Educação física escolar: atitudes e valores. Motriz, Rio Claro, v.7, p. 17-22, 2001.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, v.16, n 69, 1996.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

KOLYNIAC FILHO, C. O esporte como objeto da educação física ou ciência da motricidade humana. Discorpo, São Paulo, n.7, p. 31-46, 1997.

KRÖGER, C; ROTH, K. Escola da bola: um abc para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

KUNZ, E. Transformações didático-pedagógicas do esporte. 6ª ed. Ijuí: Unijui, 2004.

MARTINS, I. Analisando livros didáticos na perspectiva dos Estudos do Discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para pesquisa. Pro-Posições, Campinas, v. 17, n. 1, p.117-136, 2006.

MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, v. 2, 1974.

MEDINA, J. P. S. A educação física cuida do corpo... e mente. 2ª ed. Papirus: Campinas, 1983.

MEGID NETO, J; FRACALANZA, H. O livro didático de ciências: problemas e soluções. Ciência e Educação, Bauru, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003.

MOREIRA, W. W. Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica. Campinas: Editora da Unicamp, 2ª ed., 1992.

MUNAKATA, K. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, M. (org). Leitura, História e História da Leitura. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 2000.

MUNAKATA, K. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil; das idéias à materialidade. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA, 6., 2003, San Luis Potosí. História de las ideas, actores y Latinoamericana: Memória. San Luis Potosí: Colegia de San Luis, 2003.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. In: TANI, G; BENTO, J. O; PETERSEN, R. D. S. (org). Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PALMA, A. P. T. V. et al. Educação Física e a organização curricular: educação infantil e fundamental. Londrina: Eduel, 2008. p.27-45.

PIÉRON, M. Formação de professores: aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana (Universidade Técnica de Lisboa), 1996.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org). Saberes pedagógicos e atividade docente. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, G. N. S. A natureza da pesquisa em educação física escolar. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 8., 2005, São Paulo. Educação física escolar: questões epistemológicas, pesquisa e educação continuada. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte EEFUEUSP, 2005.

RAMOS, V; GRAÇA; A. B. S; NASCIMENTO, J. V. O conhecimento pedagógico do conteúdo: estrutura e implicações à formação em educação física. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.22, n.2, 2008.

RANGEL-BETTI, I. C. BETTI. M. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. Motriz, Rio Claro, v. 2, n.1, 1996.

RANGEL, I. C. A. VENÂNCIO, L. RODRIGUES, L. H. NETO, L. S. DARIDO, S. C. Os objetivos da educação física. In: Educação física na escola, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

RANGEL, I. C. A. NETO, L. S. DARIDO, S. C. GASPARI, T. C. GALVÃO, Z. O ensino reflexivo como perspectiva metodológica. In: Educação física na escola, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

RODRIGUES, H. A; DARIDO, S. C. Conteúdos na educação física escolar: possibilidades e dificuldades na aplicação de jogos nas três dimensões dos conteúdos. Revista Lecturas, Buenos Aires, n. 96, maio 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd96/jogos.htm>>. Acesso em: 2 out. 2006.

RODRIGUES, H. A; DARIDO, S. C. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. Movimento, Porto Alegre, v.14, n.2, 2008.

ROSÁRIO, L. F. R. A educação física na escola e suas interfaces com os conteúdos de história e ciências nos livros escolares. 2006. 92f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista- Campus Rio Claro, Rio Claro, 2006.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R; BALBINO, H. F. (org). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

SCHON, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NOVÓIA, A. Os professores e sua formação, Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, E, T. Apresentação. In: MOLINA, O. Quem engana quem: professor x livro didático. Campinas: Papirus, 1988. p.9-11.

SILVA, E, T. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. Em Aberto, v.16, n.69, 1996.

SOARES, et al. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. Educação física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do ensino de 1º grau: uma abordagem de desenvolvimento. Kinesis, v 3, n.1, p.19-41, 1987.

TARDIF, M; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação e Sociedade, ano XXI, n. 73, 2000.

TEIXEIRA, H. V. Trabalho dirigido de educação física. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

TRIVIÑOS, A. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M. J. G. O que é esporte. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TUBINO, M. J. G. Dimensões sociais do esporte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e método. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

10. Anexo I - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 34/2008

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 4701	Data: 01.08.08
Projeto de Pesquisa: "Basquetebol na escola: a construção e a avaliação de um livro didático"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: -,-
---------------------	------------------------------

Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável:
	Orientando(a):

Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: Heitor de Andrade Rodrigues
	Orientador(a): Profa. Dra. Suraya Cristina Darido

Objetivo Acadêmico:	☐ TCC ☒ Mestrado ☐ Doutorado ☐ Outros (especificar)
---------------------	---

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 32ª reunião Ordinária, realizada em 02/12/2008,	
☒	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
☐	Não Aprovou.
☐	Retirou, devido à permanência das pendências.
☐	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha, com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP/MS, por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4, c.

Rio Claro, 03 de dezembro de 2008.
 Profa. Dra. Maria Izabel Souza Camargo Coordenadora do CEP

11. Anexo II – Transcrição de uma entrevista

Pesquisador

– Em primeiro lugar gostaria que você falasse livremente sobre suas impressões do livro didático de basquetebol, o que achou, o que lhe trouxe de lembrança, o que trouxe de indagação?

Participante

– Em um primeiro momento, quando você me passou o material eu gostei muito, porque um material didático seja ele uma apostila, um caderno ou orientações, dentro da rede estadual é muito importante para os professores. Pois nos temos alguns professores que estão contextualizados e atualizados e professores que estão muito defasados, então dentro dessa barca tem gente de todo tipo.

- Nesse sentido, quando surge um material seja ele de qualquer espécie, acho muito válido para ser analisado. E foi isso que veio na minha cabeça, achei muito rico e pensei que tem muito coisa legal que pode ser trabalhado, que pode ser implementado e pode até ser melhorado, que pode ser aproveitado pelos professores.

- Então assim, acho que é uma proposta diferente, é coisa diferente, é disso que a rede está precisando, a própria rede particular, a Educação Física como um todo está precisando. O ponto de partida para mim é excepcional, ele é muito positivo.

Pesquisador

- Agora vou iniciar fazendo algumas perguntas que não são tão específicas do livro didático de basquetebol, para em seguida aprofundar em questões mais pontuais.

- Quando você vai ministrar aulas de esporte na escola, você utiliza algum livro?

Participante

- Uso alguns livros de apoio que dão base para montar minha aula, por exemplo, alguns livros que trabalham fundamentos esportivos, livros de regras, livros de atualidades, muito material jornalístico. Algo em cima disso, não que eu vou repetir algum conceito que tem no livro com eles, mas eu preciso desse alicerce para montar minhas aulas.

Pesquisador

- Dentre esses livros que você utiliza algum deles é livro didático?

Participante

- Não conheço nenhum para o ensino da Educação Física. Eu na verdade desconheço livro didático na Educação Física, como os que a gente encontra em outras disciplinas. Tem o material da nova proposta do governo do Estado de São Paulo, mas tem mais cara de apostila do que livro didático.

Pesquisador

- Você sente a necessidade de algum material prévio para planejar, aplicar e avaliar suas aulas?

Participante

- Então, depende do que seja sentir necessidade. Porque assim, eu vejo que é muito importante você ter um material de apoio, livro didático, uma reportagem, um livro de regras, vejo isso como necessário. Mas é vital? Não acredito que seja vital, mas ajudaria, mas ajudaria muito. Como disse em minha fala inicial muitos professores dependem disso hoje.

Pesquisador

- Em sua opinião o livro didático de basquetebol poderia dificultar o seu trabalho?

Participante

- Depende do que a gente acha dificuldade. Quando recebo um material desse para trabalhar o mínimo que tenho que fazer é ler, é estudar, é repensar minhas aulas. Então para muitos isso seria uma dificuldade, para mim não é dificuldade nenhuma, para mim seria muito bem vindo, pois eu aprimoraria minhas aulas.

Pesquisador

- Você fala que dificultaria o trabalho de outros professores, pois seria uma concepção diferente?

Participante

- Sim, porque para muitos professores a aula se restringe em pegar a bola e vamos jogar. Traria uma dificuldade, já que ele precisaria ler. Além disso, tem o livro do aluno e ele vai começar a questionar, vai começar a ler, se interessar. E o professor tira essas respostas da onde? Da onde ele tira esse conhecimento? Então desse ponto de vista seria uma dificuldade, por outro lado seria um benefício.

Pesquisador

- Você acha que o livro didático poderia colaborar com seu trabalho?

Participante

- Poderia, poderia muito. Porque dentro do nosso componente curricular nós temos uma abrangência muito grande e a gente não consegue dar conta de tudo isso. Todas as manifestações esportivas e culturais não daríamos conta de tudo isso.

- De repente um livro didático vai me trazer algumas informações que eu não estou habituado, isso vai ficar mais fácil para mim. Segunda maneira, mesmo dentro do universo que eu já conheça ou domine, eu posso ter idéias novas, coisas ruins que posso perceber que não dariam certo. Mas assim, eu tenho idéias e trabalhar com idéias é importantíssimo, para você julgar, para você avaliar, para você testar.

Pesquisador

- Como você utilizaria o livro didático de basquetebol?

Participante

- Primeiro analisaria para ver se este livro está de acordo com nossa proposta, é isso que a gente fala na escola, é isso que a escola definiu como parâmetro. Se ele não eu procuraria um outro material, se ele é eu analisaria com mais calma, mais a fundo para verificar quando estou trabalhando o basquetebol. Em que ano? Em qual bimestre? Quanto tempo tenho para trabalhar? Do livro trabalho com tudo ou não trabalho com tudo? Aprofundo mais ou fico só superficial?

- Na implementação das aulas utilizaria sem dúvida alguma, já que ele faz parte, já que nós aprovamos. O que do livro eu aproveitaria? Quais atividades eu trabalharia? Coisa muito interessante do livro didático de basquetebol é que ele traz textos não apenas aos alunos, mas também ao professor, que é a questão da atualização, eu acho isso importantíssimo.

Pesquisador

- Qual das atividades você considerou mais interessante?

Participante

- Bom, eu gosto muito de trabalhar com o jogo e desde o começo a proposta traz muitas idéias de jogo, não fica presa aos fundamentos. Então todas essas propostas que

trabalhamos com o jogo, por exemplo, temos jogos dos passes, isso são formas de ensinar o basquetebol sem ficar preso aos fundamentos. Para o professor isso é primordial, pois você não tem que ficar preso à técnica correta do movimento. Inclusive isso de executar a técnica as vezes é muito desmotivante ao aluno. Na minha opinião o jogo traz informações, traz situações que a gente pode aproveitar, da mesma maneira que esteja aprendendo um fundamento, mas sendo possível discutir outras coisas. Discutir a violação às regras, a altura dos participantes, discutir a mulher no esporte, são situações que vão aparecer ao longo do jogo e a gente pode aproveitar. Porque você jogar menino e menina junto é complicado, os meninos são mais agressivos, as meninas são mais recatadas, são mais tímidas dentro do jogo. Por isso, toda atividade que traz o jogo em eu gostei muito.

- Outra atividade que me chamou a atenção foi a construção da quadra, em uma fase inicial acho isso primordial, olha como podemos construir a quadra. Estou dando aulas de tênis, como posso construir uma raquete. Toda construção é muito rica para o aluno, ele participa do processo, não assim, olha pessoal a quadra está pronta vamos jogar, não vamos pintar a quadra, acho que o aluno pega muito isso.

Pesquisador

- Qual das atividades você não usaria?

Participante

- Agora não me lembro de cabeça o que não utilizaria, Acho que todas estão aptas a serem utilizadas, talvez adaptaria alguma coisa, mas vejo que tranquilamente poderia usar todas.

Pesquisador

- O que você achou do encadeamento dos temas e das atividades dentro dos temas?

Participante

- Eu gostei muito da sequência, gostei mesmo. A única coisa que incomoda um pouco, é que dentro de uma rede estadual ou mesmo particular, talvez caberia uma apresentação do trabalho. Trabalharemos de tal maneira, por exemplo, o aspecto do jogo pensamos de tal maneira que no jogo acontece isso e isso. Por que? Porque tem professores que sentem necessidade disso. De repente alguns teriam dificuldade de ensinar o basquetebol a partir de um jogo de passes, alguns teriam grande de ensinar um jogo sem pensar em regras, vamos jogar o basquetebol a partir do conhecimento deles, alguns teriam dificuldades. Então uma apresentação no começo seria interessante, da proposta como ela está estruturada.

- Um outro aspecto que pode ser mal interpretado é que você deixa para o final para discutir a mulher e os deficientes. Acho que eu traria isso no meio, mais mesclado, não

deixaria para o final. De repente na cabeça de um professor até aqui é o basquetebol, depois estarei trabalhando com a diversidade. Então tenho que dar prioridade ao que vem antes, que é o conteúdo, cadeira de rodas vem depois. Ou seja, até aqui é o básico o resto é algo a mais que tenho que trabalhar. Se der tempo eu trabalho, por isso que colocaria no meio do texto.

Pesquisador

- Como podem ser as respostas dos alunos frente ao livro didático de basquetebol?

Participante

- Olha vou dar uma resposta a partir da minha realidade, depois vou a uma suposição.
- Em minha realidade que é uma escola estadual muito boa, que os alunos já estão acostumados com esse tipo de proposta, tem aula teórica, tem produção de conhecimento, não é somente aula prática seria muito bem vindo e eles gostariam muito.
- Agora, eu acredito que também na rede como já ouvi relatos de colegas meus, muitos alunos ainda estão acostumados que a Educação Física é a prática pela prática então teria uma certa resistência a isso, mas não é uma resistência a esse livro em específico, é resistência a qualquer material que vai chegar, eles estão acostumados desde de pequenos a estarem com uma bola, correndo pra lá e pra cá achando que isso era aula. Do ponto de vista do livro que chega ao local, em que os professores estão a fim de trabalhar e o aluno já está acostumado a trabalhar será bem vindo. O problema não seria o livro de maneira alguma.